

L.
28261 P.



21/10 10. 28/10

RAUL BRANDÃO

HUMUS



EDIÇÃO DA
« RENASCENÇA PORTUGUESA »
PORTO

Co. 28261



Direitos reservados

HUMUS

RAUL BRANDÃO

Lo
28261

24 de Junho de 1918

Humus

N.º 22095
N.F.

O que tu vês é bello; mais bello o
que suspeltas; e o que ignoras muito
mais bello ainda.

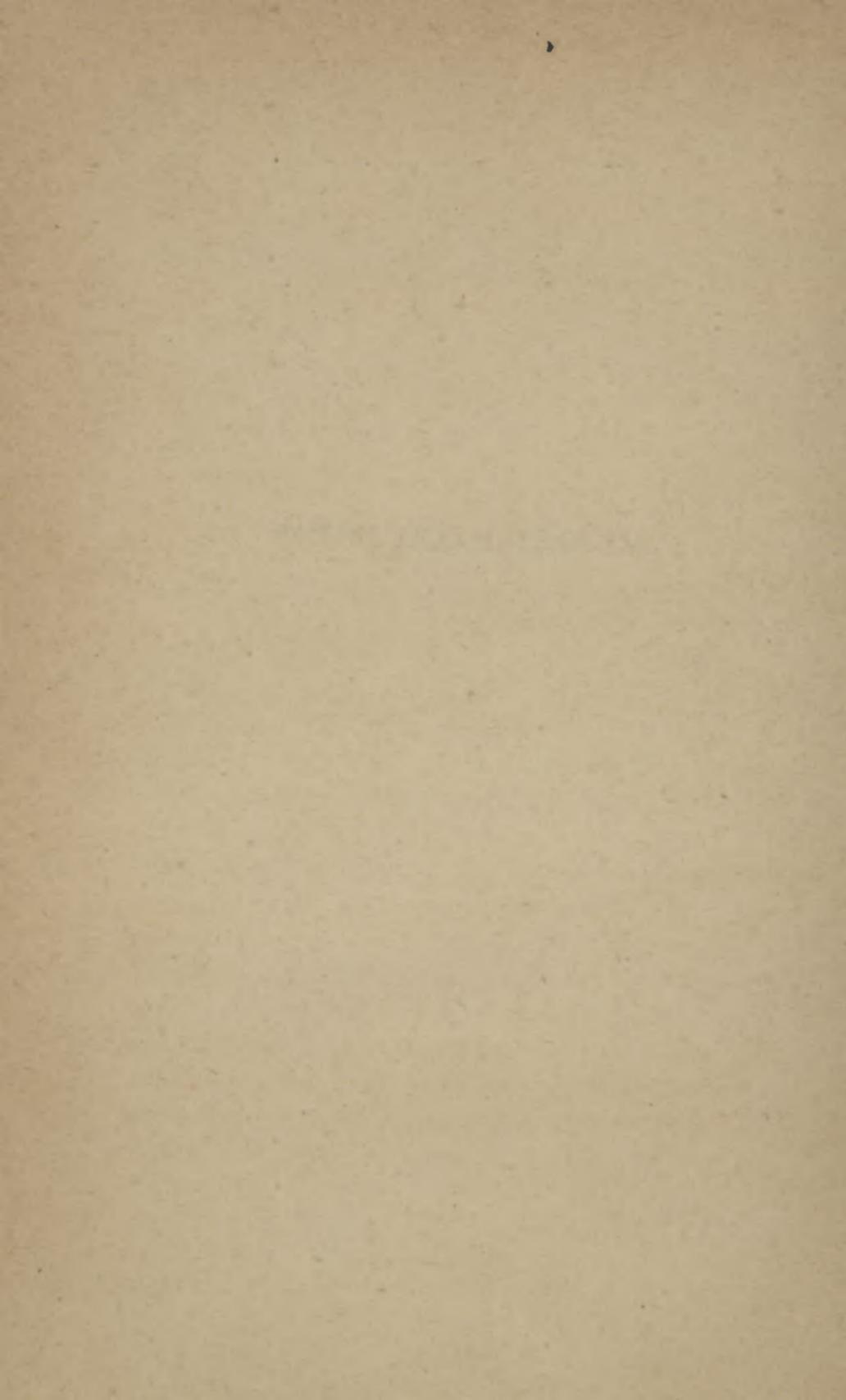
D'UM AUTOR DESCONHECIDO.



EDIÇÃO DA
« RENASCENÇA PORTUGUESA »
PORTO

Registrado a fl.º 9 do livro nº 61
N.º 29

AO MESTRE COLUMBANO



A VILLA

13 DE NOVEMBRO.

Ouçõ sempre o mesino ruido de morte que de-
vagar roo o persiste . . .

Uma villa encardida — ruas desertas — pateos
de lages soerguidas pelo unico esforço da erva —
o castelo — restos intaetos de muralha que não
teem serventia: una escada enervada nos alveo-
los das paredes não conduz a nenhures. Só uma
figueira brava consegniu meter-se nos intersticios
das pedras e d'ellas extrae succo o vida. A torre —
a porta da Sé com os santos nos seus nichos — a
praça com arvores rachiticas e um coreto de zineo.
Sobre isto um tom denegrido e nniforme: a hu-
midade entranhou-se na pedra, o sol entranhou-se
na humidade. Nos corredores as aranhas tecem
inmutaveis toias de silencio e tédio o una cinza
invisivel, manias, regras, habitos, vae lenta-

mente soterrando tudo. Vi não sei onde, n'um jardim abandonado—inverno e folhas seccas—entre buxos do tamanho d'árvores, estatuas de granito a que o tempo corroera as feições. Pui-as e a expressão não era grotesca mas dolorosa. Sentia-se um esforço enorme para se arrancarem á pedra. Na realidade isto é como Pompeia um vasto sepulchro: aqui se enterraram todos os nossos sonhos... Sob estas capas de vulgaridade ha talvez sonho e dôr que a ninharia e o habito não deixam vir á superficie. Afigura-se-me que estes sêres estão encerrados n'um involuero de pedra: talvez queiram falar, talvez não possam falar.

Silencio. Ponho o ouvido á escuta e ouço sempre o trabalhó persistente do caruncho que roe ha seculos na madeira e nas almas.

15 NOVEMBRO.

Debaixo d'estes tectos, entre cada quatro paredes, cada um procura reduzir a vida a uma insignificancia. Todo o trabalho insano é este: reduzir a vida a uma insignificancia, edificar um muro feito de pequenas coisas deante da vida. Tapal-a, escondel-a, esquecel-a. O sino toca a finados, já ninguem ouve o som a finados. A morte reduz-se a uma cerimonia, em que a gente se veste de luto

e deixa cartões de visita. Se eu pudesse restringia a vida a um tom neutro, a um só cheiro, o môfo, e a villa a côr de mataborrão. Seres e coisas criam o mesmo bolor, como uma vegetação cryptogamica, nascida ao acaso n'um sitio humido. Teem o seu rei, as suas paixões e um cheirinho suspeito. Desaparecem, resurgem sem razão aparente d'um dia para o outro n'um palmo do universo que se lhes afigura o mundo todo. Absorvem os mesmos saes, exalam os mesmos gazes, e supuram uma escorrença phosphorecente, que corresponde talvez a sentimentos, a vicios ou a discussões sobre a immortalidade da alma.

As paixões dormem, o riso postigo creou cama, as mãos habituaram-se a fazer todos os dias os mesmos gestos. A mesma teia pegajosa envolve e neutralisa, e só um ruido sobreleva, o da morte que tem deante de si o tempo ilimitado para roer. Ha aqui odios que minam e contraminam, mas como o tempo chega para tudo, cada anno minam um palmo. A paciencia é infinita e mete espigões pela terra dentro: adquiriu a côr da pedra e todos os dias cresce uma polegada. A ambição não avança um pé sem ter o outro assente, a manha anda e desanda, e, por mais que se escute, não se lhe ouvem os passos. Na apparencia é a insignificancia a lei da vida; é a insignificancia que governa a villa. É a paciencia, que espera hoje,

amanhã, com o mesmo sorriso humilde: — Tem paciência — e os seus dedos ageis tecem uma teia de ferro. Não ha obstaculo que a esmoreça. — Tem paciência — e rodeia, volta atraz, espera anno atraz d'anno, e olha com os mesmos olhos sem expressão e o mesmo sorriso estampado. Paciência . . . paciência . . . Já a mentira é d'outra easta, faz-se de mil côres e toda a gente a acha agradavel. — Pois sim . . . pois sim.

Cabem aqui sêres que fazem da vida um habito e que conseguem olhar o céu com indiferença e a vida sem sobresalto, e esta mixordia de ridiculo e de figuras somiticas. Mora aqui a insignificancia, e até á insignificancia o tempo imprime character. Mora aqui, parcedes meias com a colegiada, o Santo, que de quando em quando sae do torpôr e clama: — O inferno! o inferno! — Mora um chapeu, uma saia, o interesse e plumas. Moram as Telles, e as Telles odeiam as Souzas. Moram as Fonsecas, e as Fonsecas passam a vida, como bonecas desconjuntadas, a fazer cortezias. Moram as Albergarias, e as Albergarias só teem um fim na existencia: estrear todos os semestres um vestido no jardim. Moram os que moem, remoem e esmoem, os que se feeham á pressa e por dentro com uma mania, e os que se aborrecem um dia, uma semana, um anno, até chegar a hora paeata do solo ou a hora tremenda da morte. Mo-

ram os que enriquecem no fundo das lojas, onde as fazendas petrificaram. Mora aqui o egoismo que faz da vida um casulo, e a ambição que gasta os dentes por casa, o que enche a existencia de rancores e, atraz d'anno de chicana, consome outro anno de chicana. Moram na viella ingreme e cascosa, que revê humidade em pleno verão, velhas a quem só restam palavras, presas, alimentadas, encarniçadas, como um doido sobre uma corôa de lata que lhes enche o mundo todo. Mora d'um lado o espanto e a arvore; do outro o absurdo. E todos á una afastam e repelem de si a vida. Moram aqui a D. Engracia e a D. Bibliotheca. Mora aqui a Telles que passa a vida a limpar os moveis, só e fechada com os moveis reluzentes, talvez resto d'um sonho a que se apega com desespero, e velhas só medidas, só baba, só rancor. Ter uma mania e pensar n'ella com obstinação! Creal-a. Ter uma mania e vel-a crescer como um filho!... Mora aqui a D. Restituta, sempre a acenar que sim á vida, e a Ursula, cuja missão no mundo é fazer rir os outros. Todos os dias a morte os leva, todos os dias toca a finados. O nada a espera e a D. Procopia a abrir a bocca com somno, como se não tivesse deante de si a eternidade para dormir, e a D. Felizarda a invejar as plumas da D. Bibliotheca. Tudo isto se passa como se tudo isto não tivesse importancia. nenhuma; tudo isto se passa

como se tudo isto não fosse um drama e todos os dramas, um minuto e todos os minutos. Mora aqui a D. Hermengarda e a D. Penaricia — mania! mania! mania! — hoje, amanhã, sempre — e a morte joga com a regularidade meehanica d'um pendulo. Toda esta gente usa a vida como quem usa uma ninharia. Ahi vem a Adelia . . . A Timothea se tivesse de envenenar a villa, envenenava-a ás pinguinhas. Ha-os que se gastam como quem gasta uma pedra sobre outra pedra. O Felix proeurador não avança palavra sem dobrar a lingua, e conserva no escriptorio, em rimas de papel cobertas de pó, a historia da ganancia, da vida e da morte de varias gerações. O severo Elias deixa morrer a mãe á fome e todos os annos dá contos de reis aos asilos. Regula a conscieneia como quem dá corda a um relógio. Dividas são dividas. Tem regras fixas. Para não vêr o céo dobra-se sobre livros exactos: d'um lado Deve, do outro Haver. O drama do Anaeleto é um drama respeitavel, um drama por partidas dobradas, na maxima ordem e no maximo escrupulo. Cabem aqui dentro as velhas scismaticas, atraz de interesses, de paixões ou de simples ninharias, dissolvendo-se no ether, e logo substituidas por outras velhas, com as mesmas ou outras plumas nos penantes, com os mesmos ou outros ridieulos, fedorentas e maniaecas; os homens a quem se fo-

ram apegando pela vida fóra dedadas de mentira, promptos para a cova — e o Gabiru e o seu sonho. Cabe aqui o céo e as lambisgoias com as suas medidas, a morte e a bisca de tres. E cabe aqui tambem uma velha creada, que se não tira deante dos meus olhos. Obsidia-me. Carrega. Obedece. Serve as outras velhas todas. A Joanna é uma velha estúpida.

Serviu primeiro na villa, serviu depois na cidade. Serviu um anthropologista exótico, que fundira cem contos a juntar caveiras, e de quem a Joanna dizia ao amollecê-lhe os edêmas dos pés:— Este senhor é um 2.º Camões! — Serviu a D. Herminia e a D. Hermengarda. Serviu com uma saia rôta, as mãos sujas de lavar a louça, uma camisa, os usos e seis mil reis de soldada. Lavou, esfregou, cheira mal. Serviu o tropel, a miseria, o riso, que caminha para a morte com um vestido d'aparato e um chapéu de plumas na cabeça. Para contar fio a fio a sua historia bastava dizer como as mãos se lhe fôram deformando e creando ranhuras, nodosidades, codeas, como as mãos se foram parecendo com a casca d'uma arvore. O frio gretou-lh'as, a humidade entranhou-se, a lenha que rachou endureceu-lh'as. Sempre a comparei á macieira do quintal: é inocente e util e não ocupa lugar, e não vem primavera que não dê ternura, nem inverno sem produzir maçãs. A

vida gasta-a, corroem-na as lagrimas, e ella está aqui tal qual como quando entrou para casa da D. Hermengarda. Faz rir e faz chorar. Os meninos borraram-na — adorou os meninos. Os doentes que ninguem quer aturar, atura-os a Joanna. Já ninguem extranha — nem ella — que a Joanna aguenta, e a manhã a encontre de pé, a rachar a lenha, a acender o lume, a aquecer a agua. Ha sêres creados de proposito para os serviços grosseiros. Por dentro a Joanna é só ternura, por fora a Joanna é denegrida. A mesma fealdade reveste as pedras. Reveste tambem as arvores.

É uma velha alta e secca, com o peito razo. O habito de carregar á cabeça endireitou-a como um espeque, o habito das caminhadas espalmou-lhe os pés: a recoveira assenta sobre bases solidas. Parece um homem com as orelhas despegadas do craneo e olhos innocentes de bicho. É d'estas creaturas que dão aos outros em troca da soldada o melhor do seu sêr, que se apegam aos filhos alheios e choram sobre todas as desgraças. E ainda por cima dedicam-se, aturam os meninos, e quando as mandam embora, porque não teem serventia, põem-se a chorar nas escadas. — É preciso escodeal-a — asseverou a D. Hermengarda quando lhe foi em pequena para casa. Escodeia-a. Noite velha e já ella bate de cima com a tranca no soalho, a chamal-a. — E não te servindo a porta da rua é a

serventia dos cães.—Mas ella apega-se. Nunca teve outra ama como aquella senhora. Venera-a. Annos depois diz das pancadas: — Merecia-as. — Já não é preciso chamal-a: a Joanna ergue-se n'um sobresalto, alta noite, noite negra, e dorme com um olho fechado e outro aberto. Velha, tonta, abre de quando em quando os olhos, põe o ouvido á escuta num movimento instinctivo, á espera de uma imaginaria ordem: ouve sempre a voz da D. Hermengarda a chamal-a.

Mal se comprehende que depois d'uma vida inteira, esta mulher conserve intacta a innocencia d'uma creança e o pasmo dos olhos á flôr do rosto. Trambulhões, fome, o frio da pobreza—o peor—e, apesar de amolgada, com uma saia de estamemha, no pescoço pelles, as mãos gretadas de lavar a louça, uma coisa que se não exprime com palavras, um balbuciar, um riso . . . Misturou á vida ternura. Misturou a isto a sua propria vida. Aqueceu isto a bafo.

Tem as mãos como cepos.

16 DE NOVEMBRO.

Sempre as mesmas coisas repetidas, as mesmas palavras, os mesmos habitos. Ha momentos em que o caixão que passa ás costas d'um gallego,

me chama á realidade, ao espanto. Desvio logo o olhar, reentro á pressa na vida comezinha. Finjo que sorrio e esqueço. Toda a gente forceja por crear uma atmosphera que a arranque á vida e á morte. O sonho e a dôr revestem-se de pedra, a vida consciente é grotesca, a outra está assolapada. Remoem hoje, amanhã, sempre, as mesmas palavras vulgares, para não pronunciarem as palavras definitivas. E, como a existencia é monotona, o tempo chega para tudo, o tempo dura seculos. Formam-se assim lentamente crostas: dentro de cada sêr, como dentro das casas de granito salitroso, as paixões tecem na escuridão e no silencio, teias de escuridão e de silencio. Na botica somnolenta ao pae succede o filho sobre o taboleiro de gamão. Quero resistir, afundo-me. Começo a perceber que o habito é que me fez suportar a vida. Ás vezes acordo com este grito: — A morte! a morte! — e debalde arredo o estúpido agulhão. Choro sobre mim mesmo como sobre um sepulchro vazio. Oh como a vida peza, como este unico minuto com a morte pela eternidade peza! Como a vida esplendida é aborrecida e inutil! Não se passa nada, não se passa nada. Todos os dias dizemos as mesmas palavras, cumprimentamos com o mesmo sorriso e fazemos as mesmas medidas. Petrificam-se os habitos lentamente acumulados. O tempo moe: moe a ambição e o fel e torna as

figuras grotescas. Não ha annos, ha seculos que dura esta bisca de tres — e os gestos são cada vez mais lentos. Desde que o mundo é mundo que as velhas se curvam sobre a mesma meza do jogo. O jogo banal é a bisca — o jogô é o da morte... O candieiro ilumina e a sombra roe as phisionomias, a magestosa Theodora, a Adelia, a Eleutheria das Eleutherias, o padre. Retraem-se no escuro outras figuras indecisas e atentas, e ainda mais no escuro outras figuras invisiveis e atentas sobre o jogo paciente. Chegamos todos ao ponto em que a vida se esclarece á luz do inferno. Mas nenhuma arrisca um passo definitivo. O relento sabe bem, e o tempo passa, o tempo gasta-as como o salitre aos santos nos seus nichos. Se o desespero augmenta não se traduz em palavras. A villa cria o mesmo bolor... Pouco e pouco tambem a Telles esqueceu o sonho e esfrega, sem os vêr, os moveis reluzentes. A D. Procopia odeia a D. Bibliotheca, unas nem ella sabe o que está por traz d'aquelle odio, contido pelo inferno. Toda a gente se habitua á vida. Matar matava-a eu, mas varias palavras me deteem. Detem-me tambem um nada... As velhas com o tempo adquiriram a mesma expressão, com o tempo chegaram a tener um desenlace. Debruçadas sobre a mesa as figuras não bolem. Não bolem outras figuras que se envolvem no escuro, e o que me interessa não são as pala-

vras do padre — Jogo; — nem o que a Adelia diz baixinho á Eloutheria, para que a velha temerosa ouça: — A nossa Theodora está cada vez mais moça! . . . — o que me interessa são as figuras invisíveis: é a dôr d'essas figuras imoveis, e sobre ellas outra figura maior, curva e atenta, que ha seculos espera o desenlace.

A vida é ficticia, as palavras perderam a realidade. E no entanto esta vida ficticia é a unica que podemos suportar. Estamos aqui como peixes num aquario. E sentindo que ha outra vida ao nosso lado, vamos até á cova sem dar por ella. E não só esta vida monstruosa e grotesca é a unica que podemos viver, como é a unica que defendemos com desespero. — Pois sim . . . pois sim . . . — Estamos aqui a representar. Estamos aqui todos ao lado da morte e do espanto a jogar a bisca de tres. Estamos aqui a matar o tempo. Este passo, que é unico e um só, damol-o como se fosse uma insignificancia. Reparem, vê-se daqui a villa toda . . . Lá está a Adelia, o Pires e a Pires como figuras de cera. Ninguem mexe. N'um canto mais escuro a prima Angelica não levanta a cabeça de sobre a meia. Tanta inveja ruminou que desaprendeu de falar. Chega o chá, toma o chá, e apega-se logo á mesma meia, a que mãos caridosas todos os dias desfazem as malhas, para ella, mal se ergue, recomeçar a tarefa. Um dia — uma

semana — um seculo — e só o pendulo invisivel vae e vem com a mesma regularidade implacavel — p'ra a morte! p'ra a morte! p'ra a morte!

Reduzimos a vida a esta insignificancia... Construimos ao lado outra vida falsa, que acabou por nos dominar. Toda a gente fala no céo, mas quantos passaram no mundo sem ter olhado o céo na sua profunda, na sua temerosa realidade? O nome basta-nos para lidar com elle. Nenhum de nós repara no que está por traz de cada sylaba: afundamos as almas em restos, em palavras, em cinza. Construimos scenarios e convenciamos que a vida se passasse segundo certas regras. Isto é a consciencia — isto é o infinito... Está tudo catalogado. Na realidade jogamos a bisca entre a vida e a morte, baseados em palavras e sons. Ha decerto uma coisa chamada dever, outra chamada honra, outra chamada consciencia, mas com o uso perderam o sentido. E tambem ha outra chamada instincto que não tem importancia nenhuma... Isto assume aspectos de catafalco monstruoso de lonas e ripas inuteis, que nos é indispensavel para viver. Desde que se cumpram certas ceremonias ou se respeitem certas formulas, consegue-se ser ladrão e escrupulosamente honesto — tudo ao mesmo tempo. A honradez deste homem assenta sobre uma primitiva infamia. O interesse e a religião, a ganancia e o escrupulo, a honra e o in-

teresse, podem viver na mesma casa, separados por tabiques. Agora é a vez da honra—agora é a vez do dinheiro—agora é a vez da religião. Tudo se acomoda, outras coisas heterogeneas se acomodam ainda. Com um bocado de geito arranja-se-lhes sempre logar nas almas bem formadas.

O Anacleto traz tudo em dia, as contas, os livros, os escrupulos. Nunca pôz a mulher na rua—não pode vê-la—por ser contra os dictames da sociedade. Nunca se separou d'ella por lh'o prohibir a Egreja. Nunca lhe faltou com respeito, ordem e methodo. A praça considera-o, a Egreja considera-o. Deus considera-o. Que mais quer aquella sombra tragica, que nem se atreve a queixar-se, e que se chora—chora para dentro? Toda a gente tira o chapéu á D. Bibliotheca, que uza brazão na fralda da camisa, quando passa na sua missão de caridade. Os pobres exaltam-na, a Egreja exalta a sua caridade, que rebusca a desgraça para lhe dar tres vintens. É sempre a primeira em todas as listas de esmolos (reservam-lhe de direito esse logar.) Lá está no alto dos subscriptores: D. Bibliotheca das Bibliothecas: tres tostões, seis tostões, um quartinho. Os filhos veneram-na, o respeitavel Elias de Mello, e o inpoluto Melias de Mello: Mas o respeito pelos paes só resiste, emquanto os paes respeitam o interesse dos filhos. Ha decerto una lei moral, mas ha sempre

por traz uma bocca a pregar... Tudo tem limites. A D. Leocadia é d'outra casta. Não entende a caridade assim. Resolve tudo segundo a sua consciencia, procede sempre segundo a sua consciencia, põe acima de tudo a sua consciencia. É avara e somitica, e leva para casa uma orphã a quem sustenta e que lhe entrapa as pernas. O Felix procurador, que comunga com enternecimento ás sextas feiras, convencido até á medula ao aproximar-se da Santa Mesa Eucharistica, todas as semanas com muitos papeis do Estado e a conivencia da lei, demanda alguns desgraçados. A questão para elle é de sêllos. Só o Santo prega cada vez mais alto: — O inferno! o inferno! — Como Santo Agostinho tinha tido uma mulher e um filho, como Santo Agostinho repelira-os. *Intrinsecus oculatum*, o Santo só vê para dentro. A vida não existe — só a eternidade existe. Depois de cem mil annos o condemnado sente as labaredas como na propria hora em que entrou no inferno. Desconfia de si e dos outros e repete no mesmo desespero: — O inferno! o inferno! — Mas o inferno existe?

Nenhum de nós sabe o que existe e o que não existe. Vivemos de palavras. Vamos até á cova com palavras. Submetem-nos, subjugam-nos. Pesam toneladas, tem a espessura de montanhas. São as palavras que os conteem, são as palavras que

nos conduzem. Mas ha momentos em que cada um redobra de proporções, ha momentos em que a vida se me afigura iluminada por outra claridade. Ha momentos em que cada um grita:—Eu não vivi! eu não vivi! eu não vivi!—Ha momentos em que deparamos com outra figura maior, que nos mete medo. A vida é só isto? Por mais que queira não posso desfazer-me de pequenas acções, de pequenos ridiculos, não posso desfazer-me de imbecilidades. Tenho de aturar ao mesmo tempo esta idéa e este gesto ridiculo. Tenho de ser grotesco ao lado da vida e da morte. Mesmo quando estou só o meu riso é idiota. E estou só e a noite. Por traz daquela parede fica o céu infinito. Para não morrer d'espanto, para poder com isto, para não ficar só e o doido, é que inventei a insignificancia, as palavras, a honra e o dever, a consciencia e o inferno.

É ainda o que nos vale são as palavras, para termos a que nos agarrar.

É então um mundo de formulas a que eu obedeço e tu obedeces? Sem elle não poderiamos existir. Se vissemos o que está por traz não podiamos existir. O nesso mundo não é real: vivemos n'um mundo como eu o comprehendo e o explico. Não temos outro. É a voz dos mortos in-

sistente que toima e se nos impõe. Mais fundo: não existem senão sons repercutidos. Decerto não passamos de echos.

Na verdade o que eu não posso é vêr, o que eu não quero é vêr! A villa regula-se por habitos e regras seculares — mas ha outra coisa enorme para lá do scenario de que me rodeio. Para não ter medo criei eu isto, para a não vêr criou o Santo o inferno. Ha outra coisa esfarrapada e dorida.— Jogo!— Cada vez me sinto mais roles, cada vez as palavras me parecem mais gastas. Esta figura grotesca não é a minha figura. O salitre roeu os santos nos seus nichos — roeu-os tambem o sonho... Curvado sobre a mesa repito os mesmos gestos inuteis para não desatar aos gritos. — Jogo!— Isto para fingir que é indiferente o que nos rodeia, que estamos habituados ao que nos rodeia, que sorrimos ao que nos rodeia! Está alli a morte — está aqui a vida — está aqui o espanto — e só a ninharia consegue deitar raizes profundas.

20 DE NOVEMBRO.

Fecho os olhos. A chuva desaba interminavelmente do céu, e na luz turva vejo sempre a villa com as mesmas figuras do museu sentadas na mesma sala... Insignificancia, insignificancia, insignificancia. Portas chapeadas que

rangem nos gonzos como portas de prisão, fachadas com os vidros partidos, e uma, duas, tres camadas de pó sobrepostas. Lojas terreas d'onde vem um bafo humido que trespassa . . . Como todas as almas, todas as janelas estão perras, e o tempo vae substituindo uma figura por outra figura, nma pedra por outra pedra. Ponho-as em fila deante de mim, com os seus penantes usados, grotescas e maniacas. Considero. Vejo vir os gestos, as cortezias, as acções do confim dos seculos. Isto é nada — é vulgar e quotidiano. É uma apparencia.

A villa é um simulacro. Melhor: a vida é um simulaero.

Atraz desta villa ha outra villa maior. A lentidão, o gesto usado, a meia tinta mesmo em plena luz, toldam-me a visão. Sobre cada sêr cahiu uma camada de pó. A villa é isto — e a villa não é isto. Que me importa a Adelia, um dia d'inveja, um dia de aquiescencia, um sorriso, baba, mesura atraz de mesura? Outra velha mexe por traz desta velha mesquinha. As lettras assignadas, as lettras protestadas d'este sêr absorto, o exagero minuscuro, teem outra significação. A realidade é a manha, a astueia que cada um põe em jogo. Não ha velhas com cartas na mão; ha

orgulho, soberba, inveja paciente. Ha intuitos, cautela de quem caminha na ponta dos pés. Ha forças e experiencia, avareza e astucia. Todas as palavras que se empregam teem, alem da significação banal, uma significação que cada um peza e calcula—e outra significação superior. Ha palavras que requerem uma pausa e silencio, e ha palavras que é preciso afundar logo n'outras palavras. Ha pelo menos dois sêres n'este homem que toda a gente conhece, pantado, regrado, methodico. Elle, e o doido morto por fazer esgares. Elle, e o doido que só consegue comprimir á força de pontualidade. Esta velha não é a velha com quem lidamos—é outra. Tem tido um trabalhão para fazer mal, nunca conseguiu fazel-o. Se se arrisca, ha-de contar consigo mesma para se contrariar. É uma discussão que não acaba, com a bocca anarga, arrependimento—e por fim não realisa uma catastrophe authentica, que a engrandeça. Curvada sobre o lar remexe sempre as mesmas cinzas frias.

Todos se defendem. Por isso existe uma certa grandeza em repetir todos os dias a mesma coisa. O homem só vive de detalhes e as manias teem uma força enorme: são ellas que nos sustentam.

Reparo melhor na villa... Alvenaria e castanho, construcções para seculos. Ruas lageadas, re-

cantos onde nunca entrou o sol. Paredes mestras. Silencio e humidade até á medula, gestos lentos, habitos regrados. Uma rua desce até á igreja de cantaria lavrada. Um predio enorme avança sobre a ruella onde os passos echoam. Cresce aqui uma vegetação especial de sepulchro, e a sombra absorvida pelas muralhas da Sé exhala-se em bafo passado um seculo. Os alicerces são temerosos, as traves d'uma casa davam para a construção d'um bairro. E tudo isto se entranhou de salitre, de interesse e de odio. Em tudo isto ha uma mescla de inutilidade, de fé e de sonho. Tudo isto está cimentado para seculos. Cada barrote foi pregado com um destino, cada bloco metido na terra para se lhe erguer em cima não uma parede, mas uma ideia, uma vida, uma alma — tudo isto tem uma camada de bolor e se impregnon de desespero. Até os sepulchros foram construidos para a eternidade. A pedra depois de talhada é uma expressão. Entro na cathedral. Silencio e um cheirinho a floresta apodrecida. As lages estão gastas d'um lado pelos passos dos vivos, do outro pelo contacto dos mortos. Tudo aqui gira em torno da mesma ideia. A pedra esboroa-se, mas eu contemplo-a viva, com um povo de estatuas em cima, com um povo de mortos em baixo. Nos alicerces uma geração, outra geração, todos apodrecendo juntos na mesma terra

misturada e revolvida. A parte exterior é maravilhosa, a parte subterranea é mais maravilhosa ainda. É a unica raiz que se conserva intacta.

Aqui não andam só os vivos — andam tambem os mortos. A villa é povoada pelos que se agitam n'uma existencia transitoria e baça, e pelos outros que se impõem como se estivessem vivos. Tudo está ligado e confundido. Sobre as casas ha outra edificação, e uma trave ideal que o caruncho roe une todas as construcções vulgares. Debalde todos os dias repelimos os mortos — todos os dias os mortos se misturam á nossa vida. E não nos largam.

Reparo melhor na vida secreta e na vida subterranea. Compreendo como é difficil viver todos os dias e todas as horas, como atravez de tudo é forçoso seguir um fio invisivel — e ser reles e sorrir. Gasta-me uma força superior, e com todas as chagas e todos os vicios, com a vida mesquinha e a vida quotidiana, o nada, o penante usado, o fel e o vinagre, tenho de arcar com uma coisa immensa de que me separa apenas um tabique. Tudo o que faço é um arremedo. Está alli outra coisa quando falo, quando me calo, quando me rio. E falo mais alto porque a ouço mexer... Todos suportam o drama de todos os dias, o cinzento de todos os dias, as afficções e a nsura que tornam as figuras ridiculas e cos-

sadas. Todos suportam os tratos que envelhecem e preparam para a cova, os pequenos interesses, a inveja, a ambição, a dôr phisica. Todos os dias a Hermengarda amarga os braços da Bibliotheca, a Bisborria todos os dias seisma na sua respeitabilidade, e aturam o azedo que pouco e pouco se deposita nas almas—e com isto uma coisa desconforme, quo se levanta e deita conosco, não se tira do nosso lado, em quem ninguém fala e com quem temos por força de cohabitar; deante de quem é forçoso ser vulgar e dissimulado, fazendo que a não vemos e com ella á cabeceira da cama...

Atraz da insignificancia andam os céos, os mundos, os vagalhões doirados. Anda o desespero. Anda o intiuncto feroz. Atraz disto andam as enxurradas de soes e de pedras, o os mortos mais vivos do que quando estavam vivos. Atraz do tabiquo e das palavras anda a Vida e a Morto e outras figuras tremendas. Atraz das palavras com que te iludes, de que te sustentas, das palavras magicas, sinto uma coisa descabelada e phrenetica, o espanto, a mixordia, a dôr, as forças monstruosas e cegas.

Em certas ocasiões, se as palavras e a insignificancia desaparecessem da vida, só ficava de pé o espanto.

Só a insignificancia nos permite viver. Sem ella já o doido que em nós prega, tinha tomado conta do mundo. A insignificancia comprime uma força desabalada.

Para não vêr, para não ouvir, é que nos curvamos sobre a mesa de jogo. Para te não ouvires a ti mesmo, para não vêres o que te gasta a todos os minutos e a todas as horas, usura immensa que não sentes e que te vae levar para o escantilhão soffrego, que te vae mergulhar no silencio profundo. Usura de todos os instantes. Gasta-nos, desgasta-nos. E todos os dias acordamos mais velhos, todos os dias acordamos mais inuteis. Todos os dias acordamos com mais fel. E todos os dias com mesuras, sem gritos de terror, nos curvamos sobre esta mesa de jogo, não vendo, fingindo que não existe, o espanto que está ao nosso lado, e o espanto peor que trazemos connosco. Chama-se a isto o quotidiano. Isto não tem importancia nenhuma. Com isto enchemos a vida até chegar a morte. Esta mesa de jogo é a nossa existencia vulgar, a vida de todos os dias, com o galope da outra vida ao lado. Não se passa nada! não se passa nada! No verão o calôr sufoca, d'inverno a mesma nuvem impregna o granito, e apega-se, amollece, dissolve pilares das janellas, casebres e a oliveira

da praça, só tronco e duas folhinhas cinzentas. Em volta um circulo de montanhas, descarnadas e atentas, espera a tragedia—e as montanhas não desistem. De quando em quando, na solidão que á noite redobra, cahem do alto da Sé as badaladas, uma a uma, pausa a pausa. O som tem um peso desconforme.

Estamos aqui todos á espera da morte! estamos aqui todos á espera da morte!

O SONHO

6 DE DEZEMBRO.

CHOVE. Cada vez vejo mais turvo, cada vez tenho mais medo. Estamos enterrados em convenções até ao pescoço: usamos as mesmas palavras, fazemos os mesmos gestos. A poeira entranhada sufoca-nos. Pega-se. Adhere. Ha dias em que não distingo estes sêres da minha propria alma; ha dias em que atravez das mascaras vejo outras phisionomias, e, sob a impassibilidade, dôr; ha dias em que o céu e o inferno esperam e desesperam. Presinto uma vida oculta, a questão é fazel-a vir á supuração.

Esta manhã de chuva é um minuto no rodar infinito dos seculos, e os sêres que passam meras sombras. Tudo isto me pesa e pesa-me tambem não viver. Do fundo de mim mesmo protesto que a vida não é isto. A arvore cumpre, o bicho cumpre. Só eu me afundo soterrado em cinza.

Terei por força de me habituar á aquiescencia e á regra? Crio cama, e todos os dias sinto a usura da vida e os passos da morte mais fundo e mais perto.

—É necessario abalar os tumulos e desenterar os mortos.

É o Gábiru que se põe a falar sem tom nem som. Um homem absurdo. Olhos magneticos de sapo. É uma parte do meu sêr que abomino, é a unica parte do meu sêr que me interessa. Ás vezes deita-me tinta nos nervos. Fala quando me nos o espero. Chamo-o, não comparece. Se quero ser pratico, gesticula dentro do casaco arripiado:— A alma! a alma!— Singular philosopho! É capaz de desejar a morte para vêr o que ha lá dentro; é capaz de achar vulgares até as coisas eternas. Ao lado da vida constroe outra vida. Sonha, e os seus sonhos são sempre irrealisaveis, transformam-se-lhe nas mãos em barro informe. Toda a gente se ri—já sonha outra vez... Para elle a vida consiste, encolhido e transido, em embeber-se em sonho, em desfazer-se em sonho, em atascar-se em sonho. Meses inteiros ninguem lhe arranca palavra, dias inteiros ouço-o monologar no fundo de mim proprio. Ignora todas as realidades praticas. Na arvore vê a alma da arvore, na pedra a

alma da pedra. Deforma tudo. Põe a mão e molha. Destinge sonho . . .

—A alma— diz elle—ao contrario dô que tu supões, a alma é exterior: envolve e impregna o corpo como um fluido envolve a materia. Em certos homens a alma chega a ser visivel, a athmosphera que os rodeia toma côr. Ha sêres cuja alma é una continua exhalação: arrastam-na como um cometa ao oiro esparralhado da cauda—immensa, dorida, phrenetica. Ha-os cuja alma é d'uma sensibilidade extrema: sentem em si todo o universo. D'ahi tambem simpathias e antipathias subitas quando duas almas se tocam, mesmo antes da materia comunicar. O amor não é senão a impregnação d'esses fluidos, formando una só alma, como o odio é a repulsão d'essa nevoa sensivel. Assim é que o homem faz parte da estrella e a estrella de Deus. Nos vegetaes, nas arvores, a alma é interior, pequenina emoção, pequenina alma ingenua e humilde, que se exteriorisa em ternura a cada primavera: tocada pelo grande fluido esparso, onde andam as nossas lagrimas, vem á tona em oiro e verde, em deslumbramento. Nos mineraes, na pedra concentrada e recalçada, que dôr inconsciente, que esforço cego e mudo por não poder abalar as paredes e comunicar com a alma do universo! A pedra espera ainda dar flôr.

Para elle estas coisas ethereas são visiveis. Vê tão exactamente como eu te vejo a ti a paixão, o odio, o amor, os grandes fluidos desgrenhados d'oiro, de piedade e de genio. Tem-me estragado tudo. É o doido que em nós préga e nos deixa aturdidos. As vezes consigo afastal-o, mas succede que fico sempre com pena: se o ouvisse talvez fosse mais feliz e mais desgraçado... Desdenho-o, e sinto-lhe a falta quando o não tenho ao pé de mim. Deita-me a perder se me apanha desprevenido. Quasi sempre é elle quem manda em minha casa, e, mesmo quando falo como toda a gente fala e quando rio como toda a gente ri, só a elle o ouço no mundo. Diz-me coisas que nunca ouvi, isola-me n'um valle apertado e scismatico, longe de toda a terra, arrasta-me, ou desespera-me. Desaparece como um cão vadio e quando volta, com lama de todos os caminhos, folhas de todas as florestas, reflexos de todos os enxurros, vem exausto, mudo e feliz. Vem feliz! É elle que me préga: — Toda a agitação é inutil. Não tenhas medo da desgraça! — E eu tenho medo da desgraça. A força de habito cheguei a mantel-o no seu logar, mas nunca o pude suprimir, e quanto mais me aproximo da morte, mais saudades levo do Gabiru, que me estragou a vida toda.

Mora n'um velho pardieiro encostado á mura-

lha, abafado d'um lado pela muralha da villa, que á noite redobra de porporções. O granito enegrecceu, poliu-o a chuva, e a escadaria de pedra dá calafrios a quem entra.

—Essa alma, essa alma disforme, que vae de mundo a mundo, e que em cada sêr realiza uma primavera é que é tudo. O resto insignificancia. É ella que nos devora e faz da morte a vida e da vida a morte...

D'um lado a muralha de dentes arreganhados para o céo, do outro o sordido pardieiro, no alto a noite de luar como uma camelia gelada. Dentro d'isto sonho.

Ponho-me a olhar para elle—ponho-me a olhar para mim. Passou a vida n'aquella inutilidade, de que sae a revêr sonho e com os côtos partidos a esvoaçar na noite dorida. Primeiro afundou-se em experiencias do laboratorio, á procura da pedra philosophal.—Ridiculo. Depois na applicação da electricidade aos vegetaes, que se consomem de febre, que se desentranham em flôr, sem produzirem fructo.—Grotesco. Agora ninguem o arranca a infindaveis monologos cahoticos:—A morte! a morte! a morte!—Incongruencia, obscuridade e dôr tambem; a dôr de quem vem da irreallidade, encolhido e transido; a figura estranha de quem se debate com o sonho e sae da lucta esfarrapado e doirado. Se o

tiram do sonho titubia e não sabe onde põe os pés. Tem as azas partidas. Compreende então a sua inutilidade e desespera-se até reentrar na nuvem que o envolve. Puxa a si o misterio, e, entre as arvores e os fios electricos que correm todo o quintal, ouço a sua voz magnetica, que impregna de sonho o luar todo branco :

— Isto é um fluido dôr, falta-me condensal-o. É uma nuvem que envolve tudo, que vem do turbilhão da Via Lactea, arrasta tudo eomsgo, e ascende em espiral até Deus. Não, a sensibilidade não é individual, é universal. Basta ferir a sensibilidade, que vae dos nossos nervos até á Via Laetea, para transformar as noções do tempo, do espaço, da vida e da morte—basta deitar dentro d'um tanque uma gota de vermelho para tingir toda a agua. Deito-lhe sonho dentro...

7 DE DEZEMBRO.

A villa é tumular e encardida, mas oculta dentro dos seus muros um sonho desconforme. Talvez deseonexo, mas desconforme. O sonho é d'elle: a propria casa de granito revê sonho. O Gabiru mistura, revolve, extrahe sonho do sonho. Debalde o que é mesquinho lhe mostra os dentes: o Gabiru não ouve, não vê, não sente. O sonho isolou-o da propria mulher transida de

frio, no casarão que deu á costa como uma nau do passado, com o cavername roído pelo mar das trevas.

É um sêr quasi ethereo. Nem sei dizer se existiu, se a criei; sei que se sumiu n'um sôpro cada vez mais ephemera, com dois olhos verdes de espanto. Sei que me pegou sonho, e que fui levado, perdido, como uma coisa inerte...

Morreu transida de frio. Uma mulher palida —o que vale um passaro. Ternura e dois olhos verdes de espanto. Hesita, mal poisa os pés no chão, chora baixinho, e vae talvez acordal-o, queixar-se... Não se atreve, e esboça um sorriso logo molhado de lagrimas. Morre de frio. Agosto —morre de frio. Até para lhe sorrir se esconde, e põe-se então a olhar o muro (vou-te dizer o sitio) a falar com o muro, a queixar-so á grande nodoa de humidade da parede. Dois olhos verdes de espanto, um vestido de seda, e as meias rotas nos calcanhares. Um nada de ternura tel-a-hia salvo —ninguem a arranca áquelle sonho informe. Morta...

Ninguem. Estende fios no chão entre as arvores, e as arvores todo o inverno se desentranham em flôr. Pegou-lhes sonho tambem. É um desbarato, uma profusão que as devora. Absurdo. O

quintalorio ao pé da muralha, que ha seculos revê humidade, não é maior que um lenço; a primavera só chega aqui tarde e de mau modo, cõm pena das arvores de saguão. Arrepende-se logo. Já veem que o absurdo é maior ainda... Dezembro e primavera. O eóo gelado, um brilho de estrellas em engastes novos, e, entre a cario das paredes, as maeieiras baixinhas e humildes como exhalações de ternura. Mortas. Mortas, seecas de sonho. Mortas as arvores desfeitas em flôr.

— Este effluvio é que é tudo: a torrente de ideias e a torrente de paixões. A minha athmosphera, a alma, penetra a tua athmosphera, e dissolve-a, domina-a, conquista-a. Recua, taeteia, hosita. Mas eseusas de falar para que eu te entenda. A materia muitas vezes não me deixa comprehender, mas é raro que eu não saiba logo quem tu és, e, mesino que seja a primeira vez que te fale, as vezes que te tenho encontrado no mundo. — E logo: — A vida perdi-a a sonhar. Depois de morta é que dei eom ella. Mas que importa! — Acabei com a morte, vou resuscital-a. Viveremos sempre, amar-nos-hemos sempre...

A noite é d'aparato. A lua de coral sobe por traz da montanha em osso, e depois na chanfradura das ameias. Mais flôres — todos os galhos

dão flôr. Sente-se, quasi se ouve, a dôr das arvores, dos sêres vegetativos, ao terem de apressar, de modificar a sua vida lenta, dispersos em ternura.

—Perdi-a, perdi a vida! Esqueci-a como esqueci tudo. Perdi-a e mais dois dias e tinha suprimido a morte!

Sob o fluido electrico o quintal tresnoita. Cao neve e abrem os primeiros botões. A arvore transforma-se n'um sêr dorido e esplendido—transforma-se em sonho—em sonho desfeito em flôr, em flôres espezinhadas umas atraz das outras por camadas sucessivas. Os ramos espremidos escorrem dôr. Até as pedras deitam tinta. O quintal escorre sonho como a alma do Gábiru. Atrevem-se e acordam as coisas apodrecidas, e velhas pedras iludidas põem-se a cantar n'esse pio triste dos sapos, que sae da fealdade como uma inutil queixa de desventura. A noite concava e branca—gelada—cobre indiferentemente tudo isto. Que não cobre a noite? Quatro paredes negras, no fundo remexe o sonho. Perco tambem a noção da realidade.

—Tanta flôr!

—Para a sua cova.—E pondo em mim os olhos atonitos:—O que é preciso é ir buscal-os ao fundo da mixordia, arrancal-os á obscuridade, juntar outra vez as boccas dispersas. Não morrer é nada: von resuscital-os...

Imagina o negrume d'um poço — imagina dentro o espanto, e não sei que luz viva, não sei que dôr recaleada, não sei que de humilde, que quer viver apesar de dorido. Vivo, e a pata enorme que espesinha e esmigalha. Eseuridão e oiro — sileneio e oiro — espanto e oiro.

— Vê tu a arvore . . . Uma camada de flôr — um grito; outra camada de flôr — outro grito. Vê tu a arvore como se transforma n'um phantasma d'arvore, e depois em emoção! . . .

Suprimir a morte! É uma coisa grotesca. O sonho trasborda, o luar trasborda — braneo e dôr — braneo e sonho. Depois o sileneio, depois a sua voz magnetica — depois a sombra immensa que ameaça desabar sobre nós, no quintal do tamanho d'um lenço. Desato aos gritos quando todas as roseiras, fartas de dar rosas seecam, quando da cathedral e do sileneio caem uma, duas, tres badaladas, que me apertam uma, duas, tres vezes o coração. E o Gabiru com olhos de phrenesi insiste:

— Não morrer é nada, suprimi a morte. O que é preciso é arranear os outros ao sileneio. É uma coisa simples, é uma questão de synthese.

— A morte, — affirmo-lh'o — é o repouso eterno.

— Repouso eterno, estúpido! É exactamente o que está vivo, a morte. É o que está mais vivo.

10 DE DEZEMBRO.

Na escuridade e no silencio o sonho deita braços desconformes. Pega-se-me. Debalde lucto contra o fluido que avança para mim como uma exalação de phrenesi e de nervos. A teia invisivel rodeia lentamente a inutilidade, a teia dissolve almas, e fios impalpaveis apoderam-se da villa quieta e absurda onde só elle se atreve e scisina... Isto é possivel ou isto não passa d'um sonho grotesco, de mais outro sonho grotesco?

De que é feita a tibornea, o liquido viscoso, côr de sabão, com filamentos verdes, que o Gabiru com olhos de sapo revê no vidro, atravez da luz—a maior descoberta do seculo, o sôro que acaba de vez com a velhice e arreda a morte para confins ilimitados? Alguns saes, o sodium, o enxofre, o magnesio, o bromio, o carbone—e sonho. Dezasete elementos, entre os quaes a prata, o cobre, o oiro, o arsenico—e dôr. Materia, espirito e concentração. O misterio é este e mais nenhum, é exprimir como o que é espirito se transforma em materia, como a poeira se condensa, como a alma se faz corpo. Gritos, mais desespero. Contar o quê? As noites infinitas, as mãos que tentam arrancar farrapos ao manto em que o misterio se envolve e o procuram reter quando elle se dissipa? Outra

vez absorpção, outra vez o rebuscar em ti mesmo o inexplicavel, e os nervos que tendem e quebram, o cerebro que doe, o lento acordar das vozes submersas, a discussão, o tumulto, e poder distinguir entre tantas boccas que falam, a unica que tem direito a falar. É d'esta obscuridade, d'esta discordancia, que emerge a ideia de suprimir a morte. Não te rias. Já t'o disse: é um sêr aparte com côtos em vez d'azas, que se agitam n'um desespero para voar. Não se contenta com esta vida nem dá por ella, mas fica sempre a meio caminho, e tão dorido que não é possivel tocar-lhe. Já t'o disse: é um sêr grotesco que põe em mim os olhos turvos e teima, insiste, repete:

— Sobre a villa, repara, paira uma athmosphera cinzenta, composta de todas as athmospheras: é a alma da villa. — E afirma cheio de convicção: — Deito-lhe sonho dentro.

Queirá ou não queira faz-me scismar... Na realidade morrer é absurdo. Nunca me capacitei a serio que tivesse de morrer. Morrer é estúpido. Não comprehendo a morte, e, por mais que desvie o olhar, prendo-me sempre a essa hora extrema... Um ser grotesco, um unguento verde, e aquella voz aos meus ouvidos. É caricato e pega-me doirado.

E o peor é que este sonho é afinal o meu sonho

e o teu sonho. Ninguém o confessa senão a si proprio. O nosso sonho é não morrer. Quando a gente se esquece um bocado a vida tem já passado. E quando a vida tem já passado é que nos agarramos com mais saudades á vida. A resignação custa muitas horas doridas em que ficamos alheados e suspensos. A morte... A morte é inevitavel?—pergunto baixinho. E como a morte é inevitavel, como tenho por força de me resignar, como não lhe posso fugir, para não perder tudo, criei a outra vida. E afinal quem sabe se este sonho que a humanidade traz consigo desde que poz o pé no mundo não é o maior de todos os sonhos e o unico problema fundamental?

A verdade é que teima. Não nos larga na vida e levamol-o escondido para a cóva. A verdade é que foi esta sempre a nossa maior aspiração, e que, como todos os sonhos, ha-de acabar por se converter em realidade. Temos construido o universo assim, podemos construil-o de outro modo. Falta talvez um passo... A vida eterna admitimol-a quando não nos podemos manter n'esta vida; mas, no fundo, o que nós queremos é este mesmo sol, esta pobreza, esta dôr, estas ilusões moídas e remoídas. Deixem-nos a vida que aceitamos tudo. Aqui ha, portanto, um erro primario. Protestas do fundo do teu ser: a morte é absurda. É preciso cortar um nó que não exis-

te. O mais difficil é passar do imperio do possivel para o imperio do impossivel. É talvez uma questão de vontade. A vida é um acto de fé de todos os instantes. Arredemos de vez este suor frio. Não importa se é da uniformidade da vida ou do medo da morte que me vem esta ancia. Sei que acordo e grito:—Eu não vivi! eu não vivi! E cada vez o meu protesto ascende mais alto. Quero tornar a viver a mesma vida aborrecida e inutil, quero recommear a desgraça.

Ninguem pode com semelhante peso. Não ha quem possa com elle. Na solidão, a primeira coisa que procuro é a ninharia para esquecer a morte. Um minuto sós a sós com o espanto, recamado de mundos, que caminha desabaladamente no silencio, dura um seculo e outro seculo ainda. Não posso, nem tu nem eu, viver sobre o fio d'uma espada e olhar para a voragem d'um e d'outro lado; não posso arcar todos os dias com esta usura que me gasta sem mergulhar na insignificancia. E agora até a insignificancia me é impossivel. O silencio... O peor de tudo é o silencio, e o que se cria no silencio, o que eu sinto que remexe no silencio...

Carrega em cima de nós tal peso que ninguem o suportava se dêsse por elle. É o peso do espanto.

Juntem a isto a villa coinesinha, e o negrume que levanta os côtos esfarrapados, como se fosse voar, quando o padre Thimotheo dá o seu passeio habitual no pateo da Misericordia, e, na meia duzia de metros quadrados com arvores ethicas do jardim, as Souzas arrastam os vestidos, ultima moda do Grandella. Juntem a isto a grande nodoa de humidade a que ella costumava queixar-se. Juntem a isto a Morte e aquella voz de desespero cada vez mais phrenetica, que não cessa de prégar, e que me põe em frente de mim mesmo, que é o que mais temo no mundo.

—O que eu quero é tornar a viver. A minha saudade é esta. O que eu quero é recommençar a vida gota a gota, até nas mais pequenas coisas. Não reparei que vivia e agora é tarde. Sinto-me grotesco. Recomeçal-a nas tardes estonteadas da primavera e na alegria do instincto. Encontrei ha pouco uma arvore carcomida: deixaram-na de pé, e um unico ramo ainda verde desentranhou-se em flôr... Podesse eu recommençar a vida!

—Cala-te!—Terei de confessar a mim proprio que nunca ainei, que nunca fui arrastado até ao amago pelo desespero ou pela paixão, e que de tal forma se me entranharam as palavras e as regras, que passei a vida a mascar palavras e regras? Terei de confessar a mim mesmo que vou para a cova com a bocca a saber-me a vulgari-

dade e a pó? Antes me soubesse a fél—antes a dôr!...—Mas sonhaste, estúpido!—Sonho. E o que me resta nas mãos inermes, nas mãos para que olho com espanto e terror, nas mãos de velho, senão grotesco, farrapos de grotesco, restos de grotesco, com alguma tinta em cima?... Não; viver é que é bom, viver com o instinto, como os ladrões e os bichos, os malfeitores e as feras, sem pensar, sem sonhar, sem palavras nem leis, até cair a um canto, morto e feliz, de barriga para o ar. Isso sim! isso sim!...—Quantas conversas temos tido juntos! quantas discussões inúteis! quantos desesperos de que não ha sahir, batendo com a cabeça na mesma parede! Às vezes subjugo-o:—Cala-te! cala-te!—Às vezes fala mais alto e domina-me elle a mim. Rio-me de ti e impões-te-me. És ridiculo e só tu te atreves; só tu és feliz porque te atreves a sonhar, a seres tu, a dizes inconveniencias sem fé nem lei. Só tu não tens methodo, só tu te fechas a sete chaves á tua vontade, livre, feliz e despresado. No fundo invejo-te.

Aquilo incha, trasborda, como um rio que alaga tudo. Pega-se-me e molha-me. Aturde-me. É só elle que fala no mundo, cada vez mais obsecado e mais alto, com interjeições e gestos desordenados pelo meio:—Estúpido!—Hei-de falar! quero falar! hei-de por força falar!—E ha aqui dôr e ridiculo. Ha um esgrouviado a dizer vulga-

ridades, e uma coisa que vem da raiz da vida n'um fremito e que me mote medo. Um bafo, e logo mil vozes que aproveitam o momento e desatam a prégar sem tom nem som.—Toda a gente se ri de ti...—Deixal-o.—Toda a gente se ri! toda a gente se ri!—Quero por força tornar a viver! hei-de por força tornar a viver!

Debalde lhe aconselho calma, o Gabiru insiste:

—Entrevejo na morte um sofrimento atroz. O inferno não é uma palavra vã. É um inferno d'ancia, um desespero sem consciencia e sem gritos. A vida não é senão uma tregua—um ah—e logo um mergulho n'esse inferno de dôr. Na dôr extrema. Eis o que é a morte: a dôr extrema, a dôr emudecida. O terror instintivo da morte é uma advertencia. Não quero morrer e vou resuscital-os!... Viver sempre! amar sempre! sonhar sempre!—que esplendido sonho! A vida é quasi nada. Tudo que custou tanto desespero, tudo sumido n'um buraco para sempre. Ouves? Para todo o sempre. De que serviram os gritos, as lagrimas, subir, trepar, chegar ao tôpo do calvario? Para todo o sempre! Bem sei: aquillo a que me apego é impalpavel: é a mulher que passou, assomando-lhe ao focinho uma expressão de ternura, e que nunca mais tornarás a encontrar; é aquella manhã de chuva em que nos molhamos juntos (e ainda me sinto molhado) e que se não repete, é o

minuto que nos escorre das mãos como um fio d'agua, mas doira-o o sol, e é esse mesmo minuto translucido que quero tornar a viver, sem a sombra da morte a meu lado. É a essa mesma ninharia que é a vida a que deito as mãos com desespero. A vida é nada—é esta côr, esta tinta, esta desgraça. É saudade e ternura. É tudo. É os meus mortos e os meus vivos. Levo pena de tudo, até da fealdade. Agarro-me a tudo, tudo me prende, o sonho que não existe, as horas inuteis, o possível e o impossível. A floresta não faz parte do meu sêr, e eu tenho aqui a floresta, o som e o aroma da floresta, a vida da floresta; o céu não faz parte do meu sêr, e eu sou o céu profundo, o céu tragico e o céu esplendido. Dá-me a vida—dou-te tudo em troca... Agarro-me como um naufrago, agarro-me com uma saudade, que vem não só de min, mas de muito mais longe, da base mesmo da vida. Para sempre! para todo o sempre!—E, com um suspiro mais fundo, repete:—Suprimi a morte, vou resuscital-os!

A noite vem, a noite avança. Sinto os mortos. Ainda vivo, já estou em seu poder: faço parte da legião. Noite immensa sem gritos. Peor que sofrer é não sofrer—para sempre. É nunca mais sentir. É ter as orbitas vazias voltadas para o céu e n'ellas não se reflectir a luz das estrellas. Mais um

passo e é o silencio absoluto. Mais um passo e tapas-me para sempre a bocca.

Não me importa ser feliz — não me importa ser desgraçado. O que me importa é o que ha depois, é o que está por baixo da terra e o que está per cima da terra.

Já não lucto. E elle insiste e cada vez prega mais alto:

—Eu não vivi. Que importa, vaes morrer! Para sempre, para todo o sempre, o mesmo buraco d'onde não sae rumôr. Escuta isto: d'onde não sae rumôr. Repete isto: para todo o sempre. Nenhuma explicação te é licita, nenhuma transacção é possível. A morte não espera nem atende. É estúpida. Princiro é estúpida, depois é incomprehensivel. É tremenda porque contem em si mistificação ou belleza. Absurdo ou uma belleza com que não posso arcar. O nada ou uma coisa que a minha imaginação não atinge. Se é o misterio, e se desvenda d'um golpe, apavora-me. Se é o nada repugna-me. Apenas um minuto, e lá em cima as mesmas estrellas, e outros vagalhões de estrellas... Para ella tanto vale um segundo como um seculo, carrega um sêr inutil ou um sêr delicado com a mesma indiferença para o tumulo. Tens passado a vida a esperal-a. Que outra coisa fizeste

na vida senão esperar a morte? É o que nos preocupa. Debalde a arredamos: a vida não é senão uma constante absorpção na morte. Então para que nasci? Para vêr isto e nunca mais vêr isto? Para adivinhar um sonho maior e nunca mais sonhar? Para presentir o misterio e não desvendar o misterio? Levo dias, levo noites a habituar-me a esta ideia e não posso. Tenho-te aqui a meu lado. Nunca se cerra de todo a porta do sepulchro. Estou nas tuas mãos... Adeus sól que não te torno a vêr, e agua que te não torno a vêr. Arvores, adeus arvores que minha mãe dispôz; adeus pedra gasta pelos seus passos e que meus passos ajudaram a gastar; adeus ternura para a minha sêde, fructo escondido—para sempre! para todo o sempre! Tenho-te horror e odeio-te. Interrompes os meus calculos. És o maior dos absurdos. Vêr para não vêr, ouvir para não ouvir, viver para morrer!...

E aqui te faço uma confissão: o que mais me custa a largar é, como á cobra a pelle, a vida comesinha. Não, o fim logico da vida não é inorrer, é viver sempre, é ascender sempre. Até onde? Até Deus. Vou resuscital-os! Vou resuscital-os! E em elles se'pondo a caminho vaes vêr doirado. A vida toma novo impulso. Desaparecendo a morte é que tu abranges a vida. Vaes vêr a côr que toma o mundo, as tintas que o mundo

escorre e as flores que as arvores criam... Vou resuscital-os! Vou resuscital-os!...

A terra remexe. Sinto um esforço e revive o suor da desgraça; um arranco na profundidade, e todas as primaveras dispersas não tardam, uma atraz de outra, a refflorir. Ha sepulchros até ao fundo do globo. De mais longe vem um impeto — são outros mortos ainda. Uma sombra desmedida, uma sombra que se despega da obscuridade, com todas as lagrimas que se choraram no mundo condensadas, vae desabar sobre nós. As suas palavras criam. O peor foi tocar-lhe! Neste debate entra agora o mundo todo. Entram as arvores e as pedras. Não ha duvida para mim: quando sahir disto tenho renascido: o mundo não é o mesmo mundo, o céu o mesmo céu, a vida a mesma vida. O que existe é outra coisa doirada e iminensa, esfarrapada e immensa. Repara que o céu augmentou em profundidade. O que existe são gritos, o que existe é o espanto. O peor foi tocar-lhe...

Um remexer de treva, que até agora podémos recalcar, soltou-se da escuridão e pôz-se a caminho. Já não ha esforços que a contenham... Um borrão tragico avança — outro borrão informe prepara-se. Os mortos empurram os vivos...

Passa no mundo a estranha ventania; é a morte que custa a separar da vida. O rasto que fica atraz, a perspectiva que fica adiante foi cortada. A morte está aqui dum lado, está do outro a vida. Tinha raizes enormes: arrancaram-lhas de vez. Agora atrevo-me a tudo. O turbilhão colerico abala o mundo, oiro e negro, esplendido e feroz. Desenraiza tudo. As almas acordam n'um sobresalto, e não ha homem que se não ponha á escuta. Passa no mundo a doida ventania das nossas aspirações secretas, das nossas duvidas, dos nossos desesperos. É uma voz — são muitas vozes. É um grito — são muito gritos. — É o grito contido ha milhares d'annos, o grito dos mortos libertos.

A VILLA E O SONHO

18 DE DEZEMBRO.

EM lugar do uso de palavras fazia isto melhor com o emprego de dous tons—cinzento e ouro: uma nodoa que se entranha noutra nodoa. O sonho turva a villa. A primavera toca n'este chareo só lôdo e azul: tinge-o e revolve-o. Mas o habito de tal forma se entranhou na vida, que cohabitam com o espanto e continuam a ir á repartição. Horas na torre. Mais silencio. A morte roda aqui por perto, alguem fala:—Então como passou? passou bem?—O habito tem profundidades de legoa.

A principio olham-se desconfiados, com medo uns dos outros. Sem duvida gostam de viver mais um seculo, mais dois seculos, mas não sabem ainda que emprego hão-de dar á existencia. Não se lhes dava mesmo de morrer com tanto que continuassem a jogar o gamão no infinito. O

que lhes custa mais a perder não é a vida, são os hábitos. Veem-se e não se reconhecem. Ha almas embrionarias, velhos lojistas que olham para si proprios com terror. A maior parte da gente, nasce, morre sem ter olhado a vida cara a cara. Não se atrevem ou ignoram-na: a outra existencia falsa acabou por os dominar. Não ha mascara que não custe a arrancar — ha mentiras que teem raizes mais fundas que a verdade. Por isso, para uns não morrer é continuar a jogar o gamão pela eternidade, para outros é juntar nma moeda a outra moeda, um dia a outro dia inutil. Sempre. . . Já na botica dois idiotas recommçaram com escrupulo uma partida que deve durar cem annos, e o bocal amarello, as moscas mortas estão alli com outro ar. Fixaram-se. Estão alli embirrentas e sordidas para toda a eternidade.

Pouco e pouco o sonho dissolve, a nodoa d'ouro alastra. Vae mexer com o subterraneo, acorda os mortos, desenterra o sonho submerso ha dois mil annos, sobressalta o instincto, bole com todas as almas sobrepostas até ao fundo da vida. Transforma, volta a existencia do avesso, deita o muro abaixo. Por ora é só uma idéa, mas sae-nos de cima o peso do mundo . . . Mexe em tudo, revolve todas as raizes que se apoderaram da villa. O sonho cae na regra, no charco de interesses, na hypocrisia que se não atreve, nos dentes afiados que se trans-

formaram em sorrisos, na paciência de quem espera uma herança com vagares de quem tece uma teia. Certas existencias são formidaveis, outras existencias são como alcovas onde nunca entrou a luz (cheiram a relento) e onde agora se agita e gesticula um ser desconhecido. Certas existencias são feitas de odio minuscuro, de inveja que sorri—porque nem a inveja se atreve. Certas existencias são erepusculares. Em certas existencias são os mortos que ordenam, muito mais vivos e imperiosos depois que estão no sepulchro. Quasi toda esta gente se desconhece. Nunca se atreveram e agora perguntam-se:—Sou eu? sou eu?

Aqui estou eu que finjo que sorrio, e acabo por fingir toda vida. A minha vontade era anular-te—e finjo, e o sorriso acaba por ganhar cama, a bocca por se habituar á mentira, a ponto de já não saber discernir o meu sêr, do sêr artificial que criei peça a peça.—Pois sim... pois sim...—Mas atraz disto ha outra coisa—ha fel. E quando tiro a mascara? Mas eu já não posso tirar a mascara, mesmo quando me fecho a sete chaves: a mentira entranhou-se-me na carne. Este phantasma chegou a ter mais vida que a propria realidade. E aqui andam outros sêres. Eu não sei quem sou e até o meu metal de voz estranho. Eu não sou quem falo. A meu lado, atraz de mim, vem um cortejo de phantasmas,

uma cauda disforme que me conduz e empurra, e adiante de mim ha uma projecção de vida até aos confins dos seculos.

Acaba a hipocrisia. Acaba principalmente a hipocrisia para comnosco, mais difficil de largar que a propria pelle. Eu minto mais a mim mesmo do que minto aos outros, finges tanto com a tua alma como com a minha. Primeiro é a hipocrisia que descasca. Acabou! acabou! E com espanto onço e desconheço a minha propria voz.

É que a morte regula a vida. Está sempre ao nosso lado, exerce uma influencia oculta em todas as nossas acções. Entranha-se de tal maneira na existencia, que é metade do nosso sêr. Incerteza, duvida, remorso... Nunca se cerra de todo a porta do sepulchro, sentimos-lhe sempre o frio. Agora não, a vida pertence-nos. A morte não existe, desapareceu a morte...

Ali a um canto um sêr desata a rir, a rir, a rir como nunca ninguem se riu.

E, atravez da pedra d'estas physionomias, transparecem já outras physionomias: as velhas, como uma roda de aranhas de penante na cabeça, apertam o circulo em volta da magestosa Theodora. São annos de paciencia, d'inveja e de

fel—são annos de tragedia. Sobresaltam-se as futilidades que estavam para durar seculos, mas ninguem arrisea ainda um gesto que o comprometa. Teem-lhe obedecido de rastros. O tempo passa, e com o tempo esta lucta entre o inferno e o sonho reveste-se de eimento e de grandeza.

Obedece e sorri a Elentheria. Moe, tem moido a vida inteira. Moe-se a si e aos outros.—E o tempo passa...—Obedece e sorri a Adelia, que esperou, tem esperado a vida inteira. A miseria censerva: tem os cabelos pretos. Seis, doze vintens desequilibram-lhe o orçamento: perde-os todas as noites com um serriso d'angustia. Obedece e sorri a Perphiria, que é a peor de todas; é feita de destroços e de restos. A aquiescencia tambem está presente com a D. Restituta, de guardachuva na mão, acenando sempre que sim á vida: —Peis sim... pois sim.—Faz-se um pouco surda para só ouvir o que lhe convem. Nunca diz mal dos outros, nunca repete n'uma casa o que ouviu cá fóra. As vezes, de noite, vira-se e revira-se na cama, mas nem sósinha se explica: suspira. É na apparencia um pouco trôpega, um pouco adoentada e surda: tem uma saude de ferro e um filho escondido. E ao passo que a D. Restituta, tendo dito a tudo que sim, tendo dito a tudo e a todos que sim, já não pode dizer, com o mesmo esgare, senão que sim: —Pois sim... pois sim...— a

Adelia é rispida: um vestido, um chale, um chapéu de plumas, e o desejo exasperado de toda a sua vida (tem sessenta annos) de ter uma sala de visitas com dois castiçais de prata e um album. O album lá está, na sala que cheira a bafio, e ha vinte e dois annos que dois paninhos redondos de crochet esperam os castiçais de prata. Obedecem as figuras secundarias, atentas e imoveis sobre o jogo, dependentes umas das outras, ligadas pelo mesmo interesse.

O medo acabou, e o escrupulo, a hipocrisia da gente que vive á roda d'uma ideia sem atrever a encaral-a. As velhas ouviram passos apressados dentro das proprias almas, o sonho veio á tona, e ficam absortas com as mãos agarradas aos queixos e as boccas espremidas a remoer em secco... —É preciso matal-a!—São annos e annos, são seculos de inveja paciente, que sobem á superficie: até as figuras de pedra ressumam dôr e desespero. Agora metem-me medo. As velhas somem-se, e ficam gritos, fica o espanto, ficam phantasmas.

Toda a gente dá a mesma ferocidade, odio instincto. Espremidos deitam as mesmas paixões. Uns ignoravam-se. Outros usavam a vida em manias. Outros gastavam-na em grotesco. Outros habituavam-se. A paciencia era pegajosa. A paciencia tinha uma côr especial, verde desbotado,

que mal feria a vista, e um filho, a cobiça, tal qual como a D. Restituta, que encrespa o pello e se põe de pé com o guardachuva em riste.

Cada ser me perturba como se contivesse em si o céu e o inferno. Bem sei que a formula não é inutil: ao contrario a mascara é indispensavel e é por ella que nos julgam. Mas, apesar de crearmos o mesmo bolôr e de nos sepultarmos ao mesmo tempo com certa comodidade sob alguns palmos de terra, ha qualquer coisa que remexe e que faz parte integrante da vida. Até o eseuo se eriça — até a grande sombra se deforma. — Muita gente na vida só conta com a morte. A D. Desideria desata aos ais. E é com secreta satisfação que vejo esfarelar-se este edificio tão bem construido sobre bases, que pareciam inabalaveis, do interesse, da hipocrisia e das conveniencias... Impelidos por uma mola dão todos um passo em frente, e ha tres dias que os padres se descompõem na colegiada sem se chegarem a entender:—Lá vae o inferno! lá vae o inferno!—E, efectivamente, dum instante para o outro, lá vae o inferno que tanto custou a fazer, e outras sombras temerosas reduzidas a eisco. Lá vae o scenário admiravel e monstruoso, todas as regras, todos os papeis pintados, que atravancavam o mundo, e eram pelo menos metade da nossa existencia. O que tinha uma importancia

extrema passou a não ter importancia nenhuma; o que parecia indispensavel á vida, e sem o que se não dava um passo na vida, reduziu-se n'um minuto a zero. E outras coisas insignificantes assumiram proporções enormes... Os padres clamam n'um côro desesperado:—Acabou o inferno! acabou tudo!—Descompoem-se na sala da colegiada que deita para o passado—o claustro com um pé de oliveira, e dois tumulos encravados na parede, scenographia para o Hamlet,—sêr ou não sêr eis a questão... Cheiram a ourina e a ranço.—A religião sem inferno está perdida.—Mas lá por o homem ter suprimido a morte, não deixa de haver inferno—observa o estúpido conego Fazenda.—Isso está claro que não deixa, obrigado pela observação, mas é um inferno tão distante que não mete medo a ninguém.—Protesto!—Lá vae o inferno! acabou o inferno!

Lá vae tambem o céu, mas o céu não faz falta nenhuma.

Já não ha esforços que contenham o mundo subterraneo que se pôz a caminho. Aos mortos cheira-lhes a vida, a saque, a infamia. A poeira remexe. Por mais que queiram conter a vida dentro de certos limites, ella extravasa e vem á supuração; por mais que a queiram comprimir

estala por todas as costuras. É inútil. Além da vida aparente, ha outra vida de odio, de sonho, de interesses occultos. É a vida, é o que eu scismo de noite e me sustenta de dia. É o desejo de exterminio, é o sonho que arredo e que me pega fuligem: são os restos de sonho de toda a gente. Em todas as almas, como em todas as casas, além da fachada, ha um interior escondido. Saem dos antros entontecidos e respiram, olham o céu e respiram. Saem dos buracos e põem-se a rir, ou falam só, o que é a primeira vez que succede na villa. Emergem da noite e vão deixando cahir os farrapos. Respiram com sofreguidão, os ganhanhos afiam-se-lhes, e o mesmo desejo os domina: a vida! a vida! a vida!

Só esta velha parou de remexer nas cinzas frias. Petrificou-se mais, petrificou-se mais ainda, e a figura curva exprime, na imobibilidade tragica, sonho e desespero, dôr o desespero, noite e desespero . . .

20 DE DEZEMBRO.

Que ha dentro deste sêr, que não tem limites? que ha dentro deste sêr de real e verdadeiro? Cada um assume proporções temerosas. Cahem lá dentro palavras, sentimentos, sonho—é um poço sem fundo, que vae até á raiz da vida. Á superficie

todos nós nos conhecemos. Depois ha outra camada, outra depois. Depois um bafo. Ninguem sabe do que é capaz, ninguem se conhece a si proprio quanto mais aos outros, e só á superficie ou lá para muito fundo é que nos tocamos todos como as arvores duma floresta — no céo e no interior da terra. De mais baixo ainda veem terrores, ancias, desespero . . . A maior parte das creaturas não só se ignoram como não passam nunca da camada superficial.

É um erro supôr que o homem ocupa um espaço limitado no universo: cada homem vae até ao interior da terra e até ao amago do céo. A parte de cima foi cortada, mas o que resta da alma é um poço sem fundo. Uma obscuridade. Por vezes fala a lei e o habito. Intrometem-se coisas abjectas a que não sei o nome. Agora é a vez de impulso — agora é a vez do interesse. A mania tambem tem os seus direitos. De mais baixo ascendem ordens que se não chegam a formular. Desço mais fundo no poço e encontro restos sorridos e candura. Por baixo sonho — por baixo fragmentos e gritos . . . As velhas, por exemplo, não são más, mas tem atraz de si seculos de ruina e de destroços. Ha-as que acordam sempre com a bocca amarga. Já tiveram vinte annos, e cada uma dellas suporta uma cauda de desespero, de illusões desfeitas, de illusões intactas, de desejos irreali-

sados, que lhes peza como chumbo. Cada velha arrasta consigo una porção de cadaveres... De mais fundo vem outro impulso... Começo a ouvir vozes que supunha de todo extinctas. Acordam e de tal forma se impõem, que a D. Procopia desata a falar sem tom nem som. Nessa vaga, n'esse lôdo adormecido, jaziam sêres ignorados que veem á superficie: sente-se no silencio as mãos agarrando-se ás paredes. Um a um todos deitam raizes tremendas. E a nodoa immensa alastra, a nodoa desordenada, que satura d'ouro a insignificancia e o genio, a nuvem que envolve a D. Inocencia, encrespa os cabellos á D. Leocadia, fez esquecer a dispepsia ao D. Prior, arreganha os dentes a D. Restituta. Pega-se. Torna uns mais ridiculos, concentra outros. Vae remexer no que estava sepultado ha dois mil annos, no bolor e no bafio, nas paredes compactas da Sé, nos santos immoveis nos seus nichos, na inutilidade e no habito. E doira, doira, doira, doira o Telles e o Reles, doira a hipocrisia e o medo, o egoismo e o interesse. E ao mesmo tempo que os transforma, põe-nos frente a frente a uma coisa estranha que não admite subterfugios — á realidade.

Desaparecendo a convenção e as palavras, que vae sahir daqui de temeroso e de ridiculo? Transformado o mundo, com que olhos vamos vêr o mundo? Tudo isto eram phrases e só existem

instinctos? A honra era uma phrase, o dever uma phrase e a vida um scenario? Cada sêr é capaz de todas as perguntas e de todas as respostas. Escorre todas as tintas e possui todas as côres, e só por habito adquirido ha seculos é que conseguimos olharmo-nos cara a cara, quanto mais alma a alma.

Ha dialogos na obscuridade em que se empregam palavras que nunca se usaram, e figuras que já não são as mesmas figuras. Todos nós somos disformes. — Deixem-me! deixem-me! — Agora quando falam já não é para dizer coisas convencionaes. — Estou á espera, tenho estado aqui á espera toda a minha vida. — Á espera de quê? — Á espera desta hora suprema, á tua espera... — Mas fala... — Não posso, só com gritos é que posso falar... — A outra coisa temerosa sacode-os... — Tu ouves? — Não te quero ouvir. Se consegues ficar comigo sós a sós, sinto que estou perdido. Tudo que me deu tanto trabalho a construir, alue-se n'um unico minuto. Teimo em me defender — teima em se fazer escutar... — Tu ouves? tu onves?... — Mas tu não existes... Ou tu não existes ou só tu existes no mundo... — Estremeccin até á base da vida, e, n'este cataclismo, ainda se lhes pegam coisas vulgares e coisas inuteis — o que se faz e o que se não faz, o que se usa e o que se não usa, as conveniencias

e os habitos rançosos. Ha dialogos formidaveis na obscuridade. Ha almas extacticas, ha-as reduzidas ao espanto.—Ouves?—tu ouves?—Não tenho a que me apegue, mal ousa pôr os pés. Até agora sabia quem era, ou fingia sabel-o, agora pergunto se sou a D. Leocadia, a D. Procopia e a D. Penaricia? Só posso viver ligado a certas palavras, a certos factos, a certas bases que julgava indestructiveis, e um nada destruiu tudo isto, transformou de todo a vida. O sonho tem outra côr, e a nodoa de oiro alastra, corroe, mistura-se a nodoas mais escuras e mais fundas, penetra, dissolve, produz logo manchas corrosivas como ulceras. —Phases ainda elles as teem, mas o peor é que cada um sente com espanto que já não subverte a verdade. Pergunto a mim mesmo se a deixo morrer, ou se a deixo viver mais duzentos, mais trezentos, mais quatrocentos annos? Agora que a sua vida só depende de mim, pergunto a mim mesmo se a deixo viver — contra os meus interesses? Eram tremendas as questões de dinheiro que a morte resolvia. Quem as resolve agora? Debatem-se em cada consciencia problemas que só teem uma solução—a morte. Excusas de desviar o olhar: só teem uma solução—a morte. E de mais fundo ascendem outras vozes e falam cada vez com maior desespero.— Não desvies o olhar. Tu ouves?...

Assim como esta clamam as vozes interiores, mais alto, sempre mais alto, imperiosas, as vozes da multidão que constituem a tua alma. Isto coincide com o grotesco dos homens de calva e ventre gorduroso, meios nus em plena praça, sem se atreverem a vestir-se ou a largar de vez os trapos convencionaes; isto coincide com uma primavera antecipada, em que as arvores, sentindo talvez que vão ser a nossos olhos apenas coisas utilitarias, se apressam a dar flôr, em que os céos nocturnos e sem macula parecem ter gelado em azul com fundos d'oiro revolvido...

Alguns põem-se a caminho e marcham com olhos inquietos. Passa essa sombra tragica, a mulher do Anacleto. Estes dois que foram sempre pessoas consideradas, com assento na existencia, e que usam a cabeça como quem usa um resplendor, o Elias de Mello e o Melias de Mello, sentem um baque que os amolga. — A nossa mãe morre... — E não tiram o lenço dos olhos. — Uivos, gritos, exasperos. É a transformação do grotesco em ferocidade, é a camada de hipocrisia que custa a romper. Imaginem isto: imaginem o lojista em debate com a vida subterranea, o lojista deparando pela primeira vez com uma alma esplendida, e a D. Adelia, de chinó postiço, fechada numa gaiola com a verdade, e aos saltos uma á outra.

Foi grotesco, começou por ser grotesco. Mas

escuta-te: é um mundo que lá tens dentro, é uma multidão que se prepara para o assalto. Estava adormecida, acordou. Mete medo. E pregam, açulam-se, avançam direitos aos seus apetites, ao saque, á guerra, a luxuria. Continham-na arames enferrujados, o medo da morte, o habito de crêr em Deus (sabendo bem que Deus já não existia) phantasmas, cacos d'armadura que derriuram d'um dia para o outro. Descobrir que não ha Deus que alegria! Põe a gente á vontade. Respira-se d'outra maneira. Descobrir que a morte não é inevitavel endurece. O mundo muda d'aspecto. Agora é que eu contemplo a vida — e me perco na vida. Começo a ter medo de mim mesmo e não me posso olhar sem terror. Que é isto, este sonho, esta dôr, esta insignificancia entre forças desabaladas? Onde hei-de pôr os pés? Eu sou a arvore e o céo, faço parte do espanto, vivo e morro ligado a isto. Sou temeroso e ridiculo. Não me desligo do turbilhão azul, sem nome, que me leva arrastado, estonteado, iludido, e ao mesmo tempo discuto, nego e afirmo. Sou ridiculo e construi o mundo. Souho e acabo reduzido a pó. Sou capaz de tudo e um nada me abate. Sou sordido e futil e não tenho limites — vou de mundo a mundo e de espirito a espirito. Dei alma ás coisas inertes, significação ao universo, vida ao que não existe, luz ás estrellas — e no fim acabo grotesco. Sou

nada entre o pelago e sem mim tudo se afunda no pelago. O que olhava com indiferença mete-me agora medo. Não posso com o mundo transformado, com outros seres, e onde não me desligo d'uma força cada vez maior e mais desabalada.

Preciso de olhar para mim, sou forçado a olhar para dentro de mim mesmo, a encarar comigo mesmo, e ou desato a rir ou fujo transido de pavor. Não me posso comprehender no universo, não entendo esta luz insignificante no negrume gelado, nem esta discussão interminavel no silencio absoluto, nem este ridiculo, nem esta figura mesquinha que representa o mundo. Com que destino rio ou choro entre o enxurro de ouro e os impulsos tremendos que veem não sei donde e caminham desabaladamente para um fim que não distingo? Tenho medo de mim mesmo! tenho medo de mim mesmo! Nunca o acaso pariu nada tão monstruoso e tão grotesco como isto a que se chama a vida. Tenho medo de mim mesmo! Cada vez me sinto mais abjecto e mais transido — cada vez me sinto maior e mais capaz de tudo. Não me posso olhar nos olhos, com medo de vêr o que nunca vi, em todo o seu horror e em toda a sua nudez. Grito.

Gritos — gritos — gritos ainda sufocados. Ouço-os na noite imperturbavel, na harmonia esplendida, na arvore e na pedra. Mais gritos no

turbilhão dos mundos, e atraz desse turbilhão outro maior — e mais gritos ainda. A ternura sou eu que a presto ao absurdo e á dôr. O que fiea na realidade são gritos. A harmonia parece immensa porque as coisas não teem boeca para prégar — ou não as sabemos ouvir. Tudo isto se reduz a dôr muda, a dôr intoleravel n'um escantilhão de desespero — de desespero sem significação — de desespero eada vez maior. E sempre outras boecas pregam mais alto na noite que não tem limites, outras boecas que nem sequer existem. Levanta-se a poeira tragica, a poeira que anda espalhada ha milhares de annos, a poeira dos mortos e a poeira dos vivos. Mais poeira ainda, que vem dos confins, toda a poeira dispersa, que já foi ternura e desgraça, poeira desaparecida que foi sonho, poeira inutil que foi dôr.

Os maiores dramas passam-se porém no silencio.

23 DE DEZEMBRO.

« Se ella morresse . . . » Esta ideia ao menor obstaculo, esta ideia a que eu fujo e a que tu foges, e que ambos arredamos, mas que se obstina até a proposito dos que mais amamos — esta ideia transforma-se logo em acção: — Vou matal-o.

Desapareceu a morte e eis-me aqui preso a esta creatura do olhos tristes fitos em mim. Para sempre! Até as coisas mais bellas se transformam em absurdo e me pesam como chumbo. Peza-me a tua amizade, peza-me o teu amor — para sempre.

A pobreza e a humildade não se toleram para sempre.

A ninharia a poder d'annos e de persistencia impõe-me respeito. A ninharia um seculo, outro seculo, transforma-se em grandeza.

Quanto menos sinto a morte necessaria para mim, mais a julgo necessaria para os outros. É um muro que ó forçoso deitar abaixo. Para respirar é preciso deital-o abaixo.

Muitas vozes, a d'este, a d'aquelle, a de tantos mortos, a imporem-me a sua lei... Agora só ou falo e com a minha propria voz.

Agora só eu mando. A vida vou julgal-a com os meus proprios olhos. Vou tomar folego, vou tomar poso á vida. Sei-a de cór e salteado. Sei o que valem os preconceitos, as illusões e as palavras — sei o que vale o dinheiro. Não torno a ser iludido.

A vida é um combate, que só se vence pela bajulação, pela manha ou pela audacia — todos os meios são bons. Os escrupulos não servem para nada, a convenção tolhe-nos os braços. Meia duzia de regras afiadas bastam. Honestidade a precisa para que confiem em nós — piedade a bastante para que não nos assaltem os cofres. Fóra d'isto logro.

Se tenho forças uso-as.

A vida n'estas bases é talvez monstruosa, mas não posso modifical-as. Aproveito-as. Tiro da vida o que ella me pode dar. Com ilusões podia-se ser pobre — sem ilusões só se pode sêr rico.

25 DE DEZEMBRO.

O peor é que se passa no silencio. É a outra coisa que acorda, é a outra coisa desconhecida que começa a empurrar o tabique. Deitamos-lhe todos as mãos para o segurar, mas, no escuro e no silencio, a pressão redobra... Está outra coisa por traz do tabique, outra coisa que eu não quiz vêr, e que o sacode com desespero. Bem sei, bem sei que existes! Bem sei que estiveste sempre ao pé de mim. Nunca te deixei discutir comigo. Senti sempre que estava perdido se te deixasse abrir a

bocca. Ha tragedias de que desviava o olhar, fingindo não as vêr. Agora hei-de vel-as por força. Ha misterios que não queria debater e agora se me impoem. Ha vozes que não queria escutar e que falam mais alto que a minha voz. Ha sêres que não queria conhecer e que discutem agora tu cá, tu lá comigo. Tenho de os aceitar. Romperam pelos sepulchros fóra—despedaçaram todas as tampas. E esta intrusão na vida modificou de todo a vida.

Cada um vê doirado. Tem de pôr o problema alli na frente e de o resolver. Tem de ir até ao mais profundo do inferno e até á vacuidade do céo. Cada um tem de se olhar a si mesmo, nu é ridiculo, nu e esplendido. Cada um vê por uma fresta a força desabalada, e põe-se a scismar como Dante com a mão ferrada no queixo. Temos todos de resolver o problema. Debalde amontoamos inutilidades ou palavras, ahi está na nossa frente o mundo real, o mundo da verdade, o mundo sem subterfugios. Traz flôres como uma primavera, traz enxurro. Arrastou-se pelas folhas apodrecidas e pela lama. É doirado—é feroz. Tem todas as tintas e todas as côres, e sobre isto phrenesi. É humilde, leva consigo no mesmo impeto ternura, dôr e desespero. Está dorido e vae tão fundo como a propria desgraça. Impele-nos. É a vida e o sonho, é a tragedia—não exis-

te. Não tem nome. Chama-se a vida e a morte. É uma coisa absurda. Mete-me medo e extasia-me.

As velhas já não dizem:—Jogo!— Houve uma coisa que se meten de permeio. Os passos aproximam-se e o esforço augmenta. Sinto-lhe o bafo monstruoso, sinto-o mais perto de mim e encostado ao meu sêr.

O que se passa em cada casa, dentro de cada sêr, no fundo de cada poço? Ouve-se as almas, como se fossem facas, afiarem no escuro. Estão promptas. Bem sei, falam ainda enteramelado, não dizem o que sentem, mas já caminham segundo o interesse, o odio e o sonho. As resmas de papelada são inuteis, a lei todos os dias se reduz a zero. A nodoa alastra. E agora é que se vê bem o que cada um trazia dentro de si. N'esta primavera ha duas primaveras. Agora é que eu comprehendo que as palavras que se pronunciavam eram rituaes, que os gestos, com seculos de existencia, eram necessarios e significativos. As phrases rançosas das velhas nos dias de enterro, as phrases banaes, eram as unicas capazes de amortecer a dôr; este habito ridiculo de jogar o gamão um opio, como esta historia que a Bacellar conta a si mesmo, com um ar idiota, um principio de sonho. Tanto vale uma tragedia. É preciso fugir á realidade. Comprehendo tudo. O que ellas

odeiam no Gabiru é a sua immensa capacidade de sonho; o que a villa escarnece é o que a villa inveja. Bem se importa esta roda de velhas, em volta d'uma meza de jogo e o candieiro ao centro, com a bisca lambida: durante algumas horas esqueceram a mediocridade da vida — esqueceram tambem a morte. O chale velho a que a D. Leocadia se achega todas as tardes, mesmo no pino do verão, pegó n'elle e, quanto mais no fio, mais peso tem: está encharcado de sonho.

PAPEIS DO GABIRU

25 DE DEZEMBRO.

O QUE me impede de vêr a tragedia da vida, é a
ninharia da vida.

A alegria é a luz. A luz suprema é Deus.

Se elle não existe— nós creamol-o.

Ceguei a um ponto da vida em que nem os
outros me interessam, nem eu interesso os ou-
tros. Não falamos a mesma lingua. Só entendo
alguns desgraçados.

Tudo na natureza são fórmias da minha alma.
Minha alma passa como uma luz em frente da
escuridão. Extincta só resta a treva.

Se não fosse o habito uma arvore matava-me.

Não posso olhar o céu sem terror, e tenho de fechar todas as portas para voltar á vida comestinha.

Para o outro mundo é preciso uma iniciação.

Sinto que cada passo que dou é irremediavel.

Se me perguntassem o que queria ser — queria ser isto mesmo. Assim na eternidade te queria, minha alma, com o mesmo sonho, a mesma vida e os mesmos erros. Não te troco por outra alma.

Não ha belleza completa sem uma pontinha de saudade.

A pobreza, a desgraça e a dôr metem-me medo. Mas que prestigio! Ser alimentado pela desgraça dá outra fibra, que só á desgraça pertence. Faz-se parte d'uma legião esplendida.

Ha uma porção melhor do nosso sêr, não ha negal-o. Luz entre residuos, gritos e instinctos. Se não existe outra vida, pergunto para quê?

Se fosse possivel suprimir a illusão — morriamos todos á uma. Vivo entre quatro paredes, e entre quatro paredes analizo e commento e construo o universo. Fora d'esse casulo nada existe

para mim. Succede, porém, que da parte de fóra é que está o resto . . .

Se me perguntam o que é a vida—não sei o que é a vida. Sei que me devora—sei que tenho ao pé de mim a morte.

Que faz de nós a vida? A vida gasta-nos, reduz-nos a linhas essenciaes. Habitua-nos a viver, e, quando estamos habituados a viver, suprime-nos.

Sei que tudo são apparencias, com uma unica realidade, a morte. Para morrer não valia a pena viver, para me encher de saudade não valia a pena viver. Só para ser mystificado não valia a pena viver.

A melhor parte da vida —é a saudade da vida.

A que se reduz afinal a tua vida? Algumas ideias mesquinhas — e a uma coisa que não cabe cá dentro.

Sim a vida tem minutos bellos, quando a gente a esquece. E acima de tudo o sonho. O sonho vale a vida.

É nada e menos que nada. Impulso, desconcerto e logica, e no fundo do teu sêr uma ancia superior a tudo, que é a melhor parte do teu sêr.

Melhor, que te faz desgraçado. Melhor que teima em querer um universo a seu modo, e que pouco e pouco, apesar de tudo, contra tudo, tem construído o mundo a seu modo. Foi ella que fez Jesus. É ella que te impele para cima, cada vez mais para cima.

Ouço-me viver com terror—e caminho nas pontas dos pés para a morte.

Se a vida futura é um absurdo, esta vida é um absurdo maior. É tudo uma questão de habito. Tanto sonhei contigo que te construí.

Sou aqui tão necessario como as estrellas do céo. Aqui estou, creatura mesquinha, com a dôr a meu lado, com sonho a meu lado. Hei-de acabar por te dominar. Não ha morte que te valha!

Isto é abjecto, ás vezes é grotesco—mas se isto desaparecesse, desaparecia Deus, e, com o maior dos sonhos, todos os outros sonhos.

30 DE DEZEMBRO.

A vida é tecida como o linho: um fio de dôr, um fio de ternura. Eu intrometo-lhe sempre um fio de sonho. Foi o que me perdeu.

Só dei por ella depois de morta. As horas

mais bellas perdi-as a sonhar, quando a vida estava a meu lado. Eu não vivi! eu não vivi!

Agora é que me lembro della, como d'uma tarde que viesse devagarinho na ponta dos pés, e se fixasse n'um minuto, no silencio, nas coisas suspensas na luz—nos botões quasi a abrir.

Estraguei tudo, estraguei a minha vida e a sua vida.

O dia d'hoje não existe para mim: só penso com sofreguidão no dia d'amanhã. Ora amanhã é a morte. E succede tambem que só dou pelas coisas bellas da vida, depois que passaram por mim, e que as não posso ressuscitar.

Ha na vida um unico momento. Um momento que sorri. Que concentra em si todos os momentos. Troquei-o pelo absurdo. Troquei a vida pela morte.

Só agora seus olhos verdes d'espanto me chamam, seus olhos que exprimem o irreal e o mundo todo, seus olhos cheios de dôr represa e de sonho coado por lagrimas...

Agora é que ella está viva! agora é que ella está viva! E tão viva que a confundo com a morte.

ATRAZ DO MURO

10 DE JANEIRO.

O TABIQUE cahiu e contemplo a vida. Mas entre mim e mim interpõe-se um muro. O drama não tem personagens nem gestos, nem regras, nem leis. Não tem acção. Passa-se no silencio, despercebido, entre mim e mim. É um debate perpetuo.

Que duvidas? Pois se a minha vida é esta q não ha outra vida; se o minuto é este e não ha outro minuto, que força me póde deter para que eu não realise o meu destino contra ti e contra todos?

Ha um ser que ocupa o meu ser e me domina quer eu queira ou não queira. Quem ha ahi capaz de dizer que a mesma ideia o não persegue? Arreda-a. Tambem eu. Mas saio d'isto aos gritos. Esfacelado. Tenho por força de o admitir na

*

minha companhia. Subjuga-me. Peor: faz-me falta quando o não tenho ao pé de mim.

× Sentiste-o avançar, pouco e pouco, no silencio? Sentiste o teu pensamento disforme avançar mais um passo no silencio? É porventura possível que o que se passa no mais recondito do ten ser, alguém o presinta e o ouça avançar no silencio?'

Ha em mim varias figuras. Quando uma fala a outra está calada. Era suportavel. Mas agora não; agora põem-se a falar ao mesmo tempo.

× Talvez eu seja um ser complexo, talvez os outros sejam tão complexos como eu. Tudo me faz sofrer — mas metade do meu sofrimento é representado. Tenho ó certo duvidas — mas metade das minhas duvidas são postigas. Hei de acabar por não crer em mim como não creio nos outros.

× Perpetuo combate a que bem quero pôr termo e que só tem um termo—a cova. Eu e o outro — eu e o outro... E o outro arrasta-me, leva-me, aturde-me. Perpetuo debate a que não consigo fugir, e de que sahimos ambos esfarrapados, á espera que recomece—agora, logo, d'aqui a bo-

cado—porque só essa lucta me interessa até ao amago... Estou prompto!

Eterna contradição de todo o teu ser. Não sabes o que queres nem como o queres. Não sabes no que crês nem no que não crês. És um impulso. Vaes até á cova levado por todos os ventos, sempre a barafustar sem sentido. Explicas tudo, ignoras tudo, adivinhas tudo. És um mar d'inverno n'um dia de verão.

Está tudo decidido—dizes—está tudo prompto. Só uma coisa me falta: pôr isto em acção. E essa coisa, que é um nada, tem o infinito de comprido.

Desde que este phantasma se poz a caminho nunca mais consegui detel-o.

Começa por uma idéa que afugento. Começa por um pensamento tenue, por uma simples palavra que afasto.

Insiste. Ha ainda dias em que discuto. E por fim domina-me, tem mais vida que a minha vida, tem mais realidade, mais sonho e dor, do que eu.

Assisto á sua acção e não o posso conter. Acaba por acampar entre os destroços do meu ser como um dominador.

Mas eu não o criei! não fui eu que o criei! Não só o não tolero como lhe tenho horror. Mas para ser sincero devo dizer que ha occasiões em que me submeto com alegria. Para ser sincero até ao amago, devo dizer que n'esta dôr, n'este desespero, é que me sinto inteiramente viver. Com elle é que eu grito. Decerto eu não sou isto — não quero ser isto. Tenho-te medo e pertenço-te. És a melhor e a peor parte do meu ser.

Felizmente não vemos senão detalhes. Se alguém pudesse encarar uma alma até ás maiores profundidades, e vêr ao mesmo tempo de que ternura, de que ancia, de que desespero e de que tempestades essa alma é capaz, nunca mais podia desviar os olhos d'esse espectáculo. Fosse ella a minha alma ou a tua alma. Era o mundo todo, era o universo. Era Deus.

Que posso eu contra a vida? E se me recuso, se lucto, que me espera? A renuncia? A estúpida renuncia, e cada minuto que passa me aproxima do nada, me leva, queira ou não queira, para o nada? Na cova, na podridão, desfeito em pó,

arrastado por todos os ventos, d'aqui a um seculo, d'aqui a milhares de seculos, ainda todas as particulas do teu ser, que não soubeste impregnar de vida e alimentaste de simulacros, te hão de prégar:—Estupido! estúpido!

Remorsos? Eu não tenho remorsos. Duvidas? Eu não tenho duvidas. Desde que te vi — vi o universo. Compreendi tudo. Compreendi que não tinha vivido, e que toda a minha existencia tinha sido ficticia — que mais valia um minuto na vida, que cem annos de vida. Que só ha uma hora na existencia e que é preciso aproveitá-la. Que tudo é simulacro e só tu és a verdade. E apercebi o universo como força e destino a tal profundidade, que n'esse rapido segundo passou por mim n'uma rajada todo o turbilhão da vida, com as suas vozes, os seus misterios e toda a sua grandeza feroz. Vi tudo. Senti tudo. Bastou ver-te. Portanto não tenho duvidas nem remorsos. Ao contrario estou calmo, ao contrario estou decidido.

Mas ha uma coisa temerosa, uma coisa inexplicavel e immensa — um fio que não posso cortar. Tenho a sensação de que, cortando-o, aniquilaria a vida. Não a minha vida, que não importa — mas o que ha de mais extraordinario e de mais

tenue na vida. Se houvesse Deus, diria que aniquilaria Deus.

Ha uma atmospherã de mentira que ninguem deve ultrapassar — ha uma atmospherã viva que todos nós respeitamos.

Mergulho. Mergulho mais fundo ainda e não encontro nada. E no entanto tu existes. És muda e existes. Quando me imagino livre de ti, é que tu tens mais força. Procuro explicar-te por palavras, por convenções, por regras aprendidas, por habilidades... És muito maior do que eu.

Ponho o ouvido á escuta d'encontro ao mundo, ouço-me para dentro, para surprehender as coisas fundamentaes que elle me ordena e são duas ou tres simples, d'instincto e ferocidade. E alem d'isso outra coisa immensa — que não existe.

Como te chamas tu? E tu, dor, como te chamas?

11 DE JANEIRO.

Ponho-me a olhar para ti consciencia, e exijo que me fites nos olhos e que me fales claro. Não entarameles a lingua. Em primeiro logar diz-me

o que és e o que significas: medo, receio, uma voz que se cala se a miseria aperta ou a luxuria levanta a cabeça. Um nada, uma voz tão timida e tão prompta a sumir-se... Incommodas-me é certo, mas não impedes nada. Falas quando devias estar calada, não sabes o teu papel e nunca entras a tempo. Herdei-te: és convenção e egoismo alheio entranhado no meu egoismo, synthetisado em duas ou tres regras para commodidade dos outros. Fazes de mim uma prêsa facil para quem a não tem. És escrupulo, e o escrupulo é pelo monos inutil.

Estás em perpetua contradicção. Inutilisas-me metade da vida e nunca me pude desfazer de ti. N'esta lucta de todos os dias, quando me julgo livre, é quando te sinto todo o pezo.

Isto é decerto a vida. Mas a vida é tambem o instincto que me diz: Aproveita, não deixes fugir o unico minuto. Se a vida é um momento entre o nada e o nada, o que vale a pena é aproveitá-lo.

A questão suprema é esta e só esta: Deus existe ou Deus não existe. Se não ha Deus, a vida, producto do acaso, é uma mistificação. Aproveite-mol-a para satisfazer instinctos e paixões. Se Deus não existe, não ha força que me detenha. Não ha palavras, nem regras, nem leis. Tudo é permitido.

Questão logica: pois eu hei-de ir para a cova, para todo o sempre, para toda a eternidade, sem ter extrahido da vida tudo que ella me possa dar, preso a palavras ou a meras questões de forma? Oh! ponhamos a questão, consciencia: se Deus não existe tu não és senão um estôrvo, mecia duzia de regras aprendidas ou herdadas. Ponhamos enfim a questão com toda a clareza, porque este é o unico problema que me importa e que te importa resolver.

Escusas de encher a bocca com o dever. O dever não me interessa nada. A questão fundamental, a questão que eu debato com todo o meu sêr, e de que me não consigo desligar, é a da morte eterna e a da vida eterna.

Se Deus existe eu sou um homem,—se Deus não existe eu sou outro homem completamente diferente.

Não existindo tu consciencia, o que tu te intrometes na minha vida! E tanto faz analisar-te, discutir-te, negar-te, incomodas-me sempre. Estás morta—estás viva. Na cova hei-de chorar inutilmente por te ter obedecido. Hei-de revolver-me com desespero, por teres conseguido amolgar-me e amesquinhar-me. Por mais que queira desfa-

zer-me de ti, tu impões-te-me. Quando te julgo aniquilada, ahí começa a falar outra vez.

Vens de muito fundo!

Às vezes protesto e imponho-me. Decido passar sem ti: humilhas-te. Humilhas-te para logo levatares a cabeça e revolveres o punhal na ferida. Pesas-me como chumbo. És de ferro. Bem tento explicar-te: são os escrúpulos que me não deixam trahir, mentir, subir. O que é eficaz não é ter escrúpulos, é fingir tel-os. É tudo o que os outros nos pedem.—Mas tu não transiges. Se te abaixas, é para te ergueres de novo, para de novo me atormentares. Não me largas. Acompanhas-me por toda a parte.

Se me livrasse de ti! se me livrasse de ti!

18 DE JANEIRO.

O que eu tinha era medo. Medo da morte, medo da sombra. Só isto existia? Quando tudo em mim me prégava que aproveitasse este momento, que deste unico momento extrahisse tudo que ella me podia dar—alguma coisa me detinha. Eras tu consciencia. E tu não existias!

Fale a logica, fale a razão, fale tambem o instincto... A consciencia é sempre religiosa. Mal posso dar um passo no mundo sem tremer. O mundo é Deus, Deus rodeia-me. Tudo para mim é uma causa de espanto — e atravez deste espanto presinto ainda um espanto maior. Sinto-me como balouçado n'um sonho immenso. Ando nas pontas dos pés. Mal ousa respirar no cantinho onde contemplo. E a minha consciencia era um reflexo deste universo. Mas se tudo isto se converte em forças, se arredo de vez a sombra temerosa, se tudo é acaso no acaso, se nada existe, se é indifferente o que eu penso e o que tu pensas, se só eu sou ao mesmo tempo o bem e o mal, a consciencia já não é a mesma consciencia e a sentimentos novos corresponde uma consciencia nova. Bem te procuro encontrar no fundo do meu ser. Rebusco-te. Às vezes, nos momentos tragicos, já não é contigo que eu deparo — é com outro sêr que assiste sempre, como um espectador, a todos os meus exageros. Deitavas-te comigo, levantavas-te comigo, ferrada como um punhal — e não existias. Neguei-te. Expliquei-te. Reduzi-te ás tuas verdadeiras proporções — e tu não existias! Atormentaste-me e fizeste-me sofrer mesmo quando já comprehendera que não existias. E agora mesmo, quando o universo é outro universo, ainda te encarniças sobre mim como um phantasma.

Escusas de te rir — tu não existes. Dependias da morte, e o que eu tinha na realidade era medo. Talvez medo para depois da morte — medo da minha alma em frente da minha alma, medo de aparecer nu e com pustulas diante do que é eterno. Carreguei-te como um fardo inutil. Põe-me a questão, põe-me todas as questões que quizeres. Tenho diante de mim este mundo e a voragem, este mundo e o nada. Não te metas de permeio, que já não tens razão de ser. Seria mistificação sobre mistificação. Não me atrever agora é absurdo. Porque, consciencia, o que importa é a parte interior — é a verdade sós a sós comigo, fechado a sete chaves, e essa é temerosa. Não tentes iludir-me. Não podes mentir a ti mesmo. Vês que passaste a vida a conter o mal — e o mal fez parte, queiras ou não queiras, da tua vida. O mal é pelo menos metade do teu ser. Agora sim — agora estou livre a atrevo-me. Para sempre livre da morte e livre do tempo, calco-te aos pés. Nenhuma sujeição. Nenhum temor, nenhum phantasma. Sem escrupulos! sem escrupulos! Uma força entre forças e mais nada. O mundo pertence-me. Pertence-me e olho-o cara a cara sem desviar o olhar. Sou a unica força consciente, sem palavras que me diminuam, nem escrupulos que me contenham...

Agora fala! Aproveita o minuto unico, a infamia, o enxurro, o sabor a fel e a lagrimas da vida, ou enfileira-te, se podes, no estúpido rebanho, e reentra na vida quotidiana, feita de pequeninas regras e interesses. Vem-me um vomito: tenho vontade de fugir de mim e dos outros: só o que é selvatico me interessa e acorda em mim sonho, perfume e ferocidade. . . Quero saber o que me impede agora de matar. Quero saber o que me impede de olhar nos olhos o inferno, de seguir o instincto e de obedecer ao impulso. . .

O SONHO EM MARCHA

20 DE JANEIRO.

O HOMEM por dentro é desconforme. É elle e todos os mortos. É uma sombra desmedida: encerra em si a vastidão do universo. E com isto teve de atender a mascara. Para poder viver teve de se transformar e de esquecer a figura real por a figura de todos os dias. Agora todos somos phantasmas — todos somos afinal só phantasmas, e o que construimos já não cabe entre as quatro paredes da materia...

Todos temos de matar, todos temos de destruir. Todos temos de deitar abaixo.

Ha que tempos que deitamos flôr pelo lado de dentro! Fomos sempre construcções vivas, arvores estranhas, que bracejaram para o interior do tronco ramos e tinta, mais ramos desmedidos

e tinta, revestidos de casca pelo lado de fora. Foi por dentro que vivemos e só por dentro nos era lieito crescer, cada vez mais alto, até a morte intervir. A alma d'estas velhas chegou assim a ser prodigiosa. Façam o favor de entrar... Algumas flôres murehas n'um cantinho com môfo. Depois paciência, avareza, depois um vasto campo funerario, onde passa o vento da desolação como na retirada da Russia. E dominando a paisagem dois ou tres mareos geodesicos. Lá no fundo uma pégada de vida empocada e que reflecte o céu: alli se miram e remiram na sua mocidade. Notem: nenhuma disse uma palavra mais alto. Notem: nenhuma arriscou um gesto mais brusco. Por mais fel que lhes venha á bocca estão habituadas a engullir-o. Nem com a cabeça tapada se atreveram a olhar a verdade. P'ra dentro! sempre p'ra dentro! E assim succede que não se construiu nunca cathedral com alicerces mais fundos. Está viva. Uma sustentou-se de côdeas, outra sustentou-se de fome. A inveja tambem sustenta, o fel tambem sustenta. Á Araujo só a paciencia e o caleulo lhe permitiram viver. Ás vezes tem fome — nunca disse a ninguem que tinha fome. Sabe logo quando entra n'uma casa as palavras que agradam á velha rancorosa e á filha cheia de pretenções a quem ensina as escalas; de quem

ha-de dizer mal esta semana e bem para a que entra. Esperou como a aranha espera com o estomago vazio. Nunca pediu esmola. Melhor: conseguiu dar-se ao respeito. E calcula, calcula, cheia de fome, o tempo que a inagostosa Theodora pode durar. A D. Penaricia é abjecta, mas só a abjecção lhe tem permitido viver. A mentira tem razão de ser — sem abjecção a sociedade repele-nos. Admitimos alguma abjecção, não completa e total, que repugna, mas a precisa para servir de realce e moldura ao nosso quadro. Acresce a isto que teve de viver com despreocupaçào, de sorrir com despreocupaçào, de mentir com despreocupaçào — com a miseria atraz de si. Teve de luctar com a fome, e de manter certa apparencia. Conseguiu impôr-se. Com fel constrõe-se uma vida — o fel dá certa solidez. O peor é meter logo para dentro toda a inveja que lhe vem á bocca. Peor ainda: na velhice misturou-se tristeza ao fel. Não só a D. Penaricia tem inveja, não só a D. Penaricia odeia, mas a D. Penaricia chega ao ponto em que percebe a inutilidade do fel. A Theodora pode aniquilal-a de um gesto. Fel e vinagre — mais fel e tristeza. É um vasto campo de destroços de que desvia o olhar. Foi-lhe então inutil o fel? Se não fosse o fel já tinha morrido. Quando passou fome, quando deu dinheiro ao homem para o jogo, quando perdeu na bisca para a Theo-

dora ganhar e sorrir, o que a sustentou foi o fel. Quando vestiu a filha e a passeou no jardim, com trapos como os outros trapos, o que a sustentou foi o fel. Juntem a isto coisas inverosímeis que se lhes pegam e as reclnam, velhas coisas esquecidas, velhos sapatos d'ourela, desaparecidos para sempre nas profundidades do nada; velhos habitos, costumes aferrados, misérias chronicas, adquiridas pela vida fóra e que erguem a voz, cabelos postiços, sentimentos postiços, gritos, e o exaspero de quem não pode berrar:—o que eu quero é gosar! o que eu quero é encher-me!—o que representa ainda mais fel e tristeza, mais fel e vinagre. Tudo isto se fez pelo lado de dentro—tudo isto cresceu pelo lado de dentro, de tal forma que se fosse material não cabia no mundo, com colunatas, porticos, destroços e subterraneos, como uma cathedral gotica. Aqui nesta cripta está o relento, branco e molle, creado na escuridão e no silencio, branco é molle, branco e sem olhos. Varias sepulturas com estatuas jacentes e, mais adiante, sobre sarcophagos, a Tradição e a Formula, que durante os annos que durou a bisca, defenderam a magestosa Theodora d'um envenenamento. Aqui agora—cuidado!—a escuridão é viva, a escuridão é sonho, é sonho requentado, como um acresceto de todos os dias, sonho com que não podem mais ao

lado da vida quotidiana. Como sempre as velhas deitam-se cedo, rezam o terço, e antes de dormir juntam um pormenor ao sonho inutil, uma figura aos nichos, um portico aos porticos, um terraço aos terraços — até que adormecem com um sorriso candido e um cheiro pela bocca que tresanda... Aqui com o tempo acrescentou-se um alto relevo esquecido; aqui as figuras são figuras de delirio; aqui a nave atinge alturas desconexas sustentada n'um unico pilar; aqui abre-se uma ogiva com vitrais, que esclarece a uma luz funerea um quadro indistincto, e que é talvez a recordação d'um amôr já morto — porque ellas tambem amaram — aqui o misterio envolve-se em sombras condensadas, onde agoniza um Christo exanime que mete medo. Adiante n'um friso incompleto com uma cidade phantastica, campeia o diabo; depois um remate enfumado, cachorros sustentando uma arcatura, onde se admira a delicadeza e a abundancia de ornamentação (é a paciencia); e n'este canto mais sonho, entre negrume accumulado, treva viva n'um buraco de treva, que a si propria se enovela n'um desespero, até que não cabe na cathedral, irrompe para o lado de fóra e chega n'um jacto ao céo... Isto não é a cathedral de Burgos — é a cathedral do fel e vinagre.

Todas aceitavam a morte e a vida quotidiana. Resignavam-se. Mas o que esta palavra representa

de sonho desfeito em fumo, de coleras inuteis, de inveja inutil, de bolor e de despeito, tradul-o a paciente D. Herminia por este grito feroz:

— Estou farta senhor padre Ananias! Estou farta de o aturar a si, de aturar os outros, e de me aturar principalmente a mim mesmo!

A paciencia acabou, a resignação acabou — e acabou a morte. Suprimida esta ideia, suprimido tambem o tempo e o espaço, as velhas não existem; o que está vivo é a ferocidade, a paciencia e a mentira — e tudo espera a occasião. Espera e desespera. A parte de dentro é que está viva e reclama de pé e de ferro a sua vez. Alli estão frente a frente, e pergunto se estas velhas que passaram a vida á espera d'uma herança não teem direitos. Pergunto se é possivel que a magestosa Theodora continue a viver mil annos e a impor-se, a mandar, de quico na cabeça e com o cofre atraz de si, e as outras agarradas á meza do jogo e á espera da morte. Pergunto se ter inveja não é sofrer, se ter paciencia não é sofrer. Ha que tempos que cada uma d'ellas só pensa em matal-a e arreda a ideia com medo ao inferno. A teia aperta-se. Mais um momento e a teia torna-se visivel. A magestosa Theodora não pode escapar. Todos os dias se tecem fios que a envolvem, todos os dias aquellas vontades actuaem, todos os dias o sonho constroe. Sufoca. Formou-se um

sêr que tem vida própria, uma atmosphaera, uma alma commum, de que fazem parte todas aquellas almas. A magestosa Theodora pertence-lhes. Hoje a Adelia cravou de repente a agulha sobre a meza, e a magestosa Theodora desatou de subito aos ais, aos ais, como se visse alli lavrada a sua sentença de morte. Todas as phisionomias mudaram alteradas e profundas, subindo á tona das profundidades do universo ou de poços mais profundos ainda. Agora o sonho não é um segundo, o sonho vae ser a vida.

— Está certo o senhor? Está certo o senhor padre Ananias, que depois d'esta vida ha ainda outra vida de que nos têm falado? Ou ha só esta vida? Só esta?! E isto é uma *comidela*?

O que ellas estavam era sepultadas n'um vasto cemiterio do tamanho da villa. Sobre cada velha havia pó, sobre cada interesse pó, sobre cada phisionomia outra phisionomia. Efectivamente a Theodora é uma insignificancia. Só dá leis. O melhor é matal-a. E todos os olhos se cravam nos olhos do padre, todas as velhas mastigam em secco, todas as velhas dão de repente um salto brusco no vacuo.

Ó paciencia que já não és paciencia e trazes veneno na algibeira, com que despeito olhas para traz, para o Hymalaia de inutilidades. Debalde a paciencia tenta dizer ao sonho: — Amanhã —



tenta iludil-o:— Espera... — E a mentira propoz-lhe uma transação. O sonho toea na paciencia como quem toea n'um nervo, e quando a Restituta vae mais uma vez dizer-lhe á pressa:— Pois sim... — aperta-lhe o gasganete e pela primeira vez na sua vida a deixa desorientada... Comediante, vê se aproveitas o excesso da tua dôr para praticares uma nova infamia!

21 DE JANEIRO.

A mesma interrogação se formula em todas as almas: quer então dizer que só vivi uma vida fietieia ao lado da vida e que perdi o melhor da existencia em apparencias? Quer então dizer que tudo para que vivi não existe? Ponhamos a questão! ponhamos a questão! A maior conquista do homem, Deus, desapareceu para sempre—desapareceu tambem a morte. Ponhamos a questão: façamos taboa raza. Está tudo em terra, o dever, a honra, as formulas e as regras. Ponhamos a questão por uma vez, nítida, clara e sem subterfugios. Ponhamos a questão e todas as questões...

Avançam e reenam logo. Do sonho grotesco ou esplendido, ridiculo ou feroz, á realidade vae um passo desmedido. Interpõe-se um muro... Todos passamos os dias a resignarmo-nos. Muitos

nem dão pela vida. Ha sêres que tanto faz esta-
rein vivos como mortos. Outros nunca repararam
sequer na sua verdadeira phisionomia (porque
até a nossa phisionomia é mais verdadeira que
real). Em alguns o murmurio das vozes é tão
afastado que não chegam a interpretal-o... Ha-
os que sahem da lucta esfarrapados, ha-os cheios
de reticencias e que mal visionam o mar morto
indiscriptivel. O que os farrapos custam a lar-
gar! o que o muro custa a deitar abaixo! Pe-
sa-lhes a vida anterior, o habito reclama-os.
Adhere-lhes o infinito e as colicas, a usura e o fel.
E sobre tudo isto ha a contar tambem com a im-
becilidade e a apagada inepecia. Ha a contar com
a langonha que tambem tem o seu sonho. Ha a
contar com o que se arrasta no escuro, com olhos
brancos, com olhos vagos para a luz e para o so-
nho. Ha a contar com as velhas encardidas de
habitos e de fistulas. Em sêres amorphos e agua-
dos, quasi inertes, no fundo remexe ainda um res-
quicio de sonho, que se traduz no mesmo gesto
pautado, na mesma mimica, e no olhar, onde, até
na imbecilidade cerrada, se distingue não sei que
de temeroso. Por isso a questão não é facil de
resolver. Por isso o Anacleto ainda não a matou.
Ainda não conseguiu deitar o muro abaixo. Não
é o que se pode dizer na praça, porque a praça
venera-o. Não é tambem que a ideia de a inatar

o assuste. A villa conhece o seu escrupulo e honra-o. Nunca deixou de pagar uma letra. Mas ha não sei quê que o contraria e se opõe. Tambem as velhas se deteem, tambem o Santo se detem. Mas a maré que ahí vem sobe sempre. Ao mesmo tempo entontece-os, ao mesmo tempo perturba-os.— Eu não quero vêr! eu não posso vêr! — e tenho de me olhar cara a cara, tenho por força de te admitir, tu que és o meu verdadeiro sêr, immenso e profundo, com raizes em toda a lama e braços que chegam ao céo. — Eu não sei donde vem isto, e isto aturde-me. Olha como sorrio para ti, como finjo que sorrio de mim e de ti que te pões a falar. O gesto que en faço, não me pertence, perturba-me o som da minha voz. E a noite é cada vez mais cerrada... — Ninguem quer achar-se frente a frente com o seu proprio phantasma. Nem tu, nem eu. Fugimos-lhe sempre. E, se succede encontrarmo-nos com elle, quedamo-nos com um sabor que nunca mais se esquece. O velho, o duro Elias, que juntou cem contos e empobreceu as tuteladas, começa a falar só: — Os olhos inocentes das creanças! os olhos de espanto e inocencia, que exprimem já experiencia da vida! — Vivia de caldo e pão, vive só de pão e despediu o sordido Jacintho: tem deante de si a eternidade para juntar moedas com um destino, os asylos.— Ao que quasi todos se apegam

não é a grandes acções, é a simples peripecias. As existencias que se nos afiguram dramaticas são cheias de ninharias, de ideias fixas e de paciencia. O Torres engrandece a mania de copiar inutilidades: d'aqui a dois dias ou d'aqui a dois seculos, ainda o encontras curvado sobre o mesmo manuscripto, onde traslada o folhetim do *Seculo*. A Araujo que dá lições de piano é desespero inteiriço. O honrado Elias de Mello vê o tratante Elias de Mello pôr-se a caminho e não o pode deter. — Ahi começa tu tambem a perceber que a tua vida foi um mero simulacro, que a tua bondade foi sempre um simulacro, que a tua felicidade não passou d'um simulacro... — A D. Fufia, que ha muitos annos está morta por dizer mal, que nunca se atreveu a dizer mal, e que, quando ia a dizer mal, dizia logo bem de toda a gente, rompe agora a abocanhar todos os ridiculos, todos os orgulhos, todas as vaidades: — O que isto consola!... — Divagam, falam queiram ou não queiram com os proprios phantasmas, monologam, discutem, gritam. A cada passo uma interrogação exige resposta, a cada passo um abysmo aberto. — D. Leocadia, o meticuloso dever foi a tua vida e agora descobres que o dever não existe, descobres que tudo aquillo para que viveste não existe, e que existe outro dever maior e mais vivo. Descobres que as pala-

vras não te servem de nada. Descobres que tens d'ir de encontro ás questões e não as podes desviar do caminho. Descobres que por tuas próprias mãos criaste uma creatura disforme, que alimentaste de mentira. E, a esta luz que te dá de chapa, descobres que a tua caridade e os teus escrupulos eram uma lucta de vaidade e de medo, de palavras e de instincto, onde não entrava uma unica verdade. Descobres que criaste um sêr falso que abomina e te abomina, e que não te podes separar d'esse horror. Descubro tambem que erreí a vida, e não sei recommençar a vida, e que tudo que fiz não fui eu quem o fiz, mas o outro que me mete medo, e que tanto vale a minha vida que perdi a arcar com Deus, como a da Telles de Meirellos que a gastou com um trapo. Com um trapo e palavras, ambos subvertemos o mundo — um dia, uma semana, um seculo. — Examinando bem a questão, meticoloso Anacleto, uma palavra bastou para te deter. Examinando bem a questão não foi um crime que te deteve. Se ao menos fosse um crime! Examinando bem a questão reconheces que foram as conveniencias. Hasde arrepender-te até á consumação dos seculos. O mundo vesgo que descubro em mim no outro compartimento, é o mesmo que em ti descobres. Faz esgares como certos rictos indecisos que se formam á tona dos pantanos. Todos sentinos atraz

de nós um mundo, outro mundo, outro mundo de ninharias, de palavras sem nexo, de coisas que perderam a expressão, de apetites que nunca se realizaram — todos cobrimos isto de apparencias. Passamos a vida a conter outro ser — outra coisa — outro espanto. Ha um fio invisivel que ninguem se atrevia a ultrapassar. Uma ordem que ninguem rompia. Até a colera e o desespero mantinham certo verniz. E agora descobrimos todos ao mesmo tempo, ó meticuloso Elias, ó impoluto Melias — com risca e vinco, com vinco e risca — que resolver mata-la é facil, mas para a matar temos de deitar abaixo legoas de espessura. Deixamol-a morrer ou não a deixamos morrer? E nem sequer podemos iludir a resposta. A mesma coisa desconforme entra pelo nariz e pela bocca do Santo. Entupe-o. Esvasia-o e endireita-o depois de amolgado. Outro ser, n'um estonteamento, bate com a cabeça pelas paredes. — Mas então?... pergunta atonito. — Mas então posso, atrevo-me?... Tudo isto era uma mistificação? Mas então tudo é possivel e posso realisal-o amanhã, hoje, logo? E estas teias de ferro eram teias d'aranha?... Mas então o medo, a morte, o inferno... — Aqui estou eu com esta mulher a meu lado, e sem querer pergunto a mim mesmo... — Mas então?... Sim, resta-me certa pena e saudade, mas o interesse levanta a cabeça e deita as

suas contas tão baixinho que mal lhe ouço fazelas... — Teçamos, teçamos todos a nossa teia esplendida, vulgar ou grotesca... — Mas então... — E enearo com um mundo novo, a que por ora nem eu, nem tu, nem nenhum de nós se afoita. Só as interrogações são cada vez maiores em todas as almas. Todos os bonecos arreganham os dentes e a Porphiria sua inveja. Efectivamente não se comprehende para que vivem certos seres inúteis, que atravancam a nossa existencia e um pequeno incidente podia suprimir. Efectivamente não se explica que bastem alguns fios imateriaes para nos conterem e que um vidro de vidraça seja sufficiente para nos separar da vida.

Até a D. Restituta que era um poço sem fundo, desata a repetir os segredos de toda a gente, fazendo gestos na obseuridade com o guardasol de panninho.

— Aeuso! acuso! acuso!

Toeou-lhe tambem a vez. Usou-se a obedecer, a dizer a toda a gente que sim. Hoje uma gota de fel, amanhã outro resto amargo. Já não sabe dizer senão que sim, já não consegue apagar as dedadas que lhe imprimiram. Cossada, cossada, cossada. Fez as vontades á D. Procopia, á D. Felizarda, á D. Herminia. Sujeitou-se ás vontades do conselheiro Pimenta, quando por desfastio lhe fez um filho. Orgulho? Ninguem tolera, ninguem con-

cebe, que a Restituta tenha orgulho; ninguém tolera, ninguém concebe que a Restituta tenha vontade. Habitou-se, apelintrou-se. A Restituta é um reflexo. Diz-se tudo deante d'ella. Ha familias separadas por odios seculares: só ella entra e sae n'essas casas quando precisam communicar. Naquella alma incutiui-se até profundidades desconhecidas o respeito ás pessoas ricas, a consideração ás pessoas importantes. Que tem a Restituta que desata aos gritos:

— Acuso! acuso! acuso!

Debalde lhe tapam a boca. É um vomito, um chorrilho de palavras precipitadas — a vida de toda a gente — são os despejos entornados. Em vão dez, vinte mãos anciosas se lhe agarram ás guellas abertas: aquillo sae n'um jôrro impetuoso — tudo quanto estava recalcado, todos os segredos que ouviu, todas as miserias que lhe deitaram para dentro, e, se pára um momento, é para tresvariar n'um riso feito de todos os risos postigos, n'um esgare feito de todos os mil e um esgares que accumulou durante a vida. — Eu tambem tenho um filho! eu tambem tenho um filho como vocês! — Impurram-na, escorraçam-na, e ella agarrada ao guarda-chuva ainda brada:

— Acuso!

A vida irrompe, o sonho irrompe como hastes de cactus, nascidas d'um dia para o outro com

escorrencias nas extremidades ridiculas e pueris. Arredei sempre isto—isto que estava ao lado da vida. Nunca quiz vêr isto, fingi sempre que isto não existia. Tambem tu o arredaste... E isto existe. E isto é enorme. O que ali está fede. Tresanda. Sua viscosidades. Apega-se. É uma marcha furiosa e desordenada. É a Vida. São todas as ancias soterradas que se não chegaram a exprimir. É um inferno de gritos e de impulsos, sonhos impossiveis de sonhar, aquecidos a bafo e ternura, sem forma nem cor, ou admiraveis sonhos de tragedia. Mais um passo e tudo que estava recalçado, tudo que estava morto e sepultado, toda a podridão, todo o desejo encarniçado e oculto, toda a mistella que lucha ás cegas na escuridão para vir á superficie, desata a falar á tóa. Mais um passo e o sonho é realidade. Fala a infamia e o grotesco, fala a candura ao mesmo tempo.

28 DE JANEIRO.

O maior drama é o das consciencias. O maior drama é arredar todos os trapos da vida, para poder olhar a vida cara a cara. O maior drama é ficar só com o vacuo e em frente ao espanto. É dizer: nada d'isto existe. Só dou no meio d'este assombro com uma coisa desconexa e abjecta, a

discutir comigo mesmo, levada por impulsos. O maior drama é não encontrar razão para isto que vive de gritos e se sustenta de gritos — e ter de arcar com isto. Perceber a inutilidade de todos os esforços e fazer todos os dias o mesmo esforço.

«Se Deus não existe... O peor de tudo é que eu digo e afirmo, — Deus não existe! — mas na realidade não sei se Deus existe ou não. Não ha nada que o prove — ou que prove o contrario. O peor de tudo é que eu sinto uma sombra por traz de mim e não sei por que nome lhe hei-de chamar. O peor que podia acontecer no mundo foi alguém pôr esta idéa a caminho.

Mas mesmo que Deus não exista, tenho medo de mim mesmo, tenho medo da minha alma, tenho medo de me encontrar sós a sós com a minha alma, que é nada, o fim e o principio da vida e a razão do meu ser. Mesmo que Deus não exista e a consciencia seja uma palavra, ha ainda outra coisa indefinida e immensa diante de mim, ao pé de mim, dentro de mim.

Vem a noite e com a noite interrogo-me: — Existe? — O que existe é monstruoso. Não ouve os nossos gritos. O que existe é o espanto. O que existe reclama dôr. Sustenta-se de dôr e não dá por ella.

O que existe então é isto—é um ulular de dôr na noite—no turbilhão, no eseuero. O que existe são gritos, e eu sou levado, arrastado n'esta mistificação. Por traz de mim ha uma coisa que me apavora, por traz de mim ha uma coisa eada vez mais soffrega, eada vez mais phrenetica — e que de cada vez exige mais dôr. Espera: a harmonia não existe — existe a dôr; a belleza não existe — existe a dôr; Deus não existe — existe a dôr. E ha um momento apenas para realisar a vida. Nesse momento de paixão todas as forças se concentram e ponho o pé no mysterio. Tenho de aproveitá-lo. »

Ao Santo só lhe resta orgulho. O sonho descarna-o e deixa-lhe orgulho. Debalde prega, de balde lucha consigo mesmo. — Eu já não creio no inferno. — E detem-se com espanto deante dos destroços, das formulas, da insignificancia, dos simulacros que foram a razão da sua vida. Tudo que lhe enchia o mundo não existe, tudo que não existia lhe parecee maior: — Eu quero crêr! eu quero crêr e não posso crêr! — Debalde insiste consigo mesmo: — Nossa vida aqui é nada, nossa vida eterna é tudo. Nosso destino é a morte. Só assim posso explicar o universo, só assim posso comprehendêr o universo. — Tudo o que se tinha apoderado do seu sêr até ás mais intimas raizes, tudo o despedaça até ás mais reconditas raizes.

Dilacera-o. — Não me atrevo sequer a olhar a vida, a olhar para mim, a olhar o pelago desordenado. Eu quero vêr e não ousar! Eu quero erêr e sinto-me pequeno e grotesco ao lado d'isto! D'esta coisa monstruosa que não posso arredar. Não posso arredar-a. — Para ti tambem o problema é insolúvel, D. Leocadia, que resurges com o vestido coçado, mais secca e mais verde. — Tu viveste sempre para Deus e para o inferno e nem sequer o inferno existe. E tu procedeste sempre segundo a tua consciencia, regulaste tudo conforme a tua consciencia — e tu e tu — e ahi estaes ambos atonitos e verdes, resequidos e verdes, desesperados e verdes, sós a sós em frente d'uma figura que vos não larga.

— Trouxe-a para casa, sustentei-a, mas nunca a pude vêr. — Deste-lhe codeas mas não podeste amal-a. Sustentaste-a por caridade, sustentaste-a de restos para calares uma voz tremenda. Ella foi peor que uma creada, foi uma creada que se não pode despedir, presa pela gratidão. — Fala claro, fala alto. Atreve-te. — Atrevo-me. Toda a minha vida fiz o sacrificio de a manter, toda a minha vida por caridade a tive junto de mim, calada e subalterna, amachucada e sem vontade, para cumprir perante Deus o meu dever. E agora a consciencia exige de mim?... — Exige. — Exige de mim, porque o meu filho lhe fez um filho,

que o case com a orphã, sustentada de esmoladas, calada e viscosa? — Exige. — Por quem eu só sinto repulsão? — Exige, e o peor de tudo é que lhe deste restos, mas não podeste amal-a.

Torce-te, torce-te mais ainda. A cada camada de verde pega-se-te logo outra camada de sonho. A D. Leocadia coçada e secca sacode em vão e arreda outra D. Leocadia inteiriça e coçada, e o Santo está aqui só e o pecado, só e Deus, só e o desespero.

« Deus existe — ou Deus não existe. Se Deus existe, se tenho a certeza que Deus existe e se interessa pela minha dôr, esta vida transitoria é um unico minuto com a eternidade á minha espera. Tudo me parece facil. Que exige o meu Deus? Que me reduza a pó e despreze a apparencia? Tudo é vão dcante da eternidade que me espera. O meu Deus enche o mundo. Só o meu Deus existe, e todo o resto no universo é tão pequeno e tão futil, que reclamo mais dôr, mais sofrimento, mais fome. Que a desgraça caia sobre mim com todo o peso da desgraça; que a dôr me descarne até á medula. Despreso a dôr. Exijo-a dcante da eternidade. Sou capaz de andar de rastro com a bocca no pó, sou capaz de sofrer todos os tormentos, com a certeza de que me livro d'uma

eternidade d'angustias para vêr Deus. Venham todos os escarneos, todos os gritos, todos os suores da agonia — venha meu Deus a cruz! Até á morte hei-de crêr no que creio. Sem crêr não sou nada — sem crêr não existe — sem erêr não comprehendo a vida. Preciso de caminhar para um destino. Crêr é uma necessidade absoluta, um sentimento primario, a propria vida, sua rasão e seu fim. Tenho necessidade de Deus, como do ar que respiro. Sem elle a vida é desconexa e atroz; peor, é monstruosa. Creio porque creio. Se a vida se reduzisse só a isto, a vida seria abjecta. Dentro em mim tudo me fala n'uma lei, n'uma logica, n'uma razão de ser, n'um sentido. Eu vejo Deus, eu sinto Deus.

Mas se Deus não existe — se Deus não existe que me fica no mundo? Sou nada no infinito. Fui tudo — e sou nada. Leva-me a força bruta. Sou o acaso na mistificação. Sou menos que nada no monstruoso impulso. Se Deus não existe tanto faz gritar como não gritar. Não tenho destino a cumprir: saio do nada para o nada. Nas mãos da força bruta que sou eu no mundo que grito, que disento, que elamo?... Atraz deste infinito vivo, ha outro infinito vivo. Atraz desta impenetrabilidade, ha outra camada de impenetrabilidade, outra vida ainda, outro desespero soffrego. Não encontro aqui logar para Deus que

me ouça, que me atenda, ou que saiba sequer que existo.

Os gritos são inúteis, tu não me ouves. Estou só n'este absurdo que me impele e esmaga... Que não houvesse o céo, que houvesse o inferno! só o inferno! E nem o inferno existe!...

Mas então que existe na noite immensa, na noite ignobil? Tudo o que exista é peor que Deus. Tudo o que existe me faz horror, tudo o que existe entre as forças desordenadas me causa espanto... E por mais que grite, por mais que proteste, estou aqui diante do incomprehensivel, vivo no nada, de pé na voragem. E para lá ha uma coisa infinita, um negrume infinito, uma vida infinita. É immenso — é inutil. Sou menos que nada. Só deparo na minha frente com infinito sobre infinito, com o negrume sufocado, com o negrume impassivel, com o negrume vivo e immenso, desesperado e immenso. Só contei comtigo meu Deus — e agora quero crêr e não posso crêr. Estou aqui defronte do espanto e sinto-me perdido na vastidão infinita. Tudo o que disse — disse-o deante do vacuo, tudo o que soffri — soffri-o deante do vacuo, todo o meu desespero, a

minha dôr, a renuncia, os esforços, o calvario —
deante do vacuo!>

D. Leocadia esta figura tambem te não larga. Ouvel-a diante de ti, ao pé de ti, dentro de ti, cada vez mais cossada e mais verde, com outra camada de sonho e outra camada de verde:

— O dever? que dever? Antes a deixasses morrer de fome.

— Mantive-a para cumprir o meu dever.

Olha, se podes, para ti, olha para dentro de ti, olha mais fundo para ti.

— Matei-lhe a fome.

— Mataste-lhe a fome mas não podeste amal-a.

— Nem posso! nem posso! nem posso!

E encára-se mais atonita e mais verde, mais resoluta e mais verde, sem desviar o olhar.

30 DE JANEIRO.

Aqui tens tu a minha consciencia, aqui tens tu a tua consciencia, e aqui está a consciencia da D. Penaricia. E tanto vale para o caso o genio em frente da consciencia, como o ridiculo em frente da consciencia. — Valeu a pena não inatar? — pergunto — perguntas — perguntam. Aqui estou em

frente d'isto, com um segundo e todo o seu esplendôr e todo o seu espanto e todo o seu desespero, e pergunto, perguntas, perguntam, se o que se chama a honra e o que se chama a consciencia e o que se chama o dever, teem forças para se me impôr. Oh palavras não! A pergunta não é como as outras para ser iludida com subterfugios. É a unica que carece de resposta immediata como um punhal que vae direito ao coração. Vê tu que, apezar de tremulo, estou calmo. . . O problema é capital. Pergunto se toda a lueta foi inutil, se todo o fogo do inferno que reaquei, foi inutil? Pergunto, perguntas, perguntam se as horas para nos contermos foram uma estúpida mistificação. E as boccas remoem em secco no eseuo, e as mãos sofregas palpam os vestidos de cerimonia. Estão decididas a tudo. Vem-lhes á supuração o antigo fél e vinagre, os pequenos desesperos, e os grandes desesperos. Tudo está vivo. Cada sêr formula uma interrogação. Segue-se que se os paes teimam em viver, transtornam todos os planos, todas as regras e todos os preconceitos estabelecidos. Segue-se que acima de teu direito está o meu direito. Segue-se que a construção antiga desabou, e a um mundo novo eorrespondem creaturas novas. Segue-se que todos os problemas se reduzem a um só problema—o dos mortos. Segue-se que o muro é uma insigni-

ficancia. Tapa o céu e a terra, não existe montanha de tanta espessura—é uma teia d'aranha. Sôa a hora da outra coisa disforme o aluir para sempre. Por traz do muro é que está a paixão, o crime, o desespero e a vida esplendida e feroz.

É preciso deital-o abaixo. Os tumulos estão gastos d'um lado pelos passos dos vivos e do outro pelo esforço dos mortos.

PRIMAVERA ETERNA

1 DE FEVEREIRO.

CHEGA fevereiro. Primavera. Dá logo rebate o tojo bravio. A aspereza é a primeira a sentil-a.

O tempo está funebre. Ouço o ruído calamitoso das aguas. Só os botões dos salgueiros estalaram. Nos galhos despídos entreabrem-se flocos friorentos e pelludos.

Corre um vento glacial e as arvores encolheram-se transidas. Mas n'esta frialdade sinto já ternura.

O ar de fevereiro é outro: é morno. As rãs, de barriga no lôdo, coaxam de satisfação, pegajosas e molles como a herva verde e humida. E, d'um dia para o outro, crescem á tona da poça

azul, encastoada na terra negra, fios d'herva a reluzir. Tinta entornada.

O ar sabe bem: sabe a brávio.

Ao longe o sol trespassa os montes. Manhã de nevoa e oiro gelado. Uma arvore nova cobre-se entontecida da primeira flôr. Apressou-se, enganou-se... É uma haste de pelle luzidia, tres raminhos abertos no azul. E isto envolto em ternura, tanto faz que se trate d'uma arvore como d'uma rapariga.

Sente-se n'esta atmosphaera humida a seiva inchar os botões tumidos das arvores. Volta a chuva gelada: a primavera tenta, vem com hesitações.

Muda o scenario. Aejnzentam-se os montes por onde sobem arrasto pelas pedras rôlos de fumarada. Aeastelam-se no eó as grandes nuvens esponjosas. Chove. A voz é outra. D'onde a onde descerra-se a cortina vaporosa e emergem os montes brutos e compactos.

Nos abrunheiros bravos estalam os primeiros botões. E quanto mais bravos, mais flôr deitam. É uma prodigalidade.

Noite. A escuridão, o silencio, o esplendido céo todo d'ouro sobre a massa negra dos montes. É isto e os gritos da moichela aos ais d'afflicção. Eis torna o silencio, e a alma sufoca de espanto... O pio triste dos sapos irrompe de profundidades ignotas. E outra vez o silencio, a noite imutavel cheiinha de estrelas—e sempre o mesmo fio d'agua, misturando ternura a este espectaculo d'assombro. É só isto, e a muralha disforme ao fundo, ainda palida de luz.

A primavera é um phenomeno electrico.

13 DE FEVEREIRO.

Primeira noite de luar e de loucura — chegou a primavera. Tudo deita flôr. O tojo quanto mais bravo mais flôr deita. Ha aqui um homem encolhido, que nunca sahiu do saguão, que nunca olhou para o céo —nem sabe que o céo existe—obstinado sobre o *Deve* e *Haver*. Deita flôr. Assim me aconteceu, com um tronco decepado que meti d'inverno no fundo d'uma loja: na primavera seguinte, quando se abriu a porta, tinham-lhe crescido ramos. Sentiu-a atravez dos muros e botou na escuridão um simulacro de

flôr. Até que chega a vez á macieira anaínha, até que um bafo humido-lilaz turva e perturba... Noiva. Noiva a D. Ursula, pergaminho e eserpulo, que fez da vida um peccado, e ao rez de cuja alma liquida se espalmam flôres venenosas. Primeira noite de luar — primeira noite de espanto. É a mesma febre que devora as arvores, a mesma primavera que no quintal friorento entonteece as macieiras. Tinta branca, rôxa, vermelha, floração extranha. O respeitavel Elias de Mello recusa reconhecer-se. Esgotaram-se-lhe de todo as palavras. Assiste com uivos ao desmornar da propria respeitabilidade. Aquella, a Araujo que dava lições de piano, escanelada e tísica, entra n'um rodopio em todas as casas:—Tenho-te inveja! tenho-te inveja!—É um sonho vivo de exterminio. As Souzas, remoçadas, de pluma diabolica no chapeu, arrastam caudas inverosímeis e partem logo de manhã para a maledicencia, como quem parte para a guerra. Chegou a primavera. Deita flôr a D. Leocadia, a D. Hermínia e a D. Procopia. Não ha arvore no monte que se não consuma do mesimo sonho.

Primavera entontecida de gritos, rancores, e laivos esverdinados. É a villa toda feita sonho; são aspirações ridiculas, restos trôpegos — mas sonho ainda, que procura adaptar-se á vida. Para resistir forjaram a mentira, forjaram a ma-

nia, forjaram a abjecção, e essas pequenas coisas sem existencia chegaram a ter um logar mais importante que muitas outras a que chamamos reaes... Agora vê tu como a velha Eleutheria das Eleutherias, a velha da maxima e da regra, a velha do assento e do methodo, a velha catholica apostolica, romana, já atirou com o chinelo d'ourello, n'um formidavel pontapé, para lá da Ursa Maior. Sonham acordadas e os olhos fixam-se-lhes desmesuradamente abertos. A D. Benilda vê reduzida á ultima extremidade a D. Herminia, vê-a reduzida a trapos, pedindo misericordia: — Tenho fome! tenho fome! — Estimo muito. — E passa adeante arrastando a imaginaria cauda de veludo. Aqui está a D. Procopia, aqui está a mulher da esfrega. Aqui estão alimentadas a mentira, tendo passado a vida no testamento, na cortezia e na coliea; aqui está o topete, a filha para casar e as faltas de dinheiro — aqui estão todas enrodilhadas de pavor, mas cheias de decisão deante do céo e do inferno. Já abrem aquellas ventas. Aquillo cheira-lhes a coisas prohibidas, que passaram a vida a desejar e a temer. Aquillo cheira-lhe ao suspeito e ao reles. Aquillo cheira-lhes bem. De pupilas dilatadas embebem-se no sonho. Até as pennas velhas se encrespam, até nos restos de chales sem pello, o pello se põe de pé. Tanto sonha a D. Perpetua, como a magestosa Theodora,

cujo sonho é um inferno cada vez maior, e que se não pode desvencilhar do inferno.

Bastou um dia. D'un dia para o outro os galhos mirrados entreabrem-se em flôr. Pocira azul, entontecimento, sonho... Entre a arvore, o céo e a terra ha um compromisso de ternura...

Até as arvores estranhas, até as arvores só tronco, que metiam os ramos e a tinta para o interior, bracejam á custa de gritos ramos e tinta, ramos desmedidos e tinta para o lado de fóra.

Phisionomias de dôr, phisionomias concentradas, phisionomias de desespero e paixão, vão aparecendo sob cada phisionomia, e todos depa-ram com sentimentos e palavras que nunca tinham encontrado. — Dez annos, vinte annos de galeras, deixa-me, vae-te, some-te! — O homem roe dentro do homem: criam-se olhos que veem na obscuridade. Começam a distinguir na massa confusa, no cahos, nas duvidas, e descem a profundidades que não lhe estavam destinadas. Não é só o homem d'un momento, é uma série de figuras ainda por crear: é o homem do futuro.

Mais braços na monstruosa arvore de sonho, mais braços que atingem o céo, mais tinta for-

jada de desespero. A propria noite escorre pus doirado . . .

E o doirado não cessa. Doira o luar e a inepecia, doira a tragedia e o ridiculo. . . Teçamos, teçamos todos a nossa teia. . . A minha prendo-a ás arvores, ao céu e ás coisas eternas. Todos os sonhos quo o Anacleto, as velhas, o Santo e os outros tecem e criam, põem-se a caminho. É uma coisa equivocada. É uma coisa desganhada e fétida. É um sonho reles; é um sonho feito de todos os sonhos; o sonho lastimoso das velhas, o sonho que não choga a ser sonho, o resquicio, a aspiração ignobil, ondo boiam mortos informes, com laivos verdes, com tentaculos esbranquiçados que se prolongam no escuro. Cada sonho tem a sua côr. Ha-os esplendidos de luxuria. Ha-os rôxos. Ha-os compactos. Ha-os côr de cinza e mortiços, d'onde scintilam faúlhas. Ha-os que incham e trasbordam, e que cheiram a saque, ao que não é permitido, e quo está para lá de toda a convenção e do toda a regra. Ha-os ridiculos e ineptos — ha-os que valem um imperio. A alma sordida, o fluido que envolvia a villa, a atmospherá parda, feita de pequenos odios, de pequenos interesses e d'habitôes concentrados, encrespa-se e cresce em vagalhões magneticos. Modifica todos os sêres e abala as paredes mestras. Embebe-se no salitre e roe os

santos nos seus nichos: até na imobilidade entranha desespero. Quedam-se estonteados e transidos como se a vida fosse uma mera criação do luar e da loucura... A alma da villa é sacudida por uma tempestade de espanto. A botica está deserta, com o bocal, o passaro empalhado, as moscas mortas. É uma villa de guerra: só se ouvem gritos.

P'ra a frente! P'ra a frente! é a senha dos que se esmagam contra o muro, da multidão que se acumula, no mesmo esforço, contra o muro. P'ra a frente! E enquanto uns libertos seguem, ha ainda outros que se quedam na vida anterior. O muro alaga-se: alguns são despedaçados, e os que ficam atraz empurram-nos e calcam-nos. Todas as fibras estalam.

Emfim! emfim! A villa sahiu para a rua. Abafa. Uns discutem com o seu sonho tu cá, tu lá como se o tivessem vivo deante de si; outros quedam-se passados de terror. E gritam:—Tenho-lhe medo! tenho-lhe medo!—A mentira é um habito de tal maneira entranhado, que muitas vezes me surprehendo a mentir sem saber porquê nem para quê. Por vaidade, por necessidade de sonho, por mentir. Agora desatam aos gritos como se lhes arrancassem a pelle. Não ha já ninguem que se aborreça, não ha ninguem que mate o tempo. A velha ideia do deboche

encardida e secular, calcada e recalcada, vae na frente d'este e guia-o — e d'ella não arranca, não pode, os olhos atonitos. Ninguém se importa com ninguém. A villa cautelosa perdeu de todo a eautela. A minha vida pertence-me, que me importa a tua vida? Ouvem-se na obscuridade gritos de terror, de alegria, de luxuria ou de colera. As Bacellares, que passavam a existencia a fazer cortesias, nem sequer olham para o lado. Toda a gente fala só. E o luar intoleravel, o luar indifferente, derrete-se sobre as ameias, sobre a cathedral, sobre os santos imoveis nos seus nichos. Dão horas, mas as horas aeabaram. Coisa singular: esta gente só fala comsigo mesma, em monologos roucos, desesperados, infindaveis. Os olhos da D. Fufia ganham em fixidez e concentração; a D. Herminia começa uma tragedia, que dura uma noite inteira com a mesma palavra obscena. Nesse momento pesado de angustia todas as mãos se agitam no ar diante da outra coisa que no silencio e na noite estende os farrapos das azas cada vez mais disformes. Está soffrega. Cresce, grita, avança direita para nós. O que se pôz em marcha não vem de fóra, mas de dentro de ti mesmo, da mais cerrada das noites. Ha muitas camadas de mortos. Ha-as a legoas de profundidade e até de lá sobem os gritos. O homem é o mais profundo, o mais vasto de todos os sepulchros.

Os braços desmedidos da arvore sobem cada vez mais alto, e as raizes alastram até ao fundo da terra.

Que é feito da villa?... O lojista paeato sentte-se rei, e olha d'alto as duas ou tres rimas inuteis de fazenda. Atira com os oculos para um canto — vê melhor que nunca. A mulher, os habitos, o buraco onde recollia á noite, e que lhe parecia esplendido, tudo se lhe afigura sordido e mesquinho. Reparem na Adelia: marcha para uns castiçaes de prata, altos e macissos como torres. Atrevem-se, atrevem-se a tudo. A uulidade vale tanto como o genio. Este idiota constroe com tão absoluta certeza, que se impõe ao respeito. Lá vae o Anacleto, o Telles, o Pires vegetariano, e as velhas da Acção Catholica, enrodilhadas umas nas outras. Vem tudo á praça. P'ra a frente! p'ra a frente!... Um momento angustioso não se ouve rumor, depois um tumulto, um clamor, um ah! A villa toda grita: — Eil-o! aqui está o meu sonho, aqui está como o trouxe toda a vida, escondido, dorido, fruste, immenso ou humilde; aqui está a minha verdadeira figura — a figura do Melias e a figura do Melambes; a velha n'um debate perpetuo, a velha e as suas manias, o desespero e a Ursula, o grotesco e o pó doirado que não sei d'onde se me pegou; aquillo de que te

rias e eu me ria, e que todos nós escondiamos, cada vez mais oculto, cada vez mais para dentro, como somíticos. Lá vão todos — e a Engracia resiste: morreu-lhe o filho em pequeno e todos os dias o sonhou mais crescido. Talhou-o a sua vontade, grande, amado e poderoso, como quem talha um imperio. Construiu-o dia a dia, noite a noite. Participar da nova vida — seria matal-o outra vez. Fecha os olhos, tapa os ouvidos. Empareda-se. — Mudez e desespero, pedra e desespero, sonho e desespero, tambem outra velha tenta n'um esforço de pezadello, mexer só um dedo — um só — e imobilisa-se mais ainda... — Os outros lá vão, açulados, n'um crescendo de desespero. P'ra a frente! p'ra a frente! Já se não cabe no caminho: o muro voou em pedaços com farrapos de sangue. Lá vae a Adelia, com o chapéu ás tres pancadas, lá vae um lojista que parece Napoleão Bonaparte, e as Souzas armadas de ponto em branco — lá vae o inferno de luxuria e de egoismo. Lá vae tambem a Joanna: acabaram-se-lhe as phrases que usava, e aperta a bocca para não falar. Outro ser desconhecido rompeu n'aquella carcassa. Parece mais esfarrapada e maior... O muro não existe — derrubaram o muro.

20 DE FEVEREIRO.

Escuta . . . O clamor augmenta como se se puzessem a falar baixinho nns com os outros, como se todos os mortos desde o inicio, acordando do somno eterno, soltassem o mesmo ah! de espanto e se puzessem a falar baixinho. É o ruido abafado de muitas vozes — de todos os gritos que se soltaram no mundo, de todos os gritos represos. Desatam a falar as boccas confundidas. Fala toda a poeira, fala a sombra desconforme, fala o pó desaparecido.

Na frente uma apparencia — a vida está na multidão que nos impele sem desamparar: a vida está nos mortos. Massa atrás de massa, os mortos empurram os vivos. Sente-se o esforço pertinaz e doloroso. Atraz d'estas mãos, outras mãos de desespero; atraz d'estes olhos sem orbitas outros se esforçam para a luz. O peor era o silencio. *Libera nos, Domine, de morte æterna!* O esquecimento é que é a morte definitiva, e por isso o esforço augmenta. Formam nma cadeia infinita, a caminho para a vida e para a dôr; a todo o momento nos falam e nos guiam, e toda a sua ancia é viverem depois que estão no sepulchro. A velha que sahin da existencia mirrada continua a trazer o menino ao collo. Outros caminham tropegos, sacudindo a

terra que se lhes pegou aos ossos. Eil-os dispostos a sofrer por uma nova fusão. A vida foi um nada, impregnou-os para toda a eternidade: um instante de luz bastou para lhes dar gosto á dôr. O que elles tentam misturar as suas lagrimas ás nossas lagrimas! o que elles arfam para que a vida não perca a continuidade, e para que o mesmo fluido que nos prende aos sepulchros — onde estremecem — se não desligue da vida que ainda se não tornou visivel! É que não são só os mortos que mandam nos vivos, são tambem os vivos que mandam nos mortos. E avançam, empurram-nos... Conservam no fundo do tumulo as manias da outra existencia. Esta velha aperta um trapo ao peito como um filho, com medo de o perder. Alguns são infantis, com um pequenino ridiculo, e um pequenino interesse. A moça, mesmo na cova, dá um geitinho tão lindo ao lençol! Este conserva na concha da mão uma moeda de cobre, e a aquella, Maria Antonieta, René reconhece-a mais uma vez por a têr visto sorrir nas Tulherias. Estendem as mãos mirradas para se aquecerem ao nosso lume; guardam nos ouvidos pela eternidade os ruidos vulgares — os mais bellos — o das folhas cahindo uma a uma, o da fonte que corre e que nunca mais tornará a correr, o da voz que lhes falou na hora extrema; guardam nas mãos o ultimo contacto das mãos, e a restea doirada d'este

sol doirado ainda lhes reluz nos buracos das orbitas — n'um sopro de pocira . . .

Iniciam a mesma marcha da villa. Deitam-se ao mesmo tempo a caminho, e n'esta noite entranhada a primavera é eterna: resuscitam todas as primaveras, as primaveras successivas, as primeiras primaveras em que a ternura se confunde ainda com a fealdade, em que a fealdade é já ternura — outras primaveras — outras, oiro, verde, roxas, em que a tinta escorre do negrume e o negrume se converte em tinta. Mais outras primaveras phreneticas — mais outras primaveras timidas, esplendidas, frustes, violentas, delicadas — e mais outras que não chegaram a abrir, cobrem todos os mortos. E com isto o clamor intenso, o clamor em que se repetem sempre as mesmas palavras pronunciadas sobre cada caixão: *Liberanos, Domine, de morte æterna*. Os mortos é que estão vivos! os mortos é que estão vivos!

21 DE MARÇO.

Chegou. Vae abrir a mais bella, a mais fecunda, a mais doirada de todas as primaveras — a primavera eterna. Vae revolver a terra e cobrir os sêres e as coisas de flores por camadas ininterruptas e successivas, com todas as côres e todos

os entontecimentos, todas as infamias e todas as tintas — com todos os desesperos. Já as florestas putrefactas se puzeram a caminho. É aqui que corre e escorre o verde, o roxo e o lilaz — os tons violentos e os tons apagados. Até as arvores são sonhos. Atravessaram o inverno com sonho contido, com o sonho humilde com que carregam ha seculos. E até esses sonhos se transformaram em realidade. Realisa-se enfim o milagre: as arvores chegam ao céu.

A MULHER DA ESFREGA

25 DE MARÇO.

Do sonho que revolve o mundo cabe tambem uma parte á mulher da esfrega. Arrasta tudo comsigo. Cae o inverno dentro da primavera. Engrandece-a, espalma-lhe os pés, esfarrapa-lhe os vestidos.

Está aqui a figura—está aqui outra coisa. Muda de expressão, como se fosse possivel as lagrimas usarem por dentro as figuras humanas, como a chuva ou os passos gastam a pedra. Aquillo dura um momento, transparece um minuto, mas esse minuto chega. Logo á submissão e á humildade se mistura um nada de entontecimento. Quasi nada. Trouxe sempre comsigo debaixo do chale um resto de sonho amargo. Remoeu-o transida de frio pela vida fora, quando fez recados, aquecen a agua e rachou a lenha. É um nada e ampara-a. Atreve-se... Toda a gente

precisa de qualquer estonteamento para suportar a vida. Sonho gasto que andou por todos os caminhos, com pés espalmados como a recoveira. Há sonhos humildes que ninguém quer sonhar: servem á Joanna que quando os usa os vira do avêssô.

Velha quer dizer experiencia e seccura, e a Joanna não tem experiencia nenhuma da vida. Conserva a ternura intacta. Ninguém na ouve. Tem uma filha, nunca fala na filha. Ás vezes pousa em mim os olhos turvos:

—O corpo pede-me terra.

Ainda hoje não comeu senão uma côdea que lhe deram. Aproveita tudo. Anda sempre absurda a fazer contas como um avaro. Os trapos são sempre os mesmos: secca-os no corpo. O monologo é sempre o mesmo com que enche a vida toda. É sempre a mesma obstinação desconjunctada, como se as palavras gesticulassem para o lado de dentro, e a mesma ideia que a persegue e que debalde repele. Seja o que fôr, a Joanna esconde-o muito fundo. As vezes fica suspensa e alheada. Mal pode arrastar as pernas trôpegas. É pelle, meia duzia d'ossos, um cangalho, que sente uma absoluta necessidade de repouso, de terra para dormir. O frio é de morte. Entranhasse-lhe até aos ossos, e a velha lá segue com o saquitel de borôa e os olhos turvos de tanto ter

chorado. Vê sempre não sei quê que a não larga. —A tua filha?... —E nunca fala da filha.

N'aquelle desespero percebo uma palavra outra palavra. Sobre isto choro, sobre isto lagrimas em barda, como se nascesse uma fonte na escuridão. A Joanna chora sempre, chora por tudo e por nada, chora por si e pelos outros. Não se sabe onde vae buscar tantas lagrimas.

A ternura é humida.

Não comprehendo este sêr. Viro-o, reviro-o. É um nada com duas ou tres idéas no caco. Cheira mal, cheira a aziumado. Passou a vida a aturar os doentes e a vida repele-a. Apega-se e a vida acaba por fazer de Joanna de unhas roídas, pelles no pescoço e olhos turvos, una figura disforme. Irrita-me e prende-me. Sei como a Joanna se encortiça d'um lado e se faz sensibilidade do outro. Posso dizer quasi dia a dia como as mãos se lhe deformam, como os olhos se lhe aguam, explicar como a mulher da esfrega se parece com o panno da esfrega. Não sei explicar o resto. Com este molho d'ossos e alguns farrapos no corpo, ha um fiosinho d'ouro a reluzir, um fio que teima em aparecer á tona e em se misturar a agua de lavar a louça. Annos, velhice, desgraça — e teima.

Teima até ao caixão. Reluz sempre. Tem o mundo contra si, a vastidão soffrega, o rodilhão do universo em perpetuo inferno. Resiste. Parece facil de suprimir n'um sôpro. Resiste a tudo, esse pó necessario como o polen á aza para voar. Um nada com a noite deante de si, com a voragem deante de si. Tudo se gasta e desgasta—não o usam.

Tenho passado noites em debate com este sêr absurdo. Acabo pelo desespero. Enfurece-me e apega-me ternura. Uma bocca enorme que se fecha sem emitir palavras, os mesmos ollios innocentes de pasmo, e um ronco que lhe vem dos gorgonilos como do fundo dum fole. Mais nada. Sacudo-a—deita sempre a mesma agua. O mundo é uma voragem. Tanto faz. A vida é uma mistificação. Debalde. Responde-me com ternura. Responde-me com uma vida humilde de desgraça e lagrimas. E outra coisa exprime a figura: surprehendo atravez dos farrapos e do ridiculo, um nada immenso, uma força immensa que transmite outro nada: algumas lagrimas para chorar, outro ventre para parir. Um poder de se perpetuar—para gritos. Impelem-na—impele. Debalde a dôr sua, a Joanna caminha molhada e tropega, mas caminha. É inutil a desgraça agarrar-se-lhe. Mais funda porque é muda como a noite. Faz parte da velha. Envolve-a, cresce, enrodilha-se-

lhe. Sna. Só geme:—Auh...—Resiste á desgraça, resiste á vida, resiste ao ridiculo. A velha consegue ser maior que a desgraça. Nem toda a agua de lavar a louça suprime este facto.

O meu desespero termina aqui deante d'esta creatura que não comprehendo, de mãos roidas e um chale velho sobre o corpo mirrado de ternura. Estraga-me a vida toda. Perturba-me a logica. Mete-me medo. Tanto faz que a Joanna viva ou morra, que grite ou se cale: as mesmas estrelas no ceu, a mesma grandeza absurda, o mesmo mudo espanto. E no entanto n'esta confusão esplendida só a sua alma comunica com a minha alma. A sua dôr, a sua mentira é que importam á minha vida e á tua vida. Negrume e um arranco: exaspero para manter de pé um resto de ilusão. Mal se fecha abre os olhos atonitos. Não diz palavra. Por fim chora, as lagrimas correm-lhe pelos sulcos das lagrimas e mistura-as ao pó de sonho com que foi entretendo a vida, a pequeninas coisas gastas e poídas—ao sonho que ninguem quer, ao sonho que ninguem usa, e que em todo o caso a sustenta e a enleva, como as bonecas das creanças pobres, de trapo e com dois olhos abertos a retroz, que se lhes afiguram rainhas.

Ha um misterio na vida de Joanna, e no en-

tanto na sua alma lê-se como atravez d'um vidro. Tudo n'ella será falso excepto a dôr. Não sei, ninguém sabe o que tem. Sinto que se obstina como se fosse de pedra e dentro houvesse outra Joanna a dar com a cabeça pelas paredes. Não ouço o que diz, nem sei o que sofre — mas a desgraça sua n'aquelle monologo sem pés nem cabeça, a que não ligo sentido. Debalde o sonho se encarniça. O sonho, que não cabe no mundo, cabe entre as quatro paredes daquelle caco e revolve-a. Fecha a bocca como se tivesse medo de falar. Não quer vêr — e ha-de por força vêr. Persiste em manter de pé o resto da illusão em que passou a vida, obstina-se o ciclone vivo em pol-a frente a frente á desgraça. É sonho contra sonho. O que ella não quer é vêr, e só ella sabe o que não quer vêr. Não pode com o pezo desconforme que a torna grotesca e de todo se assemelha agora á arvore do quintal. Mais sonho — mais flôr. Abre uma bocca enorme, fecha-a sem emitir som. Mostra as mãos, aperta os gorgomilos e o sonho arranca-lhe farrapos. Ha-de acabar por lhe extorquir a dôr... Tudo está nos seus logares: as coisas simples e as coisas eternas, e ha outra coisa que ella não sabe exprimir, que a alma desta mulher não abrange: a intrusão do sonho na sua vida humilde. Bronco e sonho. Até agora só com a desgraça arca, agora o doirado tinge-a. Sacode-se

como um cão molhado. Debalde tenta desfazer-se do sonho immenso que se lhe pega: irrompe em palavras baixinhas, hesitantes, que voltam atraz. Uma pausa e o monologo recomeça logo. Ha não sei que de monstruoso no mundo, que bebe todas as lagrimas e leva todos os gritos. E não se farta. Ha não sei quê que reclama dôr. Toda a noite se desespera. A desgraça sua, a desgraça trôpega e ridicula. A desgraça enche a noite de esgares. Depois o sonho desgrenha-se. Depois sae de uma rajada, e lá torna, sem uma palavra, sem um grito, a grande sombra que se envolve em si mesmo e a si mesmo se estorcega. A desgraça sua de aflição sem poder exprimir-se. E quando a dôr se concentra, quando a dôr se torce como quem toree um farrapo e a velha não pode — a velha irrompe n'uma toada estúpida. Mais doirado, mais fundo... A desgraça está alli ao pé, eada vez mais secea, e nem o sonho nem a desgraça conseguem arrancar-lhe aquillo de vez para fora.—A minha filha...—Mas isso não basta! não chega! Mais dôr, mais sonho: abre a bocca eada vez maior e não tira outro som dos gorgomilos. Só emite um roneo. A desgraça e o doirado tinge e entranha-se na agua de lavar a louça. Hade acabar por falar... Até agora por mais que faça sae-me das mãos ridicula.

—E vae eu disse-lhe...—E estaca, esfarra-

pada e atonita. Sacode-a o sonho com desespero —Anh...—E como n'aquelle caco espesso só ha duas ou tres idéas como traves mestras, e ternura n'aquella alma obscurecida, não avança mais palavra. E a desgraça sua e tresna. Grotesco, grotesco, e desespero n'este grotesco, e dôr n'este manequim desconjunctado, com um chale a esvoaçar e a bocca espremida. Anda aqui um ser immenso que lucta com um ser humilde e o amolga até á caricatura. Não pode mais —e ainda aberta a bocca... O que tu lhe fizeste, sonho! o que tu lhe fizeste!... Tornaste-a disforme como a sombra d'um bonifrate projectada sobre um ecran. —Creou aquillo a bafo, trouxe-o sempre comigo debaixo do chale, com olhos aguados e tal ar de afflicção que parece tonta. —A minha filha... —e tu arrasta-lho com um trapo por todos os esgotos. Debalde se debate: tem de falar...

—A minha filha casou rica, a minha filha tem uma sala de visitas (que é o que a Joanna mais admira no mundo) como a das outras senhoras. A minha filha... não posso! não posso!...

E para não avançar mais a Joanna ri-se de si propria. Quem a não soubesse capaz de exagerar diria que exagera. Ajunta pormenores embaraçosos a essa historia que se parece com a mulher da esfrega pelos empurrões e pelos trapos. Repete-se, hesita, volta ao princípio, sem termos para

se exprimir. E atraz das palavras sem ligação sente-se cada vez mais dôr: o panno sujo da esfrega está embebido de lagrimas.

—Tenho uma tristeza metida em mim...

A narrativa desconjuncta-se: ganha em dôr e em grotesco. Enche a bocca, perde em naturalidade, adquire em imponencia. O tom carregado é de farça com residuos de lagrimas. A desgraça ri-se da desgraça. Augmenta as côres de exagero, carrega o traço, e a tinta engrossa:

—A sala de vizitas! a sala de vizitas!— Representa com ademanes e mesuras grotescas a sua entrada numa sala em passo medido de procição, o subito espanto deante das molduras. Avança um passo, recua um passo. E ali surgem agora as vizitas da filha, umas atraz das outras com espalhafato. A Joanna prolonga demasiado a scena para as velhas se rirem—e tem os olhos arrasados de lagrimas. Insiste, para-lhe na bocca o riso desdentado como se tivesse um nó no gorgomilo. Teima, e desata a chorar deante dos moveis com berloques.— E vae eu disse-lhe...—Reage e começa logo a rir. É um quadro extranho e sem realidade. No fundo, a tintas que resumam desespero, agitam-se figuras com penantes desconformes e sedas amarellas. Primeira dama, segunda dama—e os chapus, da ultima moda, tem penachos doirados, os

vestidos recortes de espanto, as medidas repetem-se n'um acesso. Terceira dama de cauda a rasto, outra dama como um palhaço, cumprimentando para a direita e para a esquerda, e já nos longes enfunados, irrompem, sempre com exagero e grotesco, outras damas de espavento — da alta roda... E o sêr esfarrapado mexe o craneo, para cima e para baixo, com um sorriso á sobreposse. Postiço sobre postiço. Representa — e todas estas figuras parecem sufocadas, todas estas figuras que ella cria ridiculas, mal dão dois passos, estão mortas por desatar aos gritos — todas estas damas inverosimeis, atraz de damas de rôxo, de seda, de amarello e de verde, pariu-as o grotesco com dôr. A Joanna imita as contumelias, olha em roda, e recebe-as pé atraz pé adeante. E já o absurdo augmenta, a dôr augmenta, quando outras damas de farça, com sedas salpicadas de todas as cores, se agitam de cá para lá na sala de visitas, engrandecida e transformada na sua bocca n'um salão doirado. Já outras damas de cauda arrasto, outras damas de quico, outros manequins forjados pelo sonho ressaltam com ademanes de caricatura. É o ponto em que as velhas gosam sentadas á roda da Joanna, em que a D. Felicidade exclama: — Ai que eu não posso mais! ai que eu até fico doente! Vem-me a sufeca. — Estão ali todas. Está a D. Herminia, e com a D. Herminia um mundo de inveja

paciente; a D. Penaricia, e com a D. Penaricia uma alma onde repousam exaustos, como n'um vasto dormitorio, todos os despeitos d'uma existencia inutil; a D. Fufia com os cabelos arripia-dos, e por traz da D. Fufia as ruinas devastadas de Carthago. Está a mulher tropega, amachucada, com olhos aguados de cão. E com isto ridiculo, e sobre esta tragedia ridiculo. O que a vida tão dolorosa tem de comico é de fazer chorar!

Já a historia entra n'outra phase. Tantas vezes se lhe tem perguntado, porque é que a filha a deixa andar na esfrega, que a velha acrescenta por menores embaraçosos. A narrativa torna-se obscura, dolorosa, hesitante, como se fosse arrancada aos pedaços d'uma alma espesinhada.—E vae eu disse-lhe...

—Hoje é que ella está que até parece o Tabor-da!

Na realidade a Joanna é insuportavel. Repete sempre as mesmas coisas, depara-se por todos os cantos como um trambolho. De noite, quando se pilha na enxerga, cuida que moe ainda o mesmo sonho:—A esta hora lá está ella... a esta hora... —A esta hora a minha filha...—E os olhos cerraram-se-lhe de extasi, de dôr ou de espanto no sordido buraco.

Todas as noites a velha, quando sae da esfrega, dá uma grande volta no negrume, alta,

ossuda, molhada até aos ossos. Ninguém sabe onde a conduzem os passos tropegos, a falar só, a remoer o sonho que a sustenta e ampara. Por vezes palpa um pilar de granito, por vezes debate com um sêr mysterioso, uma questão insolúvel. Sigo a sombra esgalgada, que gesticula e reza. Pára n'uma ruella, senta-se á porta d'um casebre. Bate, não lhe respondem. Espera, e outra vez timidamente se atreve a chamar... — De dentro sacodem-na palavras brusecas, e a velha torna por o mesmo caminho encharecada até aos ossos... Esta casa não é como as outras casas, esta sala não é como as outras salas, nem esta rua como as outras ruas.

28 DE MARÇO.

O sonho é um — a realidade é outra: a realidade é uma figura só dôr. Remoeu aquelle sonho quando seguiu a filha pelas viellas. As mãos secas de desespero tentaram em vão arrancal-a á desgraça. A filha desceu mais fundo, a Joanna desceu mais fundo. Deu-lhe a vida e suportou o escarneo. Andou nas mãos dos ladrões e tem tal ar de aflicção, que parece tonta. A desgraça pega-lhe pela mão e leva-a mais fundo ainda: aperta-a de encontro ao peito descarnado... Não

faz idéa nitida da vida e da morte, nem daquella viella com mulheres. Atura a miseria e a desgraça. Suporta os vestidos encharcados no corpo. Foi d'isto que ella fez sonho—das noites de dôr e do riso dos ladrões.—A usura da vida e a dôr represa, engrandecem-na. Nunca se queixou. Escondeu de todos a sorte da filha. Guardou aquillo para si, noite a noite, toda a vida. Bronco e dor, uma carcassa e farrapos, e nos olhos não sei que expressão que a faz mais baixinha:—Aqui estou para te servir.—Passou por tudo, e um resto d'illusão bastou-lhe para poder viver. Sós a sós a figura tem uma expressão descarnada e reflectida.

Nessa noite, á meia noite, nasce o menino entre ladrões. Vem morto ao mundo. A Joanna pega-lhe a tremer com as mãos da esfrega e deita-o no chale. Quatro cabeças se curvam á luz do candieiro de petroleo para verem o menino—tres cabeças de ladrões e a cabeça da velha.

—O menino está vivo!—afirma a Joanna.

—É preciso enterral-o de caminho—diz o ladrão mais velho, encolhendo os hombros. E juntam-se á porta falando baixo, enquanto a velha lhe aquece o corpo pegajoso com o bafo. Dentro a mãe geme.

—Vamos.

Os gritos cessaram de todo.

— Venha d'ahi.

E, tomando o braço de Joanna, que achega a si o menino embrulhado no chale, levam-na para a rua. Vão adiante o ladrão e a velha. Caminham até um terreno de construção, lama calcada e recalçada: ao fundo o panno d'um muro e um resto d'arvore mutilada. Escolhem o sitio e o pae abre a cova com o alvião. Nenhum diz palavra. Só a Joanna aperta mais o menino de encontro ao seio murcho, como se fosse possível aquecel-o. Agazalha-o dando voltas ao chale roto, e vae depois no escuro palpar a terra encharcada. Tira-lho o pae para o meter na cova, e ella ainda protesta:

— O menino está vivo.

Nenhum dos ladrões se ri. O que ella quer é outra vez crear. Está disposta a recommençar a vida, a deitar mais ternura, a tiral-o á bocca para o dar aos outros. E insiste:

— O menino está vivo.

— Vamos embora.

Sacodem as mãos: só a Joanna conserva nas mãos a terra da cova. Rodeiam-na tres sombras enormes e ella sente-lhes no escuro o bafo monstruoso.

— O estafermo da velha rica está só. Tu podes abrir-nos a porta...

— Roubar!...

E recua: avançam logo e não a largam as sombras que a envolvem.

— Tu has-de abrir-nos por força a porta!

— Deixem a velhota sosinha comigo, que nós dois entendemo-nos — intervem o ladrão mais velho. E leva-a suspensa pelo braço como quem leva uma pluma.

— Tu abres-nos a porta. Á velha deito-lhe esta mão ao gasganete e não dá nem pio. Aperto no escuro — eeh... — e sinto no escuro um estremeção e mais nada...

— Jesus!...

— Ó pandorca! És um trapo! és peor que um trapo!...

Cobre-os o céu profundo, onde palpita uma vida intensa. Arqucia-se sobre a velha e o ladrão de vez a vez a abobada recurva. Ao longe seguem-n'os sempre as duas sombras temerosas.

— Estupida! estupida! Passaste a vida a servir os estafermos. Aproveitaram-te e deitam-te fóra. Só te deram restos, enquanto se enchiam até aos gorgomilos. E tu apegaste e tu defendel-os!... Pela madrugada bato com os nós dos dedos á porta e tu abres-me devagarinho a porta...

— Jesus Christo veio ao mundo para nos salvar!...

— Isso! Até me metes nojo! Isso! Até me

fazes rir! Só tu, calhordas, eras capaz de me fazer rir n'esta hora aziaga. Pilhasse-te eu no meu tempo!... — E aperta-lhe o braço contra o peito, leva ao ar aquelle molho de ossos e ri-se com escarneo. — Tu lavas, tu esfregas, tu comes os restos, tu até cheiras mal! Tu metes-me nojo. E hesitas... Que se te pede? Que nos abras a porta e mais nada. Só ha uma ocasião na vida, toca a aproveitá-la... Se nos abres a porta ficamos todos ricos. — Abraça-a. Vomita uma risada. Peor que matal-a, enlameia-a. Aquillo vem do fundo da terra, vem do boqueirão da noite e traz escarneo pegado. Sobre isto chove: parece que toda a lama fetida da terra subiu ao céu para tornar a cahir. A Joanna geme. Uma risada e um gemido que se amalgamam, gemido que se extingue para depois subir mais alto, para se confundir com a risada, sempre o mesmo gemido, sempre a mesma risada. E a noite é pó de desgraça, cada vez mais moído e mais negro.

— Não te cabe n'esse caco que foste sempre explorada e que ninguem teve pena de ti. Escuta o que te digo. Rouba-a, estúpida! rouba-a! Na cadeia tambem se come pão. Ao menos lá enches essa barriga. Abres-me devagarinho a porta...

— O que havia de dizer a minha senhora!

— Ninguem no sabe. E ouve: se não nos abres a porta, a tua filha...

— Senhor ladrão, vossa senhoria... Assim Deus me ajude... Como a terra está fria!...

— Que me importa a terra! O que nos importa é o dinheiro do estafermo. Ouve! ouve! ouve! Ella é rica, tu és pobre...

— O Senhor fez os pobres para servirem os ricos, e os ricos para ajudarem os pobres...

— A minha vontade era esganar-te... Por tua filha! Se não nos abres a porta elle estorcega-a. A tua filha é menos que nada nas mãos d'elle...

— A minha filha... Vocemecê, senhor ladrão, tambem teve uma filha, que eu sei...

— Cala-te! Esta noite é por força noite de desgraça. Tive uma filha e não lhe pude valer. Vi-a morrer com os olhos enxutos. Morreu tísica, morreu-me á fome e não lhe pude valer! Fiz-me depois ladrão. Deixemos os mortos... Uma madrugada fui de prego em prego. Tinha despido o casaco para o pôr no prego. A porta d'um estava um cavallo á carroça, com a cabeça metida n'uma ceira, a comer. O que eu invejei aquelle cavallo! Morreu-me. Foi n'esse dia que me fiz ladrão.

— A sua filha morreu-me nos braços...

— Tu não te calarás! Esta noite já me não serve. É noite de desgraça. Vae-te p'r'o diabo!

Repele-a, e ao por-lhe a mão no hombro, repara que só traz a camisa extreme sobre o corpo.

— O chale? que é do chale?

— O chale dei-o ao menino.

— Fizestel-a bonita!

Tal é a figura esfarrapada. Maior. Maior pela desgraça e pela mentira. A Joanna, quando faz rir as velhas de cuia postiça, mente. Tem duas existencias, uma vulgar, outra oculta. Lava as escadas, calada e submissa: á noite vive com os ladrões e as mulheres das viellas. E mente. Mentiu sempre. Mentiu emquanto pôde. Mentiu a si e aos outros. Fez da dôr mentira e da mentira sonho. Quanto mais desgraça, mais exagero e mais grotesca a sala de visitas — maior a sala de visitas — mais doirada a sala de visitas. A Joanna não se atreve a sonhar a felicidade: contenta-se em sonhar a desgraça, e não lhe tira os olhos de cima, para não ver outra desgraça maior. Ilude-se. E debate-se n'uma cogitação profunda como a noite. Toda a noite lhe parece negra. É como se pela primeira vez dêsse com a vida. Deita as mãos, não encontra a que se apegue, e faz gestos para repelir o negrume. Remoe coisas que não percebe bem, que se lhe confundem na alma e que traduz em palavras descosidas e sem significação. De quando em quando pára, com os olhos fixos, e diz uma phrase fóra de propósito, a scismar com obstinação n'outra coisa:

— Casa de mulheres, casa de ladras.

Ou monologa parada a um canto:

—O Senhor lá sabe porque a gente anda n'este mundo e para que se criam estas coisas... Estas coisas...—E abre os olhos espantados.— Tudo está escripto no livro do futuro... Sempre elle ha gente muito boa n'este mundo! É o que vale á pobreza.—Depois um salto dentro d'ella:—Onze, não, doze vintens é que são. Quatro vintens do bahu que levei á cabeça, seis vintens da esfrega...—E conta pelos dedos:—Seis, sete, nove vintens... Depois aquillo remexe, vae ao fundo do fundo:—A desgraça não nasceu comigo nem ha-de morrer comigo.—Ou explue n'um grito de quem não pode mais:—Não posso com este peso, com esta desgraça, com esta desgraça sobre esta desgraça, e com isto!... A dôr que a gente cria aos seus peitos! E ainda por cima isto!

Depois cala-se. É peor. Fica confundida e atônita, como um cavallo prostrado, que não sabe porque sofre e mantem os olhos abertos—ridicula deante da desgraça e deante do assombro. Calase e outro ser immenso começa a falar dentro d'ella. É um debate ao mesmo tempo futil e cheio de grandeza, que não posso fixar, mesquinho pelas palavras que emprega e grande pelo sentimento que o reveste. É uma coisa triste, uma coisa dolorosa, uma coisa desconexa, feita

de nadas, de gritos, de mudez. A Joanna fala com o Sonho tu cá tu lá e atira-se ao Sonho. E quando enfim o espanto se acumula sobre ella, a Joanna dispõe-se a arrancar-lhe farrapos. Misturem a isto a dôr, misturem a isto ridiculo, porque a Joanna revolve tudo, phrases, sentenças, palavras que lhe acodem e que não formam sentido—veem de muito longe...—lagrimas, sonho, e ranho. Assoa-se ao avental.

—Eu não sei dizer! eu não sei dizer!...

E sem falar á sombra que a não larga, a velha gesticula para o escuro: a desgraça tapou-lhe a bocca, meteu-lhe outra vez a bocca para dentro. Avança com as mãos abertas. A noite é immensa. Cabem na noite os mundos infinitos, mas só me interessa a alma de Joanna. Quer comprehender e não pode. Peor: o sonho humilde já lhe não é possível. Parece perdida, tão inutil no mundo! A ternura não lhe serviu de nada. E ha outra coisa em que é preciso insistir: não sabe porque sofre, não lhe cabem lá dentro a desgraça e a explicação da desgraça. Outra vez recorre á perlenga com que amortece a dor:—A sala... a outra sala...—Mas na sala disforme só se vomitam injurias e as boccas transformam-se em bocarras monstruosas, que a Joanna não consegue tapar. O negrume é cada vez mais compacto e o esforço da velha cada vez maior. Quanto mais

negra é a sala, mais a Joanna a doira. Augmenta-a, e agitam-se as visitas em delirio: quem as recebe de pé a fazer cortezias de espalhafato é a propria desgraça vestida de amarello. As cadeiras tomam outra expressão, agitam-se os caeos, os berloques fazem parte da sua alma, o doirado reles dos moveis apega-se á noite espessa. Estes caeos são expressões de dor e é a desgraça quem os arruma.

A noite irrita-me com a sua imobilidade imperturbavel, e ao lado este ser que só tem uma forma grotesca de exprimir o que sofre. Esta sala com um gato bordado a retroz interessa-me muito mais que a noite negra, a noite funda. A noite é inutil.

PAPEIS DO GABIRU

20 DE ABRIL.

ELLA foi uma flor que se aspira e se deita fora —quasi sem reparar— scismando na immortalidade da alma.

Se eu pudesse cinematographar a vida e a morte d'uma flôr, cinematographava a sua vida. Não sei dizer se existiu se a criei, e o que na realidade me interessa é o que ella disse á grande nodoa de humidade da parede.

Sei que chorou mas não a ouvi chorar. Ninguem a ouviu, ninguem deu por ella. Passou como uma sombra. Habitou-se. As lagrimas sumiu-as, meteu-as para dentro. A dôr aprendeu a contel-a. Habitou-se a queixar-se á grande nodoa de humidade da parede.

Entre mim e ella interpoz-se o sonho.

A ternura tambem cansa. Deixem-me! deixem-me sonhar!

O principal para mim foi a queixa que ninguem ouviu no mundo; foi o que os seus olhos verdes d'espanto decifraram n'aquelle arabesco da parede. Podes por ventura conceber isto? Uma dôr que não deixa vestigio, um sonho ignorado que não deixa vestigio, que passa no mundo e não deixa vestigios—a dôr despercebida, as lagrimas contidas que se não chegam a chorar?

Não valia nada, o que vale um passaro, e em questões affectivas, em ternura, tinha a profundidade do mundo—a do silencio—a do sonho.

Tanto se queixou baixinho que morreu de frio!

Deito-me debalde aos encontrões á noite. Nem um grito. Os remorsos são inuteis. Um passo na vida é sempre irremediavel: não ha forças humanas que o possam apagar.

25 DE ABRIL.

A vida tem dois periodos: o do entontecimento, o da saudade. Não sei qual é melhor.

Talvez aquelle em que se ouvem já os passos da morte, mais perto! mais perto! O frio da morte dá á vida um encanto superior e um prestigio maior.

Deixem-me! deixem-me! Deixem-me só com isto, deixem-me viver para isto. Deixem-me fechado a sete chaves com o sonho que me enche de ridiculo, que não existe e é a razão da minha vida. Deixem-me ir para a cova agarrado a este nada immenso, que me doiron as mãos e me deixou atonito. Só no fundo da cova é que estou bem, sós a sós, fechado com elle para sempre.

Se o sentimento de belleza é a unica coisa humana que não nos engana — se só a isto ficamos reduzidos — como não prever outra belleza maior?

De sobresalto em sobresalto, de assombro em assombro, de vulgaridade em vulgaridade e de contradição em contradição, assim vim até ao fim. Não consigo desprender-me de um, nem libertar-me do outro.

Atraz d'este assombro ha outro assombro — e depois outro assombro ainda.

Qual é a minha experiencia da vida? Nenh-

ma. Qual é a lei que extraes da vida? Nenhuma. Só o espanto. Só uma coisa cada vez maior, sempre assumindo maiores proporções, que sinto desabar no silencio, mais doirada e phrenetica que o sonho. Tudo se reduz a coisas a que damos valor, e a coisas a que não damos valor. E entretanto ao nosso lado passa o tropel magico, desesperado e cahotico. Alli fóra desabam os seculos e a torrente misteriosa que leva consigo estrellas em vez de calhaus. O jacto de portento vem do infinito e caminha para o infinito, levando consigo a alma, o universo, o logico e o ilogico, o absurdo e Deus.

Uma vida resume-se em duas linhas, synthetisa-se em dois ou tres factos. Se a vida fosse só isso não valia a pena viver-a. A vida é muito maior pelo sonho do que pela realidade. Pelo que suspeitamos do que pelo que conhecemos. Se nos contentamos com a superficie, não ha nada mais estúpido — se nos quedamos a contemplal-a faz tonturas. É por isso que eu teimo que a Morte não tem só cinco letras, mas o mais bello, o mais tremendo, o mais profundo dos misterios. Prepara-te.

O problema capital da vida é o problema da morte. Elle resolve tudo. Não ha factos isolados;

não ha acontecimento no universo que não gere outro acontecimento. O inconsciente não pode criar o consciente. É impossivel dar um passo a que não succeda outro passo. A vida gera a morte — a morte gera a vida. Mas que vida?

Fui eu que criei tudo na vida. Destaquei da massa confusa, da mescla, o tempo — destaquei a morte — destaquei o sonho. Fui eu que, como n'um quadro, lhe dei valores e perspectiva. Fui que lhe entornei em cima ilusão. Na realidade só existem côres — como só gritos existem. Arranquei tudo do fundo do quadro. Porque não hei-de acabal-o?

E no entanto sinto-me tocado de hesitação e de duvida. Do que tenho saudades é desta vida. Ao que eu aspiro é a esta vida. O gesto que o moribundo faz ao arrepanhar o lençol é um gesto de naufrago.

Sou nada diante do universo. Mas teimo, mas discuto comigo e contigo ó espanto, mas defronto-me com o enigma, encarniço-me e saio d'aqui esfarrapado, despedaçado — mas teimo e hei-de venerar-te. Não quero morrer de vez. Não quero perder a consciencia do universo nem a sensibilidade do universo. Eu sou o nada, tu és o infinito — hei-de por força venerar-te!

D'um lado a materia, do outro o espirito. D'um lado consciencia, debate, lucta, do outro a impassibilidade, a fatalidade inexhoravel. Nenhum grito a perturba. D'um lado a vida gasta n'um segundo, do outro a successão ininterrupta dos seculos, indiferente e eterna. Como acaso é atroz, a não ser que outra coisa nos espere.

Ilusão, mentira, estúpido? Mas eu é que faço a verdade e a mentira. Eu é que a crio á custa de dor. Dou-lhe o meu bafo e a minha alma. Deus cria-me a mim — eu crio Deus. Uma verdade pode ser abjecta, uma mentira pode construir outro mundo — outro universo — outro céo.

Se não nos detivessemos com palavras, se avançássemos todos ao mesmo tempo, esquecendo o que é inutil, para esta coisa que nos devora, subjugávamol-a. Conquistávamol-a por uma vez, por maior que ella fosse. Mas nenhum de nós se atreve e passamos a vida a fingir que não existe. E só ella existe.

A OUTRA VILLA

26 DE ABRIL.

O TEMPO era limitado, a paciência pegajosa, o gesto lento. Agora que a vida dura seculos ninguem espera um minuto.

Tenho aqui a villa sufocada d'espanto, e, n'este momento de silencio e mudez, todos enca-ram com desespero os proprios phantasmas. Está aqui o fel — e o fel está vivo. Está aqui a men-tira — e a mentira está viva. Está aqui a D. Leo-cadia e o dever, a D. Bibliotheca e o postigo, o Anacleto e as conveniencias. Estão todos. Não falta ninguem á chamada. Está aqui tambem o espanto e a mania, e a mania tem os cabellos em pé. Custa-me a admitir-te na minha compa-nhia, custa-me a arrancar-te de profundidades ignotas... Tudo o que fiz era um simulacro, reco-nheço-o. Passei a vida a arremedar a vida. Passei

a vida com uma voz a prégar-me: — Não metas ahí o nariz. — E a minha vontade era meter alli o nariz. — Passei a vida a cumprir o meu dever e a amargar o meu dever. Passei a vida a arredar-te e agora tenho por força de viver contigo. E tu? — e tu? — e tu?... — Gastei-me, gastei-a... Cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o com fel. Para cumprir o meu dever lhe repeti a toda a hora que os pobres teem um logar marcado na vida. Fil-o por dever. Não transijo nunca com o meu dever. Assim como devia tiral-a do asilo por ser do meu sangue, assim o meu dever era educal-a para pobre e reduzil-a a um ser passivo e inerte. Os pobres não teem vontade, os pobres não teem orgulho. Vesti-a com um sacco e gastei-me um dia, gastei-a outro dia, a ponto de usarmos as feições e de não nos reconhecermos. Espiamo-nos ambas, uma em frente da outra, no silencio gelido da villa, onde se ouvia o trabalho lento das aranhas no fundo dos saguões. — Dei-te o sustento, tens de ser agradecida. Tirei-te do nada, livreite da fome, é preciso seres agradecida. Cumpre o teu dever. — Eu cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o contrariada, n'um perpetuo dize tu direi eu, numa eterna contradição, mas cumpri-o. Cheguei a tiral-o á bocca para a poder manter. Cumpri o meu dever e amarguei o meu dever. Usei assim a vida a arremedar a vida. E tenho-a aqui na mi-

nha frente, com a barriga á bocca, á espera que eu cumpra o meu dever até final. Qual é o meu dever? Reconheço que a odeio — odiei-a sempre. Mas qual é o meu dever? pergunto. Qual era afinal o meu dever? Se fazia o bem, amargava o bem; e tu não me largavas se tentava o mal. A minha vida tem sido um perpetuo inferno, contrariada e impelida, e sempre a cumprir o meu dever amargo, o meu dever estúpido. — E os olhos não se lhe despegam do phantasma coçado e verde, do ferro e verde. Grita-lhe: — Cumpri sempre o meu dever! Se não cumprisse o meu dever ia parar a uma viella. — Queda-so estrangulada e surpresa, mais estrangulada e surpresa ainda, diante da voz que lhe diz não sei o quê de temeroso. Avança e repete mais alto. — Ir parar a uma viella é o que ha do peor no mundo! — E a outra torna com escarneo — e a D. Leocadia torce-se com pavor: — É o que ha de peor no mundo! é o que ha de peor no mundo! — E com dôr, com angustia, com desespero, pergunta a si propria (a outra insiste e não a larga): — É o que ha de peor no mundo!?. . . — E tu? — pergunto — tiveste inveja? — Tivo e recalquei-a. Arranquei tudo, destrui tudo, por ti que não existias. — Mas isto é infame, isto não sou eu! — És, és, mais do que nunca o foste. — Cada vella se põe a recuar deante de si mesma; cada sêr

procura afastar-se de si; cada um a si proprio se repele. Mas todos são enrodilhados no pé de ventos, que os leva sufocados e atonitos, balouçados entre a vida e a morte, entre o assombro e o inferno. É grotesco este encarar com o sonho, pé atraz pé adiante, esta hipocrisia que teima em ser hipocrisia, esta mentira que quer ser mentira até á ultima extremidade. — Tu não deste um passo na vida sem obedeceres ás conveniencias e sem consultar o teu codigo de meticulosidade. Tens um *Deve* e *Haver* do tamanho d'um predio. A praça considera-te, Deus considera-te. Torturaste-a segundo as conveniencias, habituaste-a a conter as lagrimas e a ser correcta com o mesmo grito recalcado ao fundo do coração. E esse drama correcto, torna-se mais correcto ainda, e, seculo atraz de seculo, ha-de acabar por attingir a correcção suprema. — Não tenhas medo, avança um passo, outro passo ainda... — Que é isto? que é isto que se me pega, diz a Telles, diz a Reles — e que me não deixa pensar na mania? — E nos olhos de idiotia, a vida, camada atraz de camada, chega a vir á superficie. — Ah, a mania D. Telles, das Telles das Reles, a mania! Pensar n'este trapo um dia, e só pensar n'este trapo! Fazer de ti e de mim mania e só mania! — Dois castiçaes de prata foram a minha vida. Pensei n'elles com minucia. Um nada — ou Deus — bastou para

me encher a vida. Acordei com elles, dormi com elles. Taparam-me o mundo. Isto foi o meu sonho e a razão do meu sêr. Criei-o. Dei-lhe o meu leite. Vivemos juntos; ia morrer com esta mania, levava-a para a cova, sem ter pensado no resto, e agora encontro-me sós a sós contigo, desprevenida e sósinha. Foste para mim um filho. Alimentei-te e alimentaste-me. Reservei-te sempre o melhor cantinho do meu ser. Salvaste-me do desprezo de mim propria, peor que o desprezo alheio. Quando me sentia mais humilhada e mais pobre, recorria a ti, e encontrei-te nas horas em que a gente até de si duvida, quanto mais dos outros. Trouxe-te sempre comigo. Sorrias-me. Foste a carne da minha carne e o osso do meu osso. Um filho podia-me morrer; tu não me deste um desgosto. Escondeste-me a vida e a morte — e eras um trapo, uma corôa de lata, dois castiçães de prata! Agora mesmo procuro agarrar-me — mas isto pega-se-me, deslumbra-me e ofusca-me... Ha só uma coisa que eu queria ainda dizer, e não a sei dizer diante de isto que tenho ao pé de mim, dentro de mim e me não larga... — Ai! ai! ai! — Tambem tu, tambem tu, prima Angelica, que passaste a vida debruçada sobre essa meia, tambem tu te ergues n'um arrebatamento, passa-te não sei que dôr na escuridão cerrada, e procuras, com a agulha afiada como um punhal,

furar os olhos de todas as pessoas que te fizeram bem! . . . Mas tanta inveja ruminaste que sorris e te curvas submissa sobre a mesma meia eterna, a que mãos caridosas- já não desfazem as malhas e que tem tres metros de comprimento . . . — A meza da bisea lambida cahiu por terra, e de tal maneira se olharam nos olhos, que não foi possível tornar a juntal-as. Só a mesma voz persiste dentro de nós mesmos, no sileneio e na mudez da noite infinita: — Mas eu não posso! eu não posso! Tu obrigas-me a fazer o que não devo! Tenho aqui fel e hei-de, para eumprir o meu dever, fazer o contrario do que sinto: dominar-me todos os dias, moer-me todos os dias, prégar-me todos os dias: — A gente só vêm a este mundo para cumprir o seu dever! . . . — O que ha de peor no mundo é arrancar os desgraçados á desgraça! O que ha de peor no mundo é não haver outra vida e passar esta vida a arremedal-a!

1 DE MAIO

Não só os sentimentos criam palavras, tambem as palavras criam sentimentos. As palavras formam uma architectura de ferro. São a vida e quasi toda a nossa vida — a razão e a esseneia d'esta barafunda. É com palavras que construimos

o mundo. É com palavras que os mortos se nos dirigem. É com palavras, que são apenas sons, que tudo edificamos na vida. Mas agora que os valores mudaram, de que nos servem estas palavras? É preciso crear outras, empregar outras, obscuras, terríveis, em carne viva, que traduzam as coleras, o instinto e o espanto.

Mas se tudo são palavras e de palavras nos sustentamos, o que nos resta afinal? Gritos em frente de gritos, instintos em frente de instintos. Fica a morte á solta e o instinto á solta. Ficam os mortos de pé — a coorte que não queríamos vêr, erguida, como o vento ergue a poeira, até aos confins da vida.

Até agora a mentira fez-me suportar a vida, a insignificancia e as palavras tornaram-me a vida possível, a vida onde á custa de palavras cheguei a ser Eleutheria da Fonseca, Balsamão, Elias de Mello ou Melias de Mello. Só á custa d'isto pude aturar a vida e o horror da vida. Só por não a vêr, pude encaral-a. Só enquanto fui feito de pequenas miserias e de palavras inuteis a pude suportar. Mas agora que me resta se tudo é vazio de significação?

Custa muito a construir uma vida ficticia, a ser Telles ou a ser santo, a crear um Deus ou uma

mania. Custa a melhor parte do nosso ser. É certo que metade d'isto — metade pelo menos — é representado. Se te confessasses dirias:— Eu sou um actor, eu sou o actor de mim mesmo: represento sempre até quando sou sincero; até quando digo o que sinto, é outro, e n'outro tom de voz, que diz o que sinto. . . Cá estou a vel-o representar. . . Mais de metade, muito mais de metade dos meus sentimentos, são postigos. Todos estamos ligados por compromissos, aceitamos certas leis e vivemos de apparencias. Existe entre nós um accordo tacito. No fundo bem sei que o que me dizes é mentira, mas sei tambem que tenho obrigação de ajudar a mantel-a. Respeitamos um compromisso vital. Mais alto! mais alto! . . . Para podermos viver só lidamos com uma parte convencional da vida. A outra não existe: se existisse seriamos bichos. Esta vida é uma mentira — a outra vida é monstruosa. Desabada a architectura aparente, ficamos ignobeis. Isto que ahi está por terra custou muito desespero, primeiro na inconsciencia e na obscuridade, atravez da inconsciencia e da obscuridade, e depois atravez de terrores e de indescriptiveis esforços. Custou aos vivos e aos mortos a dôr das dôres puderem discernir dois ou tres factos essenciaes na treva condensada, na treva compacta d'una noite que durou seculos. Esforço inconsciente de larva, com

um destino a cumprir e legoas de granito a romper. Tiramos o mundo do nada. Levou seculos e seculos — mas tiramol-o do nada. No principio só fomos almas, creamos depois a casca. Tambem as arvores só a poder de tempo se revestiram dum envolucro. Eramos todos phantasmas. Creamos tudo — e a mentira. Tudo — e o habito. Tudo — e a paciencia. O sonho não é senão uma reminiscencia. Todas as inutilidades não passam de adaptações á vida. Essas pequenas coisas são ao mesmo tempo temerosas e ridiculas. Bem encarada a ninharia é uma tragedia. D'estes seres saem outros seres grotescos e terriveis — terriveis e grotescos. No silencio a mania toma proporções chimericas, e não sei como hei-de juntar estas duas coisas — mania e desespero.

Dentro de cada sêr resurgem os mortos. Crescem dentes ás velhas, afiam-se-lhes as unhas debaixo dos chales. Adquiriram outra expressão. Quasi toda a gente emagreceu. Aguçam-se ferros no escuro. Procuram-se. Qual é o teu verdadeiro ser? Eu mesmo não sei. Dá-me um trabalhão encontral-o e acho-me sempre em frente de cacos, a que não consigo dar unidade. Uma ninharia — um impulso — um habito. É isto que constitue o meu ser, ou é esta serie de imagens, já desaparecidas, que formam a minha e a tua vida? Não, o

meu verdadeiro sêr saeode a poeira na eolera, na paixão, no amor ou no odio, — porque aos sentimentos tambem é preciso desenterral-os — e actua n'un phrenesi. Acabaram as hesitações e as duvidas, porque já não sou eu quem mando, a minha razão ou a minha vontade: são os mortos. E é quando me sinto viver.

E a insignificancia? Até a insignificancia. A insignificancia com orgulho, a insignificancia com desespero.

5 DE MAIO.

Aqui está a villa toda — mas as figuras mudaram. São disformes. O proprio Santo cheirou as velhas, saeuiu as velhas e atirou com as velhas á rua. Do alto dos montes vomita eoleras sobre a villa passada de terror. O silêncio redobra, a dôr redobra. E com isto uma alegria a que falta o resaibo de tristeza que se misturava a todos os nossos sentimentos. Falta-lhe equilibrio e harmonia. Tem a maior feroeidade. E produz o mesmo efeito que este scenario d'assombro, que o vento e a chuva esfarelam, e onde sobrenadam restos. E com isto a voz que não nos dá tregoa e que atinge o desespero: — Não grites, D. Leocadia, não grites. Reconheço que és feita d'uma

peça só. Foste sempre inteiriça. — Tirei-o á bocca para a manter . . . — Tiraste-o. Tomaste a vida a serio. Entendeste sempre que pobres se educam como pobres, passaste a vida a azedar a vida, e o dever que fizeste amargar aos outros, começou por te amargar a ti. E a esta luz intoleravel as coisas tomam a teus olhos aspectos ignorados. . . — Mas então não ha dever nenhum e eu não sou a D. Leocadia, 29-2.º-D.? — D. Leocadia, quem recebe o bem fica sempre humilhado. O bem constrange. O que tu chamas a piedade e o bem põe quem o recebe na situação de te morder as mãos. E continuar a fazer o bem é elevar-te pelo bem que fazes e rebaixar-me pelo bem que recebo. Acabas por gastar o que em mim ha de melhor. Oh D. Leocadia, se eu podesse — eu é que te fazia o bem, para tu veres o que é o bem recebido, o bem agradecido e o bem amargurado. Antes tu me fizesses mal, D. Leocadia, porque o mal põe-me ao teu nivel, e o bem acostuma o desgraçado a ser mais desgraçado ainda. Degrada-o. Põe-no na tua dependencia e na dependencia da desgraça. Cria uma superioridade, a tua, e um azedume, o meu. Classifica para todo o sempre. Estou perdido se não reajo em odio. — Que exiges tu de mim então, que não comprehendo? Que exiges tu de mim contra a minha vontade? Que me aniquile? Que me dispa para te vestir?

—Não grites...— Que exiges tu de mim de absurdo com que eu sinto que não posso arcar? Um esforço sobrehumano? Ou exiges apenas que eu faça o bem que posso, uma parte do bem? Ou é o mal que tu exiges de mim e o bem é um peccado? Melhor será deixar a cada um a sua parte de desgraça e de colera?... Eu ainda posso talvez despir-me, mas não posso amal-a. Posso cumprir o meu dever, mas que mais exiges tu de mim com que, ainda que queira, não posso! Que exiges tu de mim?! — Mas, D. Leocadia, eu não exijo nada de ti, cada um se aguenta conforme pode n'este balanço...

— Mas então não há dever nenhum? não há bem nenhum? Que fiz eu d'este ser apagado e inerte com um filho do meu filho na barriga? — Oh D. Leocadia como tu educada sempre com as mesmas palavras e no mesmo dever, um dia de dever, outro dia de dever, e erguendo, no silencio e no tedio, uma construcção de trapos e de palavras que chegou ao céu e substituiu o céu — como tu tapas os olhos com desespero para não vêr! Has-de aguentar com este pezo, que não podemos suportar... Talvez fiquemos cegos, talvez saiamos d'aquí aos gritos, os maniacos sem a sua mania, os bons sem a sua bondade, e os pobres só fel e vinagre, mas temos de ver o que não nos estava destinado. Para largar a pelle, D. Leo-

cadia, até a cobra adoecer. Tanto importa que resolves como que não resolves o problema — todos temos de dar o passo. A villa é a mesma villa, as pedras as mesmas pedras. Nós mesmos não mudamos. A nova vida obriga-nos apenas a discutir o que estava ao nosso lado. Tudo existia no mundo, até este desespero; tudo estava vivo, até este grotesco. Nós é que estávamos mortos.

Passou no mundo a extranha ventania, e a morte de tal maneira se entranhou na vida que custa a separal-as. Mas já lá vão as formulas, os alicerces e os usos... Só no alto, sobre este absurdo, subsiste ainda o mesmo borralho remexido, com a cinza e as faulhas atiradas indiferentemente para a escuridão, e a Via Lactea a sangrar.

DEUS

11 DE MAIO.

«DORMI n'um taboado, cingiu-me uma cadeia. Vesti-me com um sacco. Todos os dias arranquei de mim proprio um farrapo e um grito. Arredei tudo para ficar só contigo no mundo. Sacrifiquei-te tudo. Fiquei nu e Deus, nu e a vida eterna. Tinha o horror da lepra, vivi com os leprosos. Calquei todas as afeições inuteis, e se uma andorinha me fizesse ninho na banca, como ao frade d'Assis, torcia-lhe o pescoço. Encheste-me a vida toda.

E agora a morte não existe, Deus não existe, a vida eterna não existe. Uma luzinha e depois a escuridão!

Tenho diante de mim esta força cega, este absurdo a escorrer ternura e lepra, como uma pri-

mavera escorre morte, a irromper contra tudo e apesar de tudo, d'uma profundidade cada vez mais soffrega e cada vez maior. Não quero vêr e hei-de por força vêr!

Este inferno, a que dei vida e a melhor parte do meu ser, não existe! Tinha conseguido só te vêr a ti no mundo. Com uma palavra enchi o vaeuo. E este Deus por quem sacrifiquei toda uma vida e a melhor parte da vida, não existe! Foi tudo inutil. Dilacerei-me. Dei-me a mim proprio em espectáculo. Assisti a esta tortura, e tu não existias! Vivi fora de mim mesmo e de repente tive de me aceitar a mim mesmo. Toda a minha vida foi inutil! tudo o que fiz foi inutil! Foi grotesco e inutil!

Sacrifiquei tudo a quê? Sacrifiquei o melhor da minha vida ao vaeuo. Ofereci-lhe em espectáculo a minha dôr. Mas então que existe? Qual a directriz da minha vida? Qual a ilusão com que hei-de encher isto? E para que hei-de viver? Qual o sonho immenso capaz de substituir este sonho? Que é Deus agora? Deus é tudo e nada. É uma força. Deus é uma lei inexhoravel. Mas então tu que podes tudo — tu não podes nada. És uma lei — e has-de cumprir essa lei. És um destino e não podes dar um passo fóra d'esse destino. Não

vês, não ouves, não sentes. Eu sou uma insignificancia e valho mais do que tu. Porque eu grito, eu soffro, eu atrevo-me. Amanhã quebro o meu destino. Tenho uma consciencia. Sou ilogico e absurdo. Debato-me. E tu, Deus, não passas duma força cega e estúpida. Não me serves de nada.

Preciso d'um Deus que me atenda, que me escute, que saiba que soffro e que me veja soffrer. Preciso d'um Deus que me salve ou que me condemne. Preciso d'um Deus que me ampare. Preciso d'uma intelligencia superior á minha e em comunicação com a minha.

Um Deus-força, um Deus que não se comove com os meus gritos nem com as minhas supplicas, não me interessa. Um Deus que caminha para um fim que não atinjo, é um Deus absurdo. De que me serve este Deus? Não ouve os gritos — destroe; não sente a dôr — destroe. Destroe e caminha. É inalteravel. Ilude-nos. Deixa-nos um segundo deante d'este espectaculo, para nos mergulhar no nada. A nossa aspiração não cabe aqui: entrevêmos, sonhamos, e, a meio do caminho, talvez no inicio de sonho maior, destroe-nos. Peor: tem uma necessidade de soffrimento cada vez maior, de soffrimento innocente ou culpado. Revê-se na dôr. Deus é cego.

Debalde grito — não ha quem me ouça. Debalde soffro — ninguem o detem. Tanto faz viver como morrer. Deus, tu és monstruoso! Destroes — caminhas. Destroes o não sentes. Vens do infinito, e atraz de ti fica um infinito de dôres, uma massa de gritos e de sêres espesinhados. Segues e destroes. Constroes não sei o quê de portentoso com que não posso arcar. D'essa pata monstruosa escorre sempre ternura. Não é indifferente que calques e recalques. Quanto mais espesinhas, mais gritos, mais ternura nas arvores, mais estrelas nos céus. Parece que a dôr é inseparavel da ternura, como a morte é inseparavel da vida. — Até aqui eu tinha uma taboa a que deitar a mão. Até agora tinha um nome — agora não sei como me chamo. Agora tenho medo de mim mesmo, agora sinto-me isolado n'este cahos infinito, n'este repelão desabalado, que me leva sem sentido e sem fim. Eu e a noite — eu e o doido! Até agora supunha-me tudo, eu e Deus, eu e a mão enorme que me conduzia e amparava. — Sofras ou não soffras, vaes para a mesma cova, para o mesmo nada, para o mesmo silencio. Antes o inferno! antes o inferno! Tu que foste desgraçado, ou tu que foste feliz, tu que te descarnaste até á medula e tu que passaste indifferente pela desgraça — vaes para a mesma cova profunda, inutil, absurda e muda. Antes o inferno, antes a dôr

pelos seculos dos seculos a vir, do que a mudez e o horrivel silencio atroz!—Tudo foi indifferente, tudo foi indifferente para o monstro que passa e esmaga, que não ouve e esmaga, que não vê e esmaga. Indifferentes os teus gritos e as tuas supplicas; indifferentes a tua renuncia, a tua dôr, as tuas lagrimas. Foi indifferente que fosses bom ou mau, que tentasses subir ao topo do calvario. Não existe na realidade nem vida nem morte — não ha na realidade senão chimera e dôr — não ha na realidade senão este monstro que passa e esmaga, que caminha e esmaga.

Deus é cego! Deus é cego!

Emquanto te importaste comigo no mundo, foste o meu unico pensamento e só tu me importavas no mundo. Agora não posso, agora não dou contigo. Agora não te encontro. Agora sou mais pequeno e maior. Agora meto-me mêdo. Que voz pode echoar e sobresaltar esta solidão infinita, este mundo infinito, onde os gritos se não ouvem a cem passos, e tudo que chamamos amargura, dôr, grandeza, se apaga logo e se reduz a zero? O meu dever já não é o mesmo dever, a minha consciencia já não é a mesma consciencia. Só os meus instinctos se conservam de pé.

Acuso-te de teres comprometido a minha situação no universo. Acuso-te de não me deixares ser infame. Acuso-te de me dares o remorso. Acuso-te de me impedires o instincto. Acuso-te de teres transformado a vida e criado a consciencia. Acuso-te de me deixares sosinho com este peso em cima, com a ideia da vida e com a ideia da morte. Acuso-te de me levares para um calvario como o teu, para me tornares grotesco, e de me collocares em frente de ideias com que não posso arcar. Acuso-te de não poder mais, e de me instigares a mais ainda. De me obrigares a olhar cara a cara o assombro que não existe; a morte que não existe; a consciencia que não existe. Subverteste o mundo. Forçaste-me a criar outro mundo, a olhar para cima e a clamar no vazio. Acuso-te de não me deixares atascar á minha vontade em lodo, de não me deixares mentir, matar, chafurdar. Acuso-te de me impelires para cima, quando a minha vontade era ir para o fundo. Acuso-te de não me deixares ser bicho.

Estou prompto para tudo. Desde que não ha Deus tudo são palavras. Desde que não ha outra vida, só ha esta vida. Só ha este minuto, esta hora presente. Sinto-me capaz de tudo. Estive annos a rezar a uma comoda, a falar a uma co-

moda, a sofrer deante de uma comoda. Fui grotesco! fui grotesco e tu não vias! fui grotesco e tu não ouvias! fui grotesco e tu não existias!»

Resta um Santo só orgulho, um Santo só desespero. Orgulho e colera. Fica mais secco, calcinado, maior. Não admite que o contrariem e quer ser obedecido e temido. Tem inveja das infamias dos outros, inveja dos que se atrevem, inveja amarga como fêl. «— Doe-me tudo, doe-me principalmente sentir-me grotesco! sentir que perdi a vida e sou grotesco! sentir que me deti e fiquei descarnado, impotente e grotesco!

Por uma palavra fui absurdo. Por uma palavra tenho atraz de mim uma architectura desconforme e destroços que enchem o mundo— por uma palavra e mais nada. Tu não existias!

Resta-me o bem. Mas fazer o bem para quê se tudo acaba alli, se não ha outra vida consciente, se não tenho de responder perante ti pelos meus actos? E mesmo diante do escantilhão sofrego, o que é o bem e o mal? A que eu tenho de obedecer é ao instineto e mais nada. Se não estás ahi para me julgar e para me ouvir, que importa fazer isto ou fazer exactamente o con-

trario? Só uma coisa resta : iludir os desgraçados, leval-os para uma mentira cada vez maior, para que possam suportar a vida. Não se trata do bem ou do mal, do justo ou do injusto — trata-se de mentir, de mentir sempre — de mentir cada vez mais.»

NOITE E DESESPERO

18 DE MAIO.

AVANTE! avante! Um cordão de velhas, como um cordão de sentinelas, não desampara o quarto onde a magestosa Theodora agonisa. Chove. Entre estas paredes forradas de papel dourado já não se moem as palavras de uso. Alumia-as o candieiro a escorrer petroleo, e a luz fixa as arestas das figuras de cerimonia, todas vestidas de preto, a calva d'um homem gordo, a quem só se veem as mãos esponjosas, os bicos das velhas retesas, cujas boccas remoem no escuro, a Adelia mais safada e mais sofrega, e o padre no meio da sala dominando-os a todos. Onde vae o ridiculo da D. Penaricia, as mesuras da D. Andreza, o riso idiota da D. Idalina, a langonha da D. Herminia? Parecem forjadas de novo. Até as pregas dos vestidos cahem como pregas de estatuas. Cada velha resolve que a colica da Theodora seja a sua ul-

tima colica; em cada velha cresce, augmenta, trasborda, n'um tumulto, o inferno. Ao saque! ao saque!—É para mim. Eu é que sou a prima mais chegada.—Eu é que lhe tenho aturado tudo, é a mim que ella deixa os trezentos contos, os quatrocentos contos, ninguem sabe o que ella tem.—Nenhuma admite que a magestosa Theodora escape. Veem de muito longe estas figuras — veem das profundas. . . Nos olhos da D. Penaricia ha claridades do inferno. Ganharam todas em fixidez e audacia. O sarcasmo não me chega á bocca, passou-me a vontade de rir.

Desapareceram seculos de paciencia e astucia, surgiram figuras novas. Para as comprehender pergunto a mim mesmo o que é isto embrulhado n'um chale, e não me atrevo a contemplal-o. Ridiculo e ferocidade? Uma coisa sem nome, producto do acaso ou uma coisa abjecta? Uma alma ou um resultado de formulas? Está aqui a D. Penaricia e a D. Eulalia ou Deus e o Diabo? Um mundo novo e um mundo atroz? Estão aqui perguntas vivas e respostas vivas:— Abra lá essa porta para traz!— Essa porta deita para a parte prohibida da vida. O mal, suspeitam-no, talvez seja a melhor parte da vida.— Abram lá essa porta para traz!— Não lhes parece que esperam ha annos, parece-lhes que esperam ha seculos, e tem alli deante de si estateladas, as cortezias que

fizeram á velha, — o pois sim que disseram á velha — os sorrisos com que sorriram á velha — as vontades que fizeram á vellia. São tragedias. Veem de muito longe, d'uma vida sem limites. Em cada uma se representa um drama atroz, o drama do interesse e do calculo, o drama da vida. Nuas, as velhas que estão na minha frente, são infinitas de grotesco e dor. Duram ha seculos. Ha seculos que teem paciencia para viver e para soffrer. A D. Penaricia mente desde os confins do mundo: representa gritos, mais gritos represados. É um poço donde só saem ais e mais ais. O difficil é a gente habituar-se a viver esta vida e a outra vida: carregar com este pezo desde o infinito e lidar e falar e viver. — Oh morte que tão bem cheiras!... — Bem sei, os seculos imprimiram-lhes dedadas, os seculos deformaram-nas... Mas agora estão aqui desesperos em frente de desesperos, e desatam a berrar umas ás outras:

— Tem paciencia, tem sempre paciencia. Doete? tem paciencia; amargas? tem paciencia...

— Todos os dias da vida, todos os dias da minha vida á espera da morte. Estou farta! estou farta de despejar bacios, de dizer que sim, de dizer a tudo que sim, de ser a sombra de mim mesma. Agora está aqui a vida. Esta vida e todas as vidas. É preciso que ella morra, e se não morre é preciso matal-a. Ouve senhor padre Ana-

nias, senhor padre unguento, senhor padre e as suas *comidelas*, senhor padre e o seu inferno?... Mentira! mentira! Eu propria era uma mentira. E só me aterra a ideia de acordar tarde, de acordar na morte, com a certeza de que era tudo mentira e só mentira...

Abrem as boccas desmedidas, fecham logo as boccas desmedidas.

— Bem vê que não posso mais. Eu que mentia não posso mais mentir. Como hei-de viver?

Cada bocca se abre no escuro como se fosse o abismo; as boccas falam por muitas boccas que não tem nada de humanas e que moem e remoem com escarneo e baba; por boccas franzidas só pelle e espuma; por boccas sem dentes; por boccas ascorosas que tentam ser boccas e que escorrem veneno; por boccas que se desesperam de ser boccas, para se fazerem ouvir.

— Tem paciencia, tem mais paciencia, tem paciencia por todos os seculos a vir...

Estão alli dispostas a morrer e a matar. Está alli um cordão de velhas como um cordão de sentinelas á porta do quarto da magestosa Theodora. Duas, ambas de quico, ambas de mitenes, ambas impenetraveis, trazem na algibeira o lenço com que hão-de amarrar-lhe os queixos. Todas esperam que ella se decida a *expedir*. Nenhuma abre o

bico, mas apalpam os vestidos como se trouxessem um punhal escondido. D'um lado as gulas exasperadas, a hora extrema—chamem o tabelião! chamem o tabelião!—o testamento, a sorte grande—emfim! emfim!—os chapens de plumas, o oiro mexido e remexido, as gavetas arrombadas, as salas de tapete, o vicio e o goso—do outro a vida nova, e todas as abjecções inutilizadas.

Ó morte que tão bem cheiras, aqui me tens para te servir. Como esta casa cheira bem! como cheira bem aqui dentro!—Ó morte que tão bem cheiras, tu dilues o travor de fel e acalmas a acidez da inveja. Resolves tudo, realisas tudo, os mais ignobeis pensamentos, as mais secretas aspirações, que nem a Deus se confiam, ó morte que tão bem cheiras!—E calcando a alma que se atreve, dizem compungidas, por habito secular:—Coitadinha já tem panella!...

Agora aguenta-te, magestosa Teodora! N'alguns minutos esse craneo obtuso com uma cuia em cima, tem de lutar com o crêr ou não crêr, com a vida antiga e a vida que antevê; tem de desfazer a unhasdas um edificio mais vasto que o Colysen e de deitar abaixo pedra a pedra todas as pedras que cimentou durante a existencia; tem de se entregar ao sonho sem capacidade para o sonho; e tem, ainda por cima, de esquecer as ins-

eripções e as decimas. Para escapar com vida, arrosta com a vida passada e com a vida futura. Tudo n'elle era imperativo. Decidia por uma vez: um passo, e é o inferno pela eternidade, o inferno com o sitio imovel, com o tormento da vista, com o tormento dos ouvidos. Escapar á morte é fugir á lei de Deus. — E d'um lado puxa por ella a vida, do outro puxa por ella o inferno — e as velhas lá fóra esperam e desesperam. Sente as labaredas do sitio imovel por a eternidade das eternidades; envolve-a, toca-a, engrandece-a tambem o sonho, e o inferno não cessa de reclamar-a, o inferno que foi o unico deus que temen n'esto valle de lagrimas. E esse debate esplendido n'uma alma estúpida, deixa vestigios profundos: aquellas raizes não se arrancam sem cavarem buracos. E as velhas lá fóra esperam, emquanto a magestosa Theodora desata aos gritos, balouçada — e com a cuia a desfazer-se-lhe — entre a realidade e o sonho, entre o inferno e a vida nova que começa. Mas como a estúpida vida de caldo e pão que levou antes de enriquecer, lhe deu fibra e character e não sei que de solido e amargo, a velha póde salvar-se, com um resto de chale e a cuia amolgada. A velha resiste, e ao abrir a porta exclama para o cordão das outras estupefactas:

— Atravessei viva o inferno. Agora nem do diabo tenho medo!

Estão aqui as outras velhas, as outras velhas todas, e tem-nas alli amarradas por quinhentos annos á mesma mesa de jogo. Tem alli a inveja, e a inveja esverdeada torce-se deante do olhar severo da magestosa Theodora, que lhe mata a fome. Está alli a paciencia, e a paciencia sorri deante da magestosa Theodora que lhe atira uma côdea. Está aqui a mesa de jogo projectada no infinito, com sêres que se não podem vêr e que tem de cohabitar acorrentados trezentos annos, quinhentos annos, com o coração cheio de morte. Ha occasiões em que vomitam as peores injurias; ás vezes torcem-se como quem não pode mais; ás vezes soltam ais sobre ais represos. — Jogo! — E a bisca segue pela eternidade fóra. — Corto! — Tambem eu atravessi o inferno! o inferno é isto! — E a magestosa Theodora parece calcinada pelo fogo do inferno. — Bisca!

— A inveja que eu te tenho! a inveja que eu te tive sempre! E tenho que sorrir para ti, de dizer a tudo que sim!

— Jogue!

— Então eu passei a minha vida a ter paciencia, á espera, passei-a a mentir e obedecer, e tu a mandares, e agora hei-de continuar a ser abjecta quinhentos annos, seiscentos annos?

— E eu! o pão que me deste amarguei-o sem-

pre. Cada dia que passava mais me sabia a zina-vre. Não te matei porque não pude!

— Corte!

— Tu não és mais do que eu!

— Ahi! Também eu, também eu tenho a dizer uma coisa. É que eu sabia bem tudo isto, ha que tempos que o sabia!... Mas não sei que era que me obrigava a fingir. Corto!

Salta laré, perirone, perirote! Começas enfim a comprehender que tanto faz! Começas enfim a comprehender que as tuas explicações, as tuas eternas explicações, as tuas theorias, e até a tua dôr — tudo é grotesco e inutil? De nada te servem já as palavras, os subterfugios, as formulas, ó meticoloso Elias, ó impoluto Melias — a outra coisa não nos dá treguas. Vira-nos e revira-nos. Mete-se como piolho em costura. Estamos todos a contas com questões insolúveis, com a questão das questões, com a questão suprema. Tudo o que estava n'um plano principal passou para um plano secundario. O meu direito prima sobre o teu direito... Óh agora não! agora não servem de nada os relatorios, as razões dispostas como formulas algebricas. O problema está aqui hirsurto, desalinhado e feroz. Salta laré, perirone, perirote! Se ella vive mais quinhentos annos lá se vae o dinheiro por agua abaixo. Peor: se ella remoça lá se vae o nosso credito na praça. Mas — per-

gunto — posso porventura deixal-a morrer quando está nas minhas mãos salvál-a? Não sou eu por acaso um homem de bem? Tu és um homem de bem, eu sou um homem de bem, nós somos todos homens de bem — depende das circunstancias. O problema impõe-nos uma solução immediata... Salvál-a sim, mas por quinhentos annos!? Está claro que o Elias de Mello é a honra personificada (basta reparar-lhe na risca ao meio, tão nitida, signal visivel da inflexibilidade de toda aquella existencia methodica); está claro tambem que o Melias de Mello não pode deixar ir a sua casa pela agua abaixo. Os paes são paes, mas deixam de ser paes se nos dão cabo de tudo — o da firma. Por outro lado ha a contar com o credito. Pensem n'isto, no credito. O credito pode perder-se d'um dia para o outro, e sem credito um homem não vale nada na praça. Meditem e atendam. Acima de tudo está o credito. Está talvez acima de Deus, ainda que a minha consciencia seja religiosa. Sem Deus ainda posso viver, sem credito não dou um passo na vida.

— Além da firma que nos resta na vida? Fóra da praça não existimos. Pense que logo, amanhã, hoje mesmo, a nossa mãe remocada deixa de sêr a nossa mãe. Que quer o mano fazer? que pode o mano fazer? Destruir por suas proprias mãos o nosso credito na praça?

Um defronte do outro abanam as respeitaveis cabeças, com calva e risca, com risca e calva, aquella distincção de porte e de vinco, aquella ponderação de estilo, aquella correcção de maneiras, aquella seriedade das seriedades, que a praça honra, que as firmas honram, que a Egreja honra, e de que até o proprio Deus do céu já está á espera com o palio meio aberto. A firma Elias & Melias tão correcta, com livros, ripolin nos caixilhos e nas almas, vê-se descascada até á medula e treme nos seus fundamentos. Está encalacrada. E o peor é que não são só elles que estão 'encalacrados, estamos todos encalacrados. Na verdade o que împorta não é o que tu me dizes: é o que eu digo a mim mesmo...

Pela primeira vez se exteriorisam no mundo não só as palavras que pronunciamos, mas as outras que estão por traz dessas palavras. Isto, é terrivel: é gaguez e espanto. Um d'elles ainda tenta: — Nossa veneravel mãe, nosso guia, nosso amparo e pharol... — mas acrescenta logo: — Deixemo-nos de palavriado! — O que tem de dizer um ao outro é temeroso. Não se atrevem. Ó Rinhe como tu rinhes com dôr, com desespero, n'uma forma pastosa, a que se misturam já palavras vivas, em lugar das phrases dos relatorios e dos bancos! Decerto te sentes bem no pegajoso, mas por traz não te dá treguas o impulso. Ne-

nhum ainda avança: — Temos de a deixar morrer... — Mas já elles, e nós tambem sabemos que temos de a deixar morrer, por todos os principios e mais um. Veneramol-a, é certo, dentro de determinadas bases — com risca e vinco, com vinco e risca — dentro da logica, dentro do interesse: venero-te, mas não me dês cabo da firma. E esta lucta entre a langonha e o impulso é dolorosa e grotesca.

— Enfim, digamos tudo, nós somos homens... Se lhe damos o remedio é uma rapariga de vinte annos, com todos os appetites e todos os perigos, é uma pessoa extranha que nos pode comer tudo. Nossa mãe morreu.

— Infelizmente morreu.

— É uma pessoa estranha, é uma pessoa que pode dar cabo da nossa casa, é uma pessoa que pode até contrahir segundo matrimonio. — E n'um grito:

— Se quer deixe-a viver! deixe-a viver!...

— É o diabo, mas nem eu nem o mano devemos sobrecarregar as nossas consciencias.

— Por isso mandei chamar o Felix procurador, que nos pode mostrar o caminho direito e recto. É nosso amigo e muito temente a Deus. Ah! o tem...

E a outra em baixo berra:

— Chamem os meus filhos! Acudam!

Agora não, D. Bibliotheca das Bibliothecas, já preparada com todos os requesitos e unguentos para o horror do nada! Agora não! Já tentaram desligar-te da vida com as palavras unetuosas do ritho e promessas de outra vida melhor. Que te resta? A vida eterna. Pôço p'ra a vida eterna! O que tu queres é esta vida, esta insignificancia e estes restos — e está aqui a morte inextorvel. Tanta saudade! tanto apêgo! Tudo te doe e do fundo d'essa miseria e d'essa pelle engelhada vem um gemido baixinho diante da figura tremenda que não sae de ao pé de ti... Ó carne putrefacta, como tu te apegas a um resquicio d'esperança, a um só que seja! O que te custa a largar o braço na fralda da camisa, o posticho de toda a tua existencia inutil, o alto da lista de subscriptores — tres tostões, seis tostões, um quartinho! Gastas-te, desgastas-te o que em ti havia de impeto e de vida. Recalcaste. Esqueceste. Por fóra a gente envelhece depressa. Por dentro custa muito desespero. Vem as horas de melancholia estúpida em que sentimos fugir a vida. Por força. Para a velhice, para a cova. E vem depois as lagrimas e as lagrimas cavam-nos mais fundo. E quando tudo enfim se preparava, quando tudo amollecia, surge-te a visão de uma nova existencia! Acordam as illusões já mortas, o pó põe-se de pé e cheira-lhe outra vez a vida — ó carne

fedorenta, ó carne já preparada para o manso-léo, com a gaveta aberta, latim e agua benta, dois involucros, um de mogno, outro de chumbo, e o picheleiro á espera ! E é nesta hora tremenda em que dás de cara com a vida postíça, em que reconheces que toda a tua vida foi um simulacro, com braço na fralda da camisa — que não te deixam recommençar nova vida. Tens de ten uma hora, meia hora, para olhares com outros olhos as coisas extraordinarias que te pareceram insignificantes, as coisas insignificantes que te pareceram consideraveis. Foste pôstíça e os outros pagam-te na mesma moeda. Até os teus filhos te pagam postíço com postíço, caridade com caridade. Ó carne fedorenta, ó carne já preparada e ensaccada para a cova, ó ascorosa carne putrefacta como estremeces até aos mais reconditos fundamentos ! Vem-te um cheiro aos narizes e um sabôr á bocca... Sobresalta-se a carne acalmada á força, com muitos ais, muita resignação, tanto de despeito, tanto de lagrimas e todos os requisitos indispensaveis, quando já não aguenta ripolin nem as tintas dão resultado... Hein filha, hein ? nova vida, novos dentes, nova carne, novo engodo !... E ahi os tens sem piedade na tua frente, inexhoraveis como o destino. Agora não Elias & Melias, agora não D. Bibliotheca das Bibliothecas, aqui estaes frente a frente com a

realidade e a morte. Salta laré, perirone, periroto!

— Não quero morrer! não me deixem morrer! Chamem os meus filhas, chamem toda a gente. Não me deixem morrer!

Todos os apetites, todas as sensações que pareciam extinctas, assobiam como viboras. Horas antes de morrer ainda essa mulher está tão intacta por dentro como aos vinte annos. Ninguém a pode conter. Quer saltar pela cama fora.

— Chamem os meus filhos! chamem os meus filhos!

Os filhos tentam dissuadi-la. Aquillo não passa d'uma estúpida invenção. Resultado — zero.

— Deixem-me ao menos experimentar.

— Chamem o D. Prior, chamem o D. Prior que lhe traga os Santissimos Oleos.

— Os meus filhos! os meus filhos!

Emquanto o D. Prior não chega, os filhos discutem, o respeitavel Elias de Mello, o escrupuloso Melias de Mello. E em baixo sempre o mesmo grito:

— Os meus filhos! os meus filhos!

Um d'elles livido exclama:

— Isto é um escandalo. Pode ouvir-se lá fóra.

E o outro repete:

— Já mandei chamar o Felix procurador para nos aconselhar.

Reclamam-no, porque já sabem que o conselho que lhes vae dar é conforme aos seus interesses. Ambos precisam de alguém com quem dividir as responsabilidades.

O grito em baixo não cessa:

— Deem-me o remedio! deem-me o remedio!
Acudam-me!

— Sim — mastiga um d'elles que tem palavrado até á medula — se o mano quer dá-se-lhe o remedio. Mas, já sabe, é contra os nossos principios, é contra a lei de Deus em que fomos creados. A nossa casa é uma casa respeitavel. E depois mano, que escandalo! Nenhum de nós quer que a nossa mãe morra...

Esta manha! O que o Felix procurador com setenta annos, tem ouvido, sempre indifferente, sempre calado, sempre respeitoso — V. Ex.^a, Ex.^{mo} Senhor... — Os segredos de todas as casas ricas, os interesses, os testamentos, as mortes, os cercos ao dinheiro alheio, tudo consta do papel armazenado por datas no escriptorio, cheio de escarros e de pó, com uma pintura allegorica de Marte no tecto. Fala pouco, sorri. É calado como um tumulo. Está rico — está aqui está morto. E todas as infamias teem passado por elle, entranhando-lhe até á alma a mesma poeira que alastra sobre a papelada escrupulosa, com selos de Estado, do seu escriptorio. Olha-os e sabe logo o que ha-de dizer:

— Os Ex.^{mos} senhores sabem a minha opinião. Uma casa respeitavel não pode estar á mercê d'um charlatão. Vou falar á Ex.^{ma} senhora. E mandem já chamar os socorros da nossa santa religião.

Mas a Ex.^{ma} senhora nem o quer ouvir. O que ella exprime por palavras, pelo olhar, pelos gestos, é a aneia de viver.

— Não, não. Tirem-me para lá esse homem. O que eu quero é viver.

Vê no ultimo desespero aquella face estúpida dizer-lhe coisas grotescas :

— Ó minha senhora cheguemo-nos á razão. Seja razoavel.

— Quero viver.

— Temos em primeiro logar a Igreja. Apelo para os seus sentimentos religiosos, que os teve sempre, e deante dos quaes me eurvo respeitosa-mente. Apelo...

— Quero viver!

— Segundo lembro a V. Ex.^a que tem sido até agora mãe extremosa dos seus filhos. Se volta aos vinte annos, pergunto respeitosa-mente a V. Ex.^a, Ex.^{ma} senhora, que é que V. Ex.^a é aos seus filhos?

— Quero viver!

— Perdão minha senhora! Esta fortuna tão bem administrada pelo casal de que tenho sido

bastante procurador a que não irá enfim parar? Peço-lhe que reflecta. Peço-lhe que se submeta. Lembro-lhe que estão alli fóra seus respeitaveis filhos snbjugados pela dôr, lembro-lhe a sociedade, e atrevo-me a lembrar-lhe que não tarda ali o D. Prior.

Um fio, falta só um fio, e ainda aquella figura grotesca se debruça para lhe dizer:—V. Ex.^a...

—Ó minha senhora, uma pessoa tão religiosa, uma pessoa que sempre se conduziu segundo os ditames da Santa Madre Egreja... Não tarda ali o D. Prior.

—Acudam-me! acudam-me! Quero viver e vocês querem-me matar. Dou-lhes tudo e deixem-me viver. O que eu quero é viver!

—Fechem as portas.

—E eu grito que me querem matar. Os meus filhos é que me querem matar.—E supplicas, gemidos:—E a vida é tão linda!

—Eu não posso ouvir isto!—diz o severo, o honrado Melias de Mello, com a calva arripiada. O que elle não pode na realidade ouvir são os gritos que chegam á rua. Só esses.

—Fechem as portas! fechem as janeias! fechem tudo!

Tem forças para saltar da cama, para se arrastar até á porta, e toda a noite no casarão echoam gritos.

—Não quero morrer! não quero morrer!

Os dois sucumbem e tapam os ouvidos, fechados no sotão, com o procurador ao lado dizendo phrases, mais phrases—que teem o sêllo do Estado, o cunho da regra, e veem no *Diario do Governo*. Pouco e ponco, á medida que os gritos decrescem, vão-se aproximando da porta, atrahidos, arrastados, até que cessam de todo. Morreu—custou-lhe.

—Está no cen—conclue com decisão o procurador.—E metem-na na cama.

Foi um dos ultimos enterros da villa e dos mais concorridos pelas pessoas de bem. Custou a arrancar os filhos de cima do caixão. Acompanhamol-os na sua dôr.

Alguns suicidios, dois ou tres envenenamentos. E a estas, a outras scenas, juntem a voz do Santo, que echoa do alto dos montes como a voz d'um propheta. A villa bate o queixo de terror. O Santo sahin para a rua e prega á canalha. Era um typo orgulhoso da sua humildade.— Talvez ser santo seja ter orgulho as avessas. Cheiron as velhas, sacudin as velhos e atirou com as velhas para a rua.

Desprezon tudo—inveja tudo. Sente uma inveja sordida. Perden a vida em simulacros—agarrase com desespero á vida. Suponham que este

homem ainda pela manhã sahiu de casa com as formulas bem escovadas; suponha que, depois de dar cara a cara com todas as interrogações e todas as duvidas ao mesmo tempo e á mesma hora, se vê bicho em frente de bichos, que crê e deixar de crê tudo se realisou no mesmo instante, e que a sua figura é rodeada até ao infinito da sua propria figura, olhando-o no fundo dos olhos e até ao fundo da alma. Tudo o que desprezou, tudo o que calçou, tudo o que arredou, é que era a vida; tudo para que viveu, tudo para o que gritou, tudo para o que sofreu, não existe. Mais rancor e inveja... A esse homem quesilento passou-lhe a necessidade de ter uma côrte de idiotas. Organisa a espionagem. Sabe pelas creadas tudo o que se passa nas casas. Cata todas as consciencias. Uma enxerga basta-lhe, chega-lhe um pedaço de pão, com tanto que o temam e domine. Não se dá um passo na villa que não lhe chegue aos ouvidos: os vicios, os grotescos, as infamias, sabe tudo. É um ouvido á escuta. E essa inquisição, essa espionagem, alvoroça a villa que não dorme. Até agora sabia-se tudo — calava-se tudo. Por um acordo tacito uma parte da nossa vida era reservada e secreta. Quando muito contava-se de ouvido para ouvido. Agora os segredos das alcovas, os escandalos, as torpezas, os adulterios, são clamados de noite, do alto dos montes, sobre os

telhados da villa. O som cavo, transmitido por buzinas, echôa e prolonga-se como a voz da catastrophe.—Fulano dorme com fulana.—Escandalo.—Sicrano roubou os tutelados.—Infamia.—Tem cuidado com a tua mulher...—Grotresco. A villa não dorme, a villa agacha-se passada de terror, cada um á espera da sua vez. Debalde tapa os ouvidos. As Tinocas já reduziram tres quintas a numerario, ha tres dias que as Peixotos teem a prata enterrada na adega com mêdo a um saque.

13 DE MAIO.

Lá vae a Telles, e a D. Restituta—lá vae a mulher da esfrega empurrando o farrapo monstruoso que se agita na noite... A sombra e a mulher da esfrega, o espanto e a mulher da esfrega, o sonho doirado de grandes azas esfarrapadas no negrume e as mãos encortiçadas de lavar a loiça, a vida phrenetica e a vida humilde. Uma bocca enorme d'um lado, a voz da Joanna do outro, sentimentos cahoticos impossiveis de traduzir em palavras, o que exprime a natureza impulsiva, o que responde uma creatura agarrada á ideia do sacrificio.— Anda para deante. Estupida! estúpida! — A bondade entranhou-se-lhe até ao amago.

Caminha ao lado da D. Restituta, que atravessou a vida com o guarda-chuva incolume e que faz gestos desordenados no escuro:

— Acuso! acuso! acuso!

— Senhora D. Restituta...

A senhora D. Restituta está cheia de lama. Tem a penna do quico partida: é uma figura feita com tres traços de tinta e algumas manchas de desespero. O sonho doira-a, esfarrapa-a também. A penna em frangalhos agita-se como um pendão de revolta, esgarçado e chamuscado. Todas as vontades a compeliram e a esmagaram — quer retomar a forma primitiva. Dir-se-hia que cresce na noite, e que a sua bocca é uma bocarra cada vez maior, para prégar, para açular, para vomitar injurias. Sómente não emite outro som senão este: — Acuso! — a velha gasta, a velha inutil, a D. Restituta da Piedade Sardinha.

— Senhora D. Restituta...

A outra não vê, não ouve, não mexe.

— Minha senhora...

— Acuso!

— ... para o que se vive n'este mundo não paga a pena ruindades.

Debalde a Joanna lhe fala. Resta deante do sonho com a mandibula despegada e o velho guarda-chuva que conserva intacto desde a sua primeira virgindade — teve duas — metido debaixo

do braço. Nem uma nem outra entendem aquillo. Uma empurra, afasta de si o sonho com as mãos de lavar a loiça, a outra com as mãos pacientes, as mãos diaphanas da mentira. Tem feito sempre todas as vontades, e se a figura um momento se engrandece, amarfanha-se logo, como um trapo suspenso que se deixa cahir ao chão.

— Acuso! acuso! acuso! Um repelão — mete para dentro! uma vergonha mete p'r'o sacco! desprezo, escrupulo, fome — mete tudo p'r'o sacco! Para um sacco sem fundo. Passei tudo, passei mortes para o poder crear e nunca pude dizer que tinha um filho. Para o crear, para o poder crear nunca pude vêr o meu filho. Meti tudo p'r'o sacco, sem poder abrir bico, senão matavam-me á fome... E nunca pude vêr o meu filho, senão matavam-me á fome. Criei-o longe para o poder crear, criei-o como pude, de vergonha, de restos, de codeas, de dizer a tudo que sim. E este filho! este filho que nunca pude vêr, vi-o agora! Este filho que criei de mentira, este filho que criei d'abjecção, sem nunca o poder vêr, vi-o agora! Este filho que tinha sonhado ás escondidas, com a bocca tapada para não gritar: Tenho um filho, tambem tenho um filho! — vi-o! vi-o! vi-o! Meti tudo p'r'o sacco! meti o diabo no sacco! Só a noite me ficava livre para sonhar com elle, para o vêr rico, para o vêr como os filhos das outras... Aqui

está a Restituta que é idiota, aqui está a Restituta que é um poço sem fundo. Deante d'ella pode dizer-se tudo, a Restituta serve para tudo, a Restituta mete tudo para o sacco. Cala-se que é o que lhe vale—mete a viola no sacco. Só a Restituta sabe o que se passa, o que está no prégo e o que está no fundo das almas. Calei tudo, disse a tudo que sim para o poder crear. Mete p'r'o sacco! mete tudo p'r'o sacco! mete a viola no sacco! —E n'um crescendo de desespero: — Acuso! acuso! acuso!

Debate-se n'una cogitação a que não suporta o pezo. É como se pela primeira vez dêsse com a vida e quizesse atalhar a vida. Tudo para a Joanna muda tambem de expressão: a desgraça muda de expressão, a filha muda de expressão. E o sonho envolve-a, deforma-a, besunta-a. Sente-se-lhe o ranger dos gorgomilos.

A dôr descarna-a e redul-a ás linhas principais, á sêca realidade. Um ulular de tempestade, e tudo quieto. Nunca o concavo se concentrou em maior serenidade. Gritos, um desabar monstruoso, e este sêr abjecto, que, como uma coisa que andou a rasto por todos os sitios suspeitos, não tem fórma nem côr: tem cheiro, e dois olhos de tanto pasmo que fazem aflição. Desapareceu tudo: ficou a velha, ficou a desgraça aos tropeções pela vida fóra.

É como se tivessem metido a dôr dentro de um sacco e déssem com elle pelas paredes.

Aqui estão a mulher da esfrega e a desgraça que tem os seus direitos e não os perde nem transige. Não a larga tambem o sonho. Agora é que ella destinge todo o doirado e toda a agua de lavar a louça. Agora é que ella ouve uma bocca enorme falar no escuro, e queda-se atonita e confusa feita trapo e horror.

—Para que é que vocemecê me ereou?

Um soluço, um ranger d'arvore que se deita abaixo, um estalido de cruz que não suporta o pezo.

—Antes vocemecê me tivesse esganado ao parir. O que eu tenho chorado!

—Anh!...

—Olhe p'ra mim! olhe p'ra mim!

É um sêr diferente, um sêr aparte, que a Joanna vê pela primeira vez. Como pôde creal-o aos seus peitos? Crear vida é erear um grito que não se extingue? que nunca mais se cala? Sempre o mesmo grito:—Para o que tu me creaste! para o que tu me creaste!—Juntem a isto o esearneo e todas as vózes que lhe pregam:—Estupida! estúpida! Toda a gente se ri de ti!—Andou nas mãos dos ladrões.—Rouba! rouba!...—E aperta nas mãos uma chave, um pedaço de ferro gasto e polido como o aço, que entranha na pelle, para que lha não tirem. Um gemido lucha com

uma risada e tenta subir mais alto, cada vez mais alto... Juntem a isto que a Joanna quer ser má e não pode, e misturem a isto humildade. Aqueceu a vida a bafo. Incutiram-lhe para sempre a subordinação, só lá tem dentro ternura. Faz o gesto de quem tenta abrir uma porta; quer levantar a cabeça, mas tanto tem obedecido que curva logo a cabeça. Ridículo sobre ridículo.

Agora vejo a figura, vejo-a agora completa. Pouco e pouco tomou relevo, tornou-se humana. Sumiu-se a velha tonta, caldeou-a a desgraça. Á força de gritos represados obsidia-me. Engrandece-a a mentira e a dôr. E aquillo persegue-a, encarna-se sobre a velha tropega, n'um espectáculo ao mesmo tempo desmedido e reles. A velha d'um lado, do outro a grande sombra tragica que subverteu o mundo; o escantilhão sôfrego, e o gesto que a mulher da esfrega faz para o afastar de si. Ao mesmo tempo a alma dorida, a ternura que a não larga, e o contacto feroz que não explica e a que sente o pezo. Atormenta-a, sufoca-a, e como não pode mais, como não comprehende—não consegue—e como aquillo se encarna, a Joanna mostra-lhe as mãos enormes, as mãos roídas, as mãos só dôr...

Tem as mãos como cepos.

31 DE MAIO.

Donde emerge esta figura encharcada de lama, menos a sombrinha, que, apesar da dôr, conseguiu atravessar incolume todos os solavaneos? A que se atreve depois de ver o filho? Cheguei a ter a visão nitida da montanha de pó acumulada sobre ella, e do desespero immenso para a romper.

Sabe tudo, vae dizer tudo. Tem alli as cauetellas do prego e a malinha de mão onde levava escondidos, a enterrar, os fetos da D. Engracia; só ella pode desvendar os vicios ocultos e o sitio onde a D. Bibliotheca tinha a sua fistula. Conhece as miserias e os segredos das familias correctas. Vae enfim dizer tudo, quando lhe surge o filho que não via ha annos. Eil-o creado de orgulho e de codeas. Submete-se logo, mais coçada e mais gasta, diante d'aquella obra prima real e tangivel.—Pois sim, pois sim...—Ahi tens tu o o teu sonho alimentado de codeas e transformado em realidade. Ahi está patente o sonho que sonhaste com inveja, o sonho que sonhaste com fel, aos ais, com a bocca tapada, o sonho feito de farrapos, que occultaste de toda a gente para poder viver. Ahi está patente, á luz do sol, como os sonhos dos outros, de ambição e de imperio, o sonho que ninguem viu sonhar, e que susten-

taste á custa da tua propria alma — ó Restituta da Piedade Sardinha!

... — Sejam os logicos mãe — diz elle — na vida é preciso ser logico. A mãe creou-me escondido, eu, por meu lado, disse sempre que não tinha mãe. Não hei-de agora que vou casar apresental-a: — «Aqui está a minha mãe que me creou de esmolas, que me creou escondido».

— Tens razão, filho.

— É que eu sou logico. Eu agora não hei-de dizer que sou seu filho. Estrago tudo, deito tudo a perder, se appareço com uma mãe que nunca foi minha mãe.

— Tens razão.

— O que é preciso é que a mãe desapareça. O que é preciso é que a mãe, que tem sido logica deixando-me fazer carreira, não estrague agora tudo. Sem mãe caso rico. Caso com a filha do conselheiro Barata. Até agora podia escondel-a, minha mãe, agora é impossivel. Quem soube sacrificar-se para me engrandecer, deve continuar a sacrificar-se. Não lhe peço mais nada: desapareça.

— Desappareço.

— Oh minha mãe, entendamos. Eu não a repilo. Respeito-a até. Quem me dera andar a passear comsigo, mostral-a a toda a gente, ir comsigo ao Paço! Mas se não eazo, fico pobre toda a minha vida e ninguem faz caso de mim. Despre-

zam-me. Não entro na politica. Se me queria pobre a seu lado, tivesse-me sempre a seu lado.

—Tens razão.

—É o ultimo sacrificio que lhe peço. Quem se tem sacrificado tanto, tem obrigação de se sacrificar mais uma vez. Creou-me, não lhe exijo mais nada.

—Tens razão, filho.

Ella propria tem por aquella obra monumental de egoismo, o respeito que teve sempre por as pessoas consideraveis. Está alli na sua frente de chapéu lustroso e luvas esticadas. Acrescentem a isto amor. Levou annos a creal-o escondido, e revê-se embevecida nos cartões em que elle assigna Monfalcão dos Monfalcões (Sardinha). De resto não lhe custa nada desaparecer. Não lhe custa mesmo nada. É mais uma ordem a cumprir. Obedece. Obedece, como obedeceu sempre a D. Hermengarda, á D. Theodora, á D. Herminia, como obedeceu a todas as pessoas ricas e de consideração, como obedeceu á vida que fez d'ella um trapo. Apenas um minuto e esse minuto chega. Um minuto e mais nada. Nesse minuto a figura contrahida reconhece a figura de trapos e de restos. Nesse unico minuto de duvida a D. Restituta vive mil annos e um dia e concentra-se em horror e desespero. É o minuto supremo em que a velha Pois Sim se sente arras-

tada ao céu e ao inferno, ouve vozes que falam ao mesmo tempo, e ella mesmo pronuncia palavras que nunca ousou pronunciar, nem mesmo no recanto mais obscuro da sua alma. — Vi-o! vi-o! vi-o! — Salta laré, perirone perirote!... A sacudidela de revolta extingue-se, sae da lucta exhausta, com todo o pezo da montanha em cima, diminuida, reduzida outra vez a pois sim... Esses minutos que passou só e contemplando a ruina de toda a sua vida foram amargos como fel. — Mete o diabo no sacco! — Tão cansada e tão gasta que nem as feições lhe reconheço; tão amarga e tão ridicula, tão pois sim, que da D. Restituta só resta uma expressão de dôr, de dôr mutilada a dizer que sim, sempre que sim — a dizer a tudo que sim.

Depõe a sombrinha imaculada no sitio do costume, aberta para a poupar, e, depois de lhe limpar com extremos de cuidado uma nodoa na ponteira, senta-se á mesa e escreve:

« *Ultimos conselhos d'uma mãe a seu filho.* — Filho, fui eu que te eriei. Sustentei-te de restos, de pobreza, de humildade. Só pensei em ti: tens, portanto, obrigação de ouvir os ultimos conselhos que te don. Olha que és o meu filho, o filho que eriei de dia, de noite, de fome, de obediencia e de sonho amargo. Criei-te para que podesses um dia pertencer ás classes elevadas. Por isso sofri,

para isso sonhei, para isso desapareço, agora que cumpri o meu destino.

Filho: mente. Às pessoas ricas é preciso mentir sempre e dizer sempre que sim. Deve-se-lhes consideração, deve-se-lhes obediencia. Nunca te lighes com os pobres. Para pobres bastamos nós. A pobreza pega-se, não ha nada no mundo peor que a pobreza. Tem cuidado com a lingua. Pela bocca morre o peixe. Nunca digas o que sentes: o que a gente sente é sempre uma inconveniencia. Ha pessoas que dizem:—Eu gosto que me contradigam.—Foge d'ellas como o diabo da cruz. O que toda a gente quer é que os outros sejam da sua opinião. Só os ricos teem direito de contradizer os pobres. Um pobre não deve ter opinião. Guarda as conveniencias, acima de tudo guarda as conveniencias.

O mundo antigo tinha muito de bom; sabendo-se ser agradavel arranjava-se lá um cantinho. A morte é indispensavel para as pessoas herdarem, e para nos dias de luto se desanojarem os ricos. Foge do pecado. Sê religioso e temento a Deus. Nunca digas mal de ninguem. E habitua-te filho, habitua-te que é o grande segredo da vida. Habitua-te a cumprir os teus deveres para com a sociedade. O dever acima de tudo, o dever de te subordinares para que te não queiram mal. Não te esqueças tambem dos pequenos deveres

de cortezia. Não te esqueças de que no dia vinte de julho faz annos o teu padrinho, nem de deixares cartões de visita ás pessoas respeitaveis. Ha-as que fingem que não reparam n'essas coisas. São as peores, são as que reparam mais. Respeita. Respeita a lei, os superiores, a Igreja, os ricos. N'um caso grave da tua vida chega-te ao pé do conselheiro Pimenta e diz-lhe com humildade: — Eu sou filho da Restituta que era prima de V. Ex.^a — E mais nada. Não sejas causa de desordem nem de escandalo. Fala baixinho, e mente, filho, mentir não custa nada. Nunca digas a verdade porque pode vir a saber-se. Dens nos livre da verdade. Mente para seres agradavel aos outros e a ti mesmo. E sobretudo, repito-te, diz sempre que sim. Não custa nada dizer que sim, dizer a tudo que sim, dizer sempre que sim. Tua mãe, *Restituta da Piedade Sardinha* ».

Balouça ao vento, a nma restea de luar, pendurado n'uma corda, o cadaver da D. Restituta, que parece dizer pela ultima vez que sim — para que o filho possa casar com a filha do conselheiro Barata. Balouça ao vento n'um sexto andar — esquerdo. Morre ignorada e desconhecida quem toda a vida viven de codeas, para lhe assegurar o futuro e a assignatura com braço e elmo, Monfalcão dos Monfalcões (Sardinha). Da mão crispa-da ninguem lhe arranca a photographia de quan-

do elle era pequeno, com o fardamento da *Escola Academica*, como um guarda-portão em miniatura. A sombrinha lá está aberta ao lado da cama, por causa da humidade, e pela janela, aberta sobre o luar, veem-se os montes onde o Santo colerico não cessa de latir injurias sobre a villa agachada de terror.

NOVAS MAXIMAS

18 DE JUNHO.

SE Deus não existe e a outra vida não existe — se disponho só d'esta vida, os deveres que tenho a cumprir são apenas os do instincto. Só tenho deveres enquanto não me pezam. Não te deixes iludir.

Era sempre com secreta irritação que eu fazia o bem. O bem contraria. Fugi sempre a este problema... Era sempre n'um impulso de paixão — e com todo o meu sêr, que eu fazia o mal. O sacrificio, a piedade, a bondade só teem logar no mundo como culturas artificiaes.

Repete isto: a bondade é um sentimento falso e o mais artificial de todos os sentimentos.

O mal é uma prova de saude. Até o povo

diz que os bons são os que Deus léva primeiro.

Ah sim, a ironia... Ha de te servir agora de muito a ironia!

O dever acabou, o estúpido dever, o dever que me dominava a vida com um pezo de chumbo, o dever de fazer todos os dias as mesmas coisas inúteis. Respiro.

Sim, a amizade... Falemos aqui baixinho um com o outro. Essa amizade era o meu interesse ou o teu interesse. Dominavas-me ou dominava-te. Passei annos sob esse jugo, e agora descubro com alegria que te detesto. Detestei-te sempre.

Odeio-te porque vales mais do que eu; odeio-te porque podes mais do que eu.

Assistir á ruina dos nossos amigos é talvez melhor do que assistir á ruina dos nossos inimigos.

Agora Deus é um deus amorpho e prestavel. Cada um faz d'elle o que quer: está por tudo. É um deus commodo. Para os pobres é necessario inventar outro deus, um deus que não tenha

onde cahir morto e que lhes prometa, como compensação, o outro mundo: «É mais facil un camello entrar pelo fundo d'uma agulha que um rico no reino dos céos», etc.

Eu sou a unica consciencia n'esta barafunda cega e sofrega.

Ha que tempos que eu sabia que tu não existias. Restava-me certo medo, não sei que receio indefinido e vago. Esse pudor desapareceu.

O adulterio é uma questão de theatro.

Acaba de tirar a mascara. Arranca de vez a mascara... A mulher honesta só tem deveres a cumprir; a outra atirou com o fardo pela borda fóra e afronta-a. Põe-nos á vontade. Com ella avançamos e regressamos: é a besta e a mulher de luxo. Até agora a ideia religiosa constrangia a mulher dentro do que chamamos os seus deveres. Só a mulher christã póde lutar com o instineto e venceel-o... Sê logico e pratico: para maior commodidade exige para ti a liberdade de consciencia e mantem-na a ella dentro de ideias absurdas.

Temos de fabricar novas leis. As que estam

já não teem serventia: falta-lhes consistencia. Uma lei só tem acção interior enquanto é religiosa. Já ha muito que ninguem acredita nas leis, mantemol-as como defeza da sociedade. Ah, mas então acabemos de vez com a hypocrisia... Façamos leis para as classes superiores, e leis para as classes inferiores — leis para os pobres e leis para os ricos. As leis modificam-se com as consciencias, e as consciencias modificaram-se.

Roubar já se não chama roubar. Este homem que comanda uma frota da Bahia a Tunis, é um financeiro e um poeta. Faz a fome e a fartura. Arruina um povo — e enriquece. Uma revolução dois, tres navios vão pelos ares... Mais negocio, melhor negocio. Este medico, este advogado, este honrado commerciante, exploram-te. Enriquecem. Desçamos na escala: alli á esquina levam-te a carteira com uma nota de dez mil reis. A isto é que se chama roubar.

Não percas a consideração. É o que ninguem te perdôa. Conserva as apparencias. É o que exigem de nós. Respeita a formula. A formula é o principal.

Não hesitemos em modificar a educação. Tudo o que fizermos n'outro sentido é perigoso. Pobres educam-se como pobres, ricos educam-se como

ricos. Formemos classes—as de cima e as de baixo. O problema da educação é um problema capital.

O corpo medico tambem evolucionou. A sua grande missão consiste em matar, em suprimir os syphiliticos, os paranoicos, os tuberculosos, todos os que constituem um perigo para a humanidade futura.

O futuro ha-de dividir a historia em tres periodos:—o dos senhores; o da Igreja que manteve os desgraçados na subordinação, prometendo-lhes o reino dos céos;—o dos escravos...

O amor é um unico minuto. Um minuto esplendido. O resto é habito, palavras, hesitações, trampolince, livros de capa amarella...

O super-homem refastelou-se emfim na vida. É um typo louro, eloquente e prespicaz. (As pessoas honestas conhecem-se logo pela falta de ironia e pelo coçado...) Tem deante de si seculos de existencia—e aborrece-se. Tal horror ao nada que — para viver ainda mais — alimenta-se de codeas. Todo o esforço lhe parece vão, tudo lhe parece fálho de nexo: só os charlatães teem ainda algum dominio sobre elle. Imponentes creados do

farda servem-lhe dois pedaços de pão na baixella armoreada: come-os devagarinho—e, para não pensar, para não scismar, toda a noite lê romances de Gaborien, onde o mesmo policia persegue o mesmo gatuno, onde o mesmo gatuno foge sempre ao mesmo policia.

A vida modifica-se n'outro sentido. Falta ternura ao mundo. Acabou a piedade que provinha de nos sentir-mos transitorios e o egoismo redobra. Os ouvidos cerraram-se de todo á desgraça. A base da existencia é um calculo. As manias engrandeceram. Acabou o anôr, e a mulher é um mero animal de presa. O drama do trape assume proporções de tragedia. Sobre as taboas e os muros só se leem cartazes de unguentos, pilulas, remedios secretos ou machinas de escrever. Todas as florestas se converteram emfim em papeis, jornaes, *Seculos*; todas as aves do ceu em chapéus de mulher.

Muitos prefeririam voltar para traz, para a toca comoda da mentira e de habite, a que á força d'uso desgastaram as arestas. Não podem. Olham direitos para o sonho. Estavam habituados a tiral-o de longe a longe, a medo e a furto, d'um fundo recondito, para só viverem n'esse instante supremo. Agora expõem-no ao sol. Outros tinham acabado per supertar o que se chama a felicidade

conjugal, o habito de se dizerem anno atraz d'anno as mesmas ninharias, no relento suspeito da mesma cama, e de se adaptarem tolerando-se. Alguns chegavam a julgar-se felizes... Atiram-se a infamia, o deboche, o tédio e o o nojo, como farrapos que de si proprios arrancassem, e partem cada um para seu lado, livres e fartos de mentira.

Na pequena vila já havia, como em todas as almas, um Robespierre, um cadafalso, um Shylock interior, odios, ganancia e uma serigaita a cantar. O quinhão é igual para todos — o que pode é estar sepultado. A questão era de proporções: os valores já não estão na mesma escala. Desapareceu o ridiculo. Pensem n'isto: desapareceu o ridiculo.

Tu luctas contra esta figura que dentro de ti te impele; — tu queres fugir de ti proprio, queres separar-te de ti mesmo, e não podes. Só consegues, á custa de esforços desesperados, manteres-te dentro da formula ou da mascara que escolheste, e arredar o crime e a loucura, e fingir e sorrir; tu podeste iludir o phantasma, seguindo pelo caminho trilhado. Iludiste os outros e a ti proprio te iludiste. Agora não. Agora sentes-te capaz de tudo. As grandes sombras que te entravaram a vida, eil-as reduzidas a dois punhados de cinza.

Valia a pena a lucta? O homem é sempre a mesma lama, os mesmos despeitos e os mesmos rancôres, com resquícios d'oiro á mistura. O que pode fazer é dominal-os. Mas são sempre da lucta esfarrapado e perguntando a si mesmo baixinho: — Valeu a pena? valeu a pena? — Depois que se venceu que lhe resta? Elle e o vacuo, elle e a saudade da lama que fazia parte integrante do seu sêr. Ficou diminuido. A espuma tambem tem os seus direitos. Tudo se lhe figura agora sob novo aspecto, e surprehende-se a rir de si mesmo. Bem vê a insignificancia tem de durar mil annos, a vulgaridade e a ternura tem seculos deante de si, de forma que tanto vale a ternura como a vulgaridade, tanto me pesa uma como a outra. Abafo. Tenho de durar mil annos, tenho de durar dois mil annos, tenho estas coisas deante de mim hoje, amanhã, sempre. É escusado luctar. Enquanto era a razão que mo guiava, andava ás apalpadelas: agora é o inconsciente e cessaram de todo as duvidas.

23 DE JUNHO.

Todos nós pelo pensamento somos capazes de hecatombes. Detinha-nos a vida artificial, uma architectura mais temerosa que todas as cathedraes do globo postas umas em cima das outras.

Se me esqueço o meu pensamento disforme deita-se logo a caminho...

Vejo-o caminhar e não o posso deter. Por mais esforços que faça não o posso deter. É como se eu creasse figuras, que se puzessem logo a caminho. Todos os phantasmas se dissolviam á luz da madrugada. Agora estas figuras teem de cumprir um destino. E pergunto a mim mesmo baixinho se na verdade eu não desejo que avancem um passo—e outro passo ainda...

Tinha medo de aparecer no outro mundo deformado e grotesco, e agora tanto faz entrar na morte repulsivo, como transfigurado e só dôr.

Olhava estè momento que ia desaparecer, com saudade—porque nunca mais se repetiria no mundo. Nunca mais outro segundo igual nem na luz, nem vibração, nem na ternura... O momento em que me sorriste, balouçado entre o nada e o nada, nunca mais se tornaria a repetir, identico e completo, em todos os seculos a vir! Estava alli a morte—está aqui a vida. Agora pergunto a mim mesmo se te deixo morrer; e a pergunta obsidia-me e exige resposta imediata. Sei tudo, tudo o que me podes dizer—já eu o disse a mim proprio. Até hoje falava a alguma coisa que me

ouvira, hoje só interrogo a mudez, só a mim mesmo me interrogo.

Ha entre as figuras que compõem o meu ser, duas encarnicadas uma contra a outra. Ha uma que crê, outra que não crê. Ha uma capaz de todas as cobardias, outra capaz de todas as audacias. Ha uma prompta para todos os rasgos e outra que a observa e comenta.

Mas ha entre as figuras que compõem o meu ser, uma que está calada. É a peor. Olha para mim e basta olhar para mim para que eu estremeça.—Por muito que me accuses, já eu me tenho accusado muito mais!

Olhas-me e eu estremeço. A sofregidão dos teus olhos, a sofreguidão verde dos teus olhos, que me reclamam como um abysmo de dôr e de espanto onde encontro enfim a vida!

Se te quizesse descrever, não te podia descrever. Sei que me pertences e que te pertenco.

Talvez as almas fossem mal conduzidas, talvez já adivinhassemos o universo e depois o esquecemos. Creio que se não complicassemos a vida e a dirigissemos n'outro sentido, presenti-

riamos tudo e resolveríamos tudo. Ha em todas as existencias alguns segundos em que sentimos o contacto do mysterio—de que nos separam logo leguas de impenetrabilidade.

Alguma coisa porem se interessa pela minha dôr. Todas as noites grito, todas as noites sufoco os gritos. Todas as noites me debato com o mesmo problema e a mesma angustia. E ha uma coisa que assiste a este spectaculo e se interessa, que cada vez me mergulha mais fundo para que eu me despedace—e se interessa...

CÉO E INFERNO

23 DE JUNHO.

COMO as velhas engrandecem, novas por fóra; seccas por dentro! Estão aqui todas, estão aqui todas, no céo e no inferno. Aqui está a D. Pavôa deante d'esta ideia: — Não ha Deus nenhum! — Aqui está a D. Pavôa, da Acção Catholica, que exclama estupefacta: — Mas este Deus eriei-o eu da melhor e da peor parte do meu sêr! — E de-tem-se diante de si mesma, para arremeter, primeiro com espanto, depois com colera, aos pontapés ás teias d'aranha, aos trapos, ao absurdo, que foram a razão da sua existencia. Aqui estão todos como feras. Respira-se. Aqui está o homem que atiron com o fardo pela borda fóra, aqui estão as phrases, aqui estão os honrados comerciantes, os impolutos magistrados, aqui estão as forças nuas, de dentes arreganhados. Aqui está o juiz, que dormia com a mulher e a creada, frente

a frente com os ladrões que condemnou no tribunal. Aqui está a D. Soberba e a D. Pelintrice. Aqui está o honrado Elias de Mello, sem a camada de respeitabilidade de que se revestiam certos bichos. Eis aqui o escrupulo, a firma, a honra, o credito, o respeitavel Elias de Mello, que a si proprio se venera e usa a cabeça como quem traz um resplendor, a maxima regra, o maximo azeio, a pontualidade, a risca ao lado, a escripturação por partidas dobradas. Olhem que isto de a gente se preparar toda a vida para um altar e perceber que não vale um pataco, não é brincadeira nenhuma! Aqui está este homem vestido em frente d'este homem nu, a fama, o credito, a praça, ao pé desta coisa desordenada que se encarna e não nos larga, ó Elias, ó Melias, ó Melambes! A consideração não existe! a praça não existe! aqui estamos todos bichos em frente de bichos, os que pagam as lettras e os que tem as lettras protestadas, nós e nós, nós e os ladrões das estradas, nós vestidos e grotescos, nós nus e tragicos — nós e o universo monstruoso!

Range a D. Innocencia, uiva a D. Engracia, e todos fitam com olhos de saudade e desespero a pelle que largaram. Estão allí estateladas as mil e uma mentiras, as mil e uma hipocrisias, todas as falsidades de que é feita a vida, as physionomias de que te compões, as pa-

lavras que forjaste e que forjei. Soou a hora absurda em que descobres e eu descubro que atraz d'isto só existe o interesse; a hora sentimental em que a velha pintada e repintada rasga o testamento na cara dos herdeiros; a hora sobretudo poetica, em que, depois de nos vermos uns aos outros, mostramos os dentes uns aos outros como feras; a hora tragica em que procuramos ainda arrepanhar alguns restos de phrases, e as phrases já não nos servem de nada; a hora chimerica em que a villa toda dá com a villa toda em pêllo. Eis aqui as forças, a comedia e a tragedia desmascaradas. Reconhecemo-nos todos — vemo-nos todos. E a esta luz pavorosa, a esta luz crua, a esta luz que nos bate de chapa, comprehendemos que criamos tudo á custa de dôr. Cem bocças falam ao mesmo tempo no céo e no inferno... — Chegamos todos ao fundo de nós mesmos. (Eu já não saio d'aqui sem saber tambem quem sou...) Chegamos todos ao ponto em que não podemos discernir o bem do mal, o céo do inferno... Mais um passo e não separo a tragedia do grotesco.

As velhas encarniçadas são outras, são velhas em sonho vivo. — Mata! mata! mata! — Aqui de rastros, anno atraz d'anno, para ser comida! — Aqui a levar pontapés n'este sitio, aqui a crear rugas e fel! — Pois eu não fui eu, e agora

estou deante d'isto, d'este assombro e d'este desespero! — Gritam porque se não podem vêr. Gritam porque a realidade e o sonho tomaram proporções que lhes não cabem nas almas. Gritam porque não lhe entrevêem o fundo. A D. Penaricia tirou a cuia postiça e atirou com a cuia ao chão. Depois fitou os olhos na cuia enrodilhada, e absorveu-se na cuia de retroz, como se tivesse alli em frente o symbolo do universo: — Não posso desfazer-me d'isto! não posso desfazer-me d'isto! Toma! Eu não sou isto, e hei-de estar aqui sufocada a aturar-te para não morrer á fome. Hei-de ver-me e ver-te e hei-de dizer: — Jôgo! — Hei-de fazer-te as vontades e ver-me tal qual sou, tal qual era e tal qual hei-de ser? — A espera de quê, se nem a morte podemos esperar? — Então este esforço para ter uma alma não se conta? Este esforço para não andar de rastros como a cobra? Para viver com isto e com isto? Com esta amargura, o fel, o que é mesquinho e com Deus? Eu não posso com o que não comprehendo, com o que está por traz de mim, com o que está a meu lado e com o que tenho de fazer todos os dias... — Falo! — Falo eu agora! — A tragedia é que eu iludia-me, mentia a mim mesmo e agora não posso mentir. Não ha gritos que te valham e a ninharia desapareceu do universo. A insignificancia acabou. — O peor drama — ex-

clama outra — é que eu vejo o que fiz de mim propria. — E a Theodora exclama: — Tenho saudades do inferno! tenho saudades do inferno!... — Ahi está porque ellas gritam e eu grito com ellas. É o momento decisivo, quando, de pé, em roda da mesa onde foram insignificantes pacientes e grotescas, se vêem umas ás outras. É peor momento é ainda quando a si proprias se vêem; quando se chocam como ferros, quando os seus olhos adquirem tal fixidez, que já não são só ellas que olham; quando ao espanto se junta ferocidade, e não são só ellas que falam, mas todas as vozes, nem só as suas figuras que gesticulam, mas todas as figuras. A mesa do jogo é a mesma, o eandieiro escorre o mesmo petroleo, e sobre ellas a figura immensa, as outras figuras invisiveis e todas as figuras invisiveis, arfam de desespero.

Tudo isto caminhava para um fim, tudo foi desviado ao mesmo tempo d'esse fim; tudo isto se alimentava de certas regras, tudo avança desesperado, aos gritos, ancioso e doloroso: — Pois és tu! és tu! E o interesse és tu! e o amor és tu! — O desespero augmenta, os gritos redobram. As creaturas com que deparo são temerosas. Uns desatam a rir com rancor e sarcasmos sobre sarcarinos. Ha-os que se reduzem a baba e a pó. — O quê, tudo isto era tão pequeno! Pois passei metade da existencia, annos atraz de

annos, ao lado d'esta coisa feroz e esplendida, absorto em ninharia! E nunca dei pelo assombro, pela vertigem! Atrevo-me a matar, atrevo-me a odiar, atrevo-me a escarnecer-te... — Mas então — pergunto — eu fui o homem esculpido, eu fui o homem honesto que luctei toda a vida com os maus instinctos, n'um combate perpetuo — para isto? Pergunto — para isto? Alli aquella desata aos berros e sêres caminham transfigurados; sêres que nunca sonharam, materia impenetravel, deparam pela primeira vez com o sonho, o que os deixa atonitos. A D. Ursula, que passou a vida a esfregar, a polir, a limpar os moveis reluzentes, deita-os todos a esmo do terceiro andar á rua. — Adoro-a mas não posso separar o interesse do amôr — não posso separal-os. Está dito e redito. No fundo do meu pensamento, bem no fundo de meu horrivel pensamento, uma outra ideia lucta, avança e não a posso arredar. Estraga-me a vida toda. — O mundo moral está com escriptos e reduz-se a uma loja escura, com teias de aranha no tecto.

Não posso anotar o desenlace de todos os dramas occultos, dos dramas da inveja, do drama que se esconde debaixo dos telhados e no fundo secreto de cada alma, do drama que a ficção continha e que nenhuma força contém agora. Falta-me pôr o homem defronte do homem e

vel-o ganir de terror, depois que, suprimindo a morte, suprimiu a ilusão. Faltam-me todos os desenlaces, mas só tu comprehendes do que tu és capaz. Só tu, que n'alguma hora, n'algum minuto, podeste olhar-te e ara a cara, desviando logo o olhar. O minuto agora é a eternidade. Falta-me estatelar deante de ti a tua alma e a minha alma, todo o mundo subterraneo, apontar os gritos e os instinctos, e descrever o que se não pode descrever, porque não ha palavras para o bafo que vem dos confins dos seeulos, nem eôres para a lama que sobe e alastra. — Gritos, mais gritos, mais sarcasmos e insultos. — Como eu te reconheço! e a ti! e a ti! — E a ti que és a figura sileneiosa que ha tanto tempo me persegues, calada e triste, e que eras a peor. Tu que curvas a cabeça, sem nunca te pronunciares, tu que sofres quando eu soffro, que te envolves em silencio quando persisto n'este caminho doloroso — como te reconheço! — —
Dá gritos! podes gritar á tua vontade! Agora é peor, agora tanto faz resistir um dia como um seculo. Agora é peor: não nos podemos ver. Como dois amigos que se encontram passados muitos annos, perdemos todos os pontos de contacto. Estamos aqui a representar: a verdade é que não nos podemos ver. Eis-nos bichos em frente de bichos. Acabou tudo, acabaram as transigencias, as duvidas e os escrupulos. O so-

nho pertence-me, a vida pertence-mo. É este. É este tal qual. Era isto que eu não queria ver, este grotesco, esta crueldade, estas ideias de saque, de astucia e de dôr. Era isto emfim.

Que trabalhão de formulas, de leis civis e de leis religiosas, para que a D. Insolencia e a D. Ninharia não fossem direitas aos seus appetites e se contivessem dentro do pudor, da ordem e da regra! Acabaram-se-lhes os escrupulos e a lucta constante com os instinctos, a analyse de todos os dias, que nos deixava ensanguentados e esfarapados.

Vamos entrar n'outra vida, n'outra vida emfim, sem Deus, sem fé, sem regras que o instincto nos impõe, ó D. Telles das Reles de Meirelles, e talvez seja esta a tranqubernia porque suspiramos sempre. Eis-nos na suprema beatitude, homens e bichos ao mesmo tempo, sem hesitações nem duvidas, e podendo realizar todo o mal de que somos capazes. Falta um passo para sermos grotescos e horriveis, para ascendermos emfim, depois de uma agonia de seculos e seculos, ao céu e ao inferno.

Agora estou nu e toda a mentira me é impossivel; agora estou nu e todas as palavras são inuteis; agora estou nu deante da immensidade e não posso ao mesmo tempo com o céu e o inferno.

Este momento tragico, esta pausa, este horror em que cada um se vê na sua essencia, em que cada sêr se eueontra sós a sós com a sua propria alma, reduzido sem artificios á sua propria alma, só tem outro a que se eompare, aquelle em que cada um vê a alma dos outros. Porque, por melhor ou peor que tenhamos julgado os outros, vimol-os sempre atravez de nós mesmos.

Toda a villa, a villa toda, a que a luz artificial dava relevo, desata a gritar eomo se lhe arran-eassem a pelle, desata a gritar deante de si propria, deante da verdade. Gritam as velhas, grita o Santo em frente da sombra immensa que se introduziu na vida. Grita a paciencia e a mentira, grita a hipocrisia. Desapareceram as figuras e só ficam gritos na noite. Outro passo — outro grito. É a custo que me separo d'este sêr com quem co-habitei sempre. O esearneo está aqui; está aqui o esearneo e o raneor. Gritam no mundo subvertido. Mais gritos. Que dever? O dever de te matar? O dever de te euspir? Matal-a, mas matal-a é até um caso de eonsciencia, para que a minha vida seja a minha vida. — E os gritos augmentam — gritos de dôr, gritos d'espanto, gritos sufocados de colera, mais gritos de séres que se não querem separar da antiga careassa. — Eu mesmo reconheço que sou outra casta de intrujão. Tenho

outros preconceitos, falo outra lingua e julgo-me superior. Na realidade sou outra casta de intrujão. O que me falta é desplante. Prendo-me a inutilidades, e para me engrandecer admiro os meus eserupulos e dou importancia ás minhas teias de aranha. A minha vida é uma serie de transigencias secretas — e por cima medo . . . — Fala mais alto! fala mais alto! — A minha vida tão bem construida é uma apparencia, a minha serenidade, apparencia. Talvez um pouco de logiea, um pouco de aeaso e mais nada. No fundo de mim mesmo tudo isto me parece um sonho monstruoso e sem nexo, e ás vezes surprehendo-me a pensar: — Sou um doido? sou um doido? — É que me vem não sei d'onde, não sei de que confins ou de que recanto d'alma, que tenho medo de explorar, um bafo que me entontece. Serei eu doido?

28 DE JUNHO.

Ninguem pode com isto, ninguem pode enearar-se a si proprio e vêr-se até ao fundo. A tua metieulosidade é de ferro, a tua meticulosidade está de tal maneira entranhada no teu ser que sem ella não existes. Pois até a tua meticulosidade se ha-de dissolver! E tu sem o habito não existes, nem tu sem o dever, nem tu sem a conscieneia. Sem estas palavras a vida não exis-

te para ti, e sem escrupulos que te resta? O que ahi está é temeroso, sêres estranhos, sêres que, se dão mais um passo, nem eu nem tu podemos encarar com elles. Andam aqui interesses — e outra coisa. Com mil palavras diversas e ignobeis, mil bocças quo te empurram para a infamia — outra coisa. Tens de confessal-o. Não é a consciencia — não é o remorso — não é o medo. É uma coisa inexplicavel e immensa, profunda e immensa, que assiste a este espectáculo sem dizer palavra — e espera... És immundo, és a vida. Não te sei definir, não te comprehendo. Se te levo até ao ultimo extremo pereço o pé... Não sei até onde vae o meu horrivel pensamento. Até aqui tinha limites, agora nem o meu pensamento nem o teu encontram limites. Matar ou deixar de matar é tudo a mesma coisa. É tudo inutil. Agora não! agora não me quero ver nem te quero ver! Estamos no céo e no inferno, D. Idalina e a langonha. Estamos no céo e no inferno, Anaeleto, e tu ainda te enroscas na tua inalteravel correcção. Não te desmanches! Estamos emfim todos no céo e no inferno, e todos á uma percebemos que a vida foi inutil. É com gritos que a D. Leocadia reconhece que o escrupulo não existe; é com espanto que ella percebe quo o bem que fez foi inutil; é com horror que a D. Leocadia comprehende que só lle resta o vaeuo. A inteiriça D. Leocadia

berra no infinito, depois de se desfazer de todos os sentimentos falsos: — Mas eu cumpri sempre o meu dever! — Ha-de-te servir de muito! — E aqui te encontras diante desta coisa que não foi feita para ti, aqui estás tu atirada de repente para uma acção sem limites, com os cabelos em pé, — tu D. Leocadia e o infinito; tu D. Leocadia que moravas entre quatro paredes a rever salitre, e agora tens de morar no céu e no inferno. O drama é tu, D. Leocadia, não te poderes desfazer da outra D. Leocadia; o drama supremo é tu seres ao mesmo tempo, D. Leocadia 29-2.º-D. e a D. Leocadia Infinito. — Reduzi-me a isto e reduzi-a a isto! Cheguei ao ponto! cheguei ao ponto! Cheguei ao ponto em que te vejo cara a cara e percebo que tudo é absurdo e inutil! Talvez o meu dever fosse fazer o mal. Atraz de mim, atraz de ti, andavam duas figuras que por mais esforços que fizessem nunca se chegaram a entender! — Mas então — pergunta outra voz colerica — todo o esforço é inutil? todo o sacrificio é inutil? Creaste estas ideias falsas de dôr, de renuncia — e não existes! Um santo viveu sobre uma columna: « Desde que se punha o sol até que amanhecia o dia seguinte, estava de pé na columna com as mãos levantadas ao céu ». Oitenta annos de grotesco. Outro amaldiçoou-te: « Ai de ti cidade sensual onde os demonios fizeram sua habitação! » — Grotesco!

grotesco! grotesco! Tu não existias! Que se levantem todos do sepulchro, uns atraz dos outros, que se erga o pó e te grite: — Tu não existias! Chamaram-te. Imploraram-te. Carregaram com a tua cruz. Andaram de rastros, reduziram-se a osso e a lepra. Foram indiferentes ao sofrimento e ao sarcasmo. Renunciaram á vida, deram-te o espectaculo da sua dôr, a ti que não existias! Das profundas do mundo vem sempre a mesma aneia, das profundas da dôr ergue-se sempre o mesmo grito. Isto tem alicerees como nunca se cavaram alicerees. Cimentaram-n'os os vivos e os mortós. E por mais esforços que empregue — tu na realidade não existes. Ha outra coisa peor que está viva, outra coisa monstruosa que avança dentro de nós e direita a nós e que ninguem pode deter. Tu não existes e eu tenho de caminhar por força, não sei para que estúpido destino. Tu não existes e obrigas-me a avançar para um fim grotesco — desmedido e grotesco — que não comprehendo nem abranjo. Tu não existes — e estou nas tuas mãos. Tu não existes e n'este mundo absurdo, onde não encontre quem me condemne e quem me salve, ha ainda quem me empurre, quem me arraste e me faça sofrer, uma força eega que trago comigo, que me rodeia e me não larga! — Tens de existir por força. Tens de existir pelo que sofremos e pelo que

creamos. És a unica luz n'esta escuridão cerrada, a unica razão como verdade ou como mentira. Existe aquilo que eu quero que exista, é verdade aquilo que eu quero que seja verdade, aquilo que eu e os meus mortos transformamos em verdade. A fé é maior que todas as forças desabaladas, mais viva que todas as vidas. Comprehando a inutilidade de todos os esforços e faço pela mentira, o esforço que fazia pela verdade. Tenho de te manter á custa de desespero.

Se não existes é forçoso que exista um dictador moral, que extirpe sem piedade o peccado da terra. Que não ouça os gritos e condemne, que realise o pensamento de Saint-Just e obrigue os ricos a trabalhar nas estradas, e cujo poder ignorado e occulto submeta a humanidade a uma lei de ferro, e a salve pela mentira, já que a não pôde salvar pela verdade. Cinja-me a mesma cadeia, durma no mesmo taboado e empregue o mesmo esforço, por um sentimento de desespero contra ti que me iludiste. Por mim proprio, para fugir de mim e de ti que não existes! Resisto, teimo. Só vejo treva e teimo. Levo-me todos os dias ao mesmo espectaculo. Rasgo-me com gritos. Ó desgraçado, aquillo em que tu crês é mais negro que o negrume!

A mesma força cega nos impele. Queira ou não queira sou levado para um fim que não comprehendo . . . Cahi nas suas mãos! Outra coisa me envolve a que não sei o nome, outra coisa que espera de mim uma acção que ignoro, outra coisa a quem eu me quero manifestar e que talvez se queira manifestar, sem nos chegarmos a entender. Rodeia-me. Sinto-a. Ha occasiões em que me toca. Ouço-lhe os passos. Debato-me. Constrange-me. Ha momentos em que me iludo, para fingir que estou sosinho. Ha momentos em que me escarnece. Sufoca-me: vou ouvir-lhe os gritos — tenho medo que me fale! Só ella vive no mundo, só ella anda á tôa no mundo! Debalde apélo para mil manhas, debalde tento mil explicações. Estou nas suas mãos! estou nas suas mãos! Outra coisa inexplicavel e immensa, temerosa e immensa, anda por traz de mim, dentro de mim, outro abysmo maior, outra coisa que sua e me escalda até á medula. Procuro esquecer-me — ella aqui está ao pé de mim. Na vida e na morte estou nas suas mãos monstruosas. Sou a consciencia — tu és o impulso. Sou a razão — e não sou nada. Lucto até á morte, finjo até á morte, vou até ao fim dilacerado, escarnecido e iludido.

Eston nas tuas mãos! estou nas tuas mãos!

— Tambem eu D. Leocadia! Lé com cré. Tambem eu, se me liberto d'isto que não tem significação, não encontro nada que tenha significação. Chegamos ambos ao ponto e estamos ambos estarecidos. Moeste-te e moeste-me por uma palavra apenas... Olha bem para ti! olha bem para dentro de ti! Moras na rua da Bitesga, entre duas ou tres curiosidades seculares. Usas um vestido de lemistre, luvas d'algodão no fio e um broche pendurado ao pescoço. Não sei por que bamburrio se te encasquetou no toutiço a ideia de Deus e do dever, e de que o infinito tem de dar importancia ao teu problema, aos teus flatos e ao teu broche, onde um retrato de suissas não tira de mim os olhos de peixe... Não mastigues. Bem sei que só nós, tu e eu, eu e tu, com o teu vestido de lemistre, é que somos capazes de contrahir noções, talvez erroneas mas profundas, do bem e do mal. Os outros bichos teem mais que fazer. Mas é por isso mesmo D. Leocadia que te cahiram os dentes postiços e que começas, n'esta nova situação do céu e do inferno, a comprehender que o bem e o mal é tudo a mesma coisa. Talvez a gente não possa fazer o bem senão a si mesmo... — Mas então — e crisca a mão sobre o broche — talvez o bem seja uina monstruosidade, talvez todos tenhamos de destruir. O mal é que eu sinto. Para o mal é que eu fui creada! — E sua d'afflicção toda

a tinta que lá tem dentro, quando outra D. Leocadia irrompe da carcassa da D. Leocadia. — Pergunto-te se o que tu não consegues é prolongar o mal. Pergunto-te se esse orgulho humano, se esse orgulho sobrehumano, não é um mal maior, e essa piedade que sentes não é por ti que a sentes. — E eu, e eu pergunto-te se a minha verdade falsa não te serviu melhor que a tua verdade amarga. — Pergunto-te a ti — e sacode-a — se não é isto que eu sinto cá de dentro, do fundo dos fundos. Pergunto-te de que te serve a mentira com que cohabitavas. Nunca conseguiste bem nenhum, nunca cumpriste o teu dever. Logo que te puz a ti e a ella na mesma situação de igualdade já não pudeste cumprir o teu dever. — Vontade tinha eu de fazer o mal, o que não me atrevia era a fazel-o... — Oh D. Leocadia mais um passo, dá outro passo ainda, e mergulhas na beatitude como quem cumpre um destino...

Todos gritam de desespero no céu e no inferno. Confundem-se mil boccas, as coisas mais altas e as coisas mais reles. Aqui está a villa toda, virada do avesso, os ridiculos sem vergonha do ridiculo e os infames lambendo a infamia. Aqui está a ilusão — e aqui está em pello a D. Possidonia, que ainda conserva na cabeça o chapéu de plumas. Aqui está a or-

dem e aqui está a desordem, as palavras inuteis e a inutil burandanga, toda a formula, todo o calvario da vida para subir até a morte — e aqui nos vemos uns aos outros tal qual somos, admiráveis, obscenos, reles, todos da mesma lama e com as mesmas chagas. — Eras tu força estúpida e cega que me enchias de ilusão para poder suportar a vida? Eras tu o interesse, eras tu o amor? . . . Aqui estão d'uma banda as formulas (e só agora comprehendo a sua necessidade) aqui está do outro lado a vida; aqui está o que se chamava a honra, e o que se chamava o dever. Ó amigos eis aqui todo o nosso grotesco, todas as nossas ambições, todas as nossas vaidades — e com ellas o absurdo e a logica. E eis aqui o meu drama e o teu drama. Os grandes desmoronamentos, a colera duns e o terror dos outros. Eis aqui o céu e o inferno, o maximo de ilusões e a ausencia completa de ilusões. Aqui as vaias, o sarcasmo, os apupos, os grandes insultos e a suprema mixordia. Desmoronou-se tudo, todas as fachadas e todos os artificios.

Aqui escorre tinta, aqui um bafo humido entontece, aqui a primavera é ridicula, aqui a flor assume aspectos estranhos e o polen vivo escorre, aqui a vida parece uma tela onde as figuras se apagam, aqui a nuvem acarreta volupia, es-

boços de seres que logo se dissolvem, aqui a nuvem é feita de gritos e avança, envolve, penetra. E resulta uma mistura de sonho e cahos. Agora é que eu sou feliz! agora que parti todos os laços que me prendiam á convenção e á regra! E ponho-me a chorar diante das figuras que ahi vem com as garras no ar e as boccas abertas, direitas a mim. Avançam como avança a vida furiosas e dementes, sem escrúpulos, arrancando de si proprias farrapos sordidos e farrapos de carne.

— Estou nas tuas mãos . . . Esta noite limpida como um diamante polido não existe. O que existe é atroz . . . Nem a primavera existe, e tudo se entreabre em entontecimento azul. Nem esta harmonia dos mundos, que eu criei, existe. O que existe é atroz. Nem este sonho em que ando envolvido e iludido. Só tu existes no mundo e me trazes estonteado no mundo. Fecho-me para te não ver e estou nas tuas mãos. Se eu pudesse ouvir-te, ouvia todos os gritos que se soltaram no mundo, se eu pudesse encarar-te em toda a tua plenitude — via o negro monstruoso e cahotico avançando para mim, o repelão doirado levando tudo diante de si, no desespero, na vida e na morte, esmagando sempre e renovando sempre, para crear mais dôr. Não te fargas. Isto é desconhecido, é absurdo, é eterno — mas a belleza

tragica da vida ephemera consiste em te resistir, todo o nosso afan em crear uma mentira para opor á tua verdade — de que resulte dôr. Tu podes tudo como verdade. Estou nas tuas mãos. Eu posso tudo como mentira, e só assim saio das tuas mãos. A verdade é a dissolução e a morte, és tu; a mentira é a vida. Resisto-te para poder viver; para poder viver crio a mentira tragica. Se cedo ao teu impulso, se escuto as tuas vozes, levas-me para uma vida inferior; se te oponho a mentira, caminho' por uma via dolorosa: engrandeço-me. Estou nas tuas mãos — e nego-te. E o homem é tanto maior quanto mais alto afirma que não existes. Crispa-se-lhe a bocca, dilacera-se até ás ultimas fibras, lucta, grita e sae em farrapos das tuas mãos. Todos os heroes são martires, todos os santos foram iludidos até á morte.

— A tua vida, a minha vida, foi um perpetuo inferno. Tiveste um filho e apegaste-te mais ao teu dever que ao teu filho. Dedicaste-lhe as tuas economias. Per o dever esqueceste interesses e paixões, e na tua alma solitaria só coube o exaspero e o dever. Mais nada. E á medida que a vida te inutilizou as ambições e te gastou os sonhos, mais te apegaste a essa palavra, que foi a unica razão da tua existencia. Tambem eu! tambem eu! Fechaste-te com ella no silencio gelido da villa, onde, nas noites sem fim, se chegava a

ouvir o contacto das aranhas devorando-se com volupia no fundo dos saguões. Todos os dias pe-zaste o pão que lhe déste, mas déste-lho. E, tendo perdido tudo, só o dever te restou no mundo — e a orfã, a quem já não consegues reconhecer as feições. A mesma coisa nos dilacerou a ambos, a mesma coisa dolorosa nos encheu de colera, á medida que caminhavamos para a velhice e para a morte. E aqui chegaste, aqui cheguei, ambos ridiculos e amargos, sahindo d'uma lucta desesperada com outra coisa que nunca quizemos vêr. Ambos grotescos e de pé, tu e eu, eu e tu, com o teu broche, onde o mesmo sujeito de suissas — lembrança do primeiro matrimonio! — não tira de mim os olhos aguados de peixe. Ambos tendo atravessado n'uma taboa o mais tragico de todos os mares, e no fundo a mesma dor, no fundo o mesmo fel, no fundo o mesmo esforço para sustentarmos sobre a cabeça esta abobada que não existè. No fundo o que não queríamos vêr era a noite... — Cessou o debate. — Não fales mais, D. Leocadia. Está tudo dito...

A figura que ahi vem mastiga em secco, com uma camada de verde e outra camada de sonho. A figura que ahi vem, d'um egoismo concentrado, e a que adherem ainda os mil e um nadadas da sua existencia anterior de molusco, avança hirta para mim, inteiriça como uma barra de

ferro. Ainda cheira a môfo, mas os olhos entranham-se-lhe n'um vasto panorama inexplorado. Vê para dentro, cada vez mais sofrega e o seu sonho não tem limites. O mal não tem limites. Tem diante de si mil annos e um dia para essa absorpção dolorosa e tragica. Abarca o mundo. O mal sim! o mal sim, porque o mal não é um acto individual, o crime é sempre a acção impulsiva ou premeditada dos mortos. Para praticar um crime é preciso revolver camadas de phantasmas. Desperta echos adormecidos até não sei que profundidade. Põe em debate este mundo e o outro mundo. Ó D. Leocadia agora é que tu chegaste ao amago! É um conflicto entre ti e os outros mortos, uma lucta num tablado que abrange o universo. D'ahi o seu prestigio — d'ahi o immenso scenario que se desdobra diante da D. Leocadia, absorta n'esse panorama sem limites...

Só ha no céu e no inferno outra figura peor. É este sêr sem nome, pedra e desespero, noite e desespero, que se immobilisa na inutilidade de todos os esforços.

29 DE JUNHO.

E tenho de dar mais um passo! tenho de dar outro passo ainda! Chega o momento em que a dôr se não separa do grotesco.

Quer queiram quer não queiram ahi estão na minha frente, ridiculos, maniacos, pueris, n'esta marcha desordenada para o sonho; tenho-os na minha frente, e com elles a hipocrisia, as explicações confusas, as leis, as regras, os habitos fetidos, e tudo o que lhes serve para encobrir as duas ou tres realidades de que se não podem libertar, com a sua philosophia, os seus livros, as suas theorias — e no fundo instincto! instincto! instincto!; tenho-os aqui só bichos em frente da necessidade fatal, da verdade iniludivol, com olhos abertos de espanto, com boccas murchas de mentir, a suar grotesco e a gritar de desespero. Tenho-os aqui ridiculos, só ridiculos, só enfim ridiculos, mas já promptos para todas as infamias. A vida espalmou-os, seccou-os, deformou-os a todos. Andou por aqui a mão da desgraça, a mão do vicio, a grande mãosada de ferro que deprime e esmaga. Um alimentou-se de lascivia, outro de sonho, outro de avareza, outro de fel. Todos dean-

te da nova visão do universo se sentem grotescos e inuteis de corpo e alma, com lepras que nunca mais se limpam, com nodoas que nunca mais se lavam, com ideias e palavras entranhadas, com impetos de goso e monstruosos apetites. Os annos passaram, os annos marcaram-nos. E eis-os nus, uns em frente dos outros, nus e reles, nus e grotescos, com o esplendor cada vez maior, cada vez mais doirado, cada vez mais sofrego deante de si. Nus e obscenos, nus, com doenças e infamias secretas. Aqui está a embofia e o orgulho, aqui está o que come e digere, mas, no fundo d'este estomago que esmoe, ha ainda um resto de sonho; aqui está a velha que envelheceu ridicula, mas este ridiculo é atroz. Tudo isto contém ancia, resuma dôr até nas plumas, até nos trapos. Todos os sonhos absurdos, os sonhos que ninguem se atrevia a declarar, os productos fétidos de noites sobre noites de relento e insomnia, os ridiculos sonhos d'almas embrionarias, transformam-se em realidade e resolvem-se em gritos, em dôr e em grotesco. A puerilidade que constitue o fundo do nosso sêr, as pequenas miserias que formam montanha, e as grandes tragedias desgrenhadas afundam-se em grotesco. A todo o drama se mistura grotesco, a toda a dôr rictus, e toda a convulsão emerge a escorrer grotesco.

Ó dôr o que tu és! Aqui está a dôr da D. Penaricia, a dôr da D. Andresa — que toda a sua vida foram abjectas — e temos de confessar que são grotescas. Temos de confessar que a dôr é grotesca diante d'esta mudez impenetravel.

A villa conhece a vaeuidade de todos os esforços, o grotesco e o atroz. O grotesco na dôr, o grotesco aos gritos, o grotesco mesmo quando avançam para o assombro, com restos de chales, com restos de penantes, com restos de miserias. Tudo isto dá grotesco desmedido, mas grotesco. Grotesco com sonho, grotesco com oiro, com todo o oiro do céu, com todas as estrellas do céu, mas grotesco afinal. A grande sombra que desaba tambem aos gritos, a grande sombra é grotesca de dôr — immensa e grotesca — esfarrapada e grotesca. A D. Adelia é grotesca, com as suas manias, e ha n'ella Deus e o diabo; as velhas eacheticas, o cortejo funambulesco de raneores, tem não sei o quê de divino. Miscelania tragica de materia e de alma, que se resolve em dôr e em grotesco, caminhando com as suas dôres ridiculas, com as suas paixões ridiculas, com as suas ambições ridiculas — caminhando sempre. Lamentaveis, sordidos, grotescos, escorrendo viscosidades, e só elles no mundo capazes de comprehender e de sofrer. Tudo n'elles é grotesco e divino. Tudo n'elles é

angustia, desespero e vida. Tudo n'elles é reles e só n'elles é reles. Tudo n'elles, até o ridiculo, se traduz em sofrimento, em não sei quê de superior, que lhes dá o ar, apesar dos penantes, das dedadas, dos vícios, de deuses decahidos, de deuses em lucta com forças supremas, que, pretendendo tornal-os mais grotescos ainda e reduzil-os a zero, os elevam pelo ridiculo e pela dôr. São lamentaveis — são tragicos. Só elles luctam, e tudo n'elles é ancia e desespero, para entreverem a razão oculta que os escarnece e os engrandece. Estarrecidos e grotescos. Bichos e grotescos. Divinos e grotescos. Ha n'este trapo que criaste, n'esta corôa de lata que foi o teu sonho e a tua vida, não sei quê de immortal. Vê que tudo ressuma dôr, que o fizeste para subir, mais alto sempre, para esquecer todas as boccas que te reclamavam do fundo dos fundos, do mais tragico dos fundos. Na tua meticulosidade Anacleto, na tua duvida ridicula oh D. Leocadia, no vislumbre que foi a tua vida, no teu minuto de sonho, no relampago, antes de te curvares definitivamente sobre a meia que já tem vinte metros de comprido, ó prima Angelica, ó figura tremenda de ineptia, que tambem achaste sabor á vida e logo te fechaste com elle na escuridão cerrada da idiotia — na maneira como apertaste para sempre a mandibula — e até na risca que

deixou de ser risca e no vinco que perdeu a linha e o assento, ó Elias & Melias, em tudo e em todos, ha outra coisa tremenda que, apezar de grotesca, nos deixou de pé, e não sei que misterio que não fala, que não quer ou não pode falar, mas que sentimos vivo, real, immenso ao nosso lado e na nossa companhia.

Agora é que elle anda á solta! agora é que elle anda á solta!

A VIDA! A VIDA! A VIDA!

29 DE JUNHO.

A PEDRA também sonha: a villa é Lourdes, feira e hospital onde corre o oiro ás pazadas. A multidão converge de toda a terra para um só ponto da terra: — A vida! a vida! a vida! — Todas as agonias em marcha dos quatro cantos do globo. Clamores, ancias, gritos. Ao mesmo tempo insolencia, ao mesmo tempo orgulho. Imponentes creados de farda amparam velhos archi-milionarios; velhas com os dentes obturados a oiro, sorriem para um e para o outro lado, como bonecas, pintadas, repintadas, horriveis. Acarretam em padiolas homens de grandes ventres gordurosos, fartos de moer e remoer. Seguem mulheres palidas, d'olhos de sofreguidão e de espanto, embrulhadas em pelissas raras, e, sob as pelissas, a mão ferra-se-lhes no cancro que as roe. E homens de genio indifferentes, alheados, sepultados, que ne-

*

nhum espectáculo arranca ao torpor, usados pela mentira e pelas phrases.

— A vida! a vida! a vida!

Vem o rei, o roque, a rainha e as velhas me-retrizes, a Lavradeira e o visconde da Flôr da Murta, os conegos que herdaram das beatas e as beatas que herdaram dos conegos. Vem as velhas cantoras sem voz, os principes desthronados, os banqueiros, a finança, a politica, a diplomacia, a vasta intriga que roe o mundo, e os que ante-vêm n'uma sofreguidão outra vida para gozar, e que rebuscam no fundo dos bahus, velhos papeis de credito e moedas fora de curso. E os bichos que tomam a serio as suas phrases, as suas fardas, a sua vaidade; a vida artificial, as princezas desdentadas e cheias de espirito, com velhas côrtes bolorentas e os seus lacaios e as suas mumias; os morphinomaniacos; o bispo untuoso e cinico, de grandes barbas loiras cuidadas, apegado a um baculo doirado e um capachinho na cabeça, com uma côrte de mulheres, entre uma nuvem de pó d'arroz; o velho general, o velho diplomata, e uma figura com um resto de colar que lhe ficou de todo o seu imperio, uma mulher magra com rendas do passado, embrulhada n'um véo que lhe esconde a velhice, de luvas brancas para que lhe não vejam o pergaminho das mãos, e um grito furioso em que mostra as gengivas brancas:

— A vida! a vida! a vida!

Só se não descortina um pobre. Como conseguiu aquella mulher, com o filho embrulhado no chale, meter-se no cortejo que caminha á pressa para o Palacio da Saude?

— A vida! a vida! a vida!

O illustre doutor Arrobas, o illustre doutor Coutinho, o illustre doutor Pimenta, apoderaram-se do sôro, e pelo embirrento Palacio, reluzente de metaes, branco e cinico, onde se recebe o oiro n'um cofre como um saguão, desfila gente, mais gente anciosa, mais gente que se atropela.

— Ao Gaboru restam-lhe tres arvores no quintal e o sonho que para os outros se converteu em realidade... — Os ajudantes de avental branco todo o dia circulam e atendem á fila de paraliticos, de agonicos, de tabéticos, os miliónarios, os principes gastos e vesanicos, as mulheres de luxo, com embrulhos de notas, que se puzeram a caminho dos quatro cantos do globo. Os comboios não cessam de despejar aventureiros e mulheres de cabelos tingidos e boccas pintadas — a vida! a vida! a vida! — e um cheiro a morte que tresanda; mais gente que rapou o fundo dos cofres e corre n'um desesperado arranco; tropeis, cohortes, multidões, que apertam o oiro de encontro ao peito ou que o premem nas algibeiras, com as mãos de encontro á pelle, entranhado na pelle, entranhado

na alma.—A vida! a vida! a vida!—Velhas cocottes de Paris, maniacos, Wagners, com musica, lagos, cysnes, castelos e luar, e algumas muniias do tempo do imperio, com escarros do tempo do imperio e joias do tempo do imperio, reluzentes como idolos. E com ellas a infamia, tão bella e tão polida, e aquelle além, que tira o chapen num gesto mechanic, quando o creado lh'o ordena, e que é o rei do cobre ou o rei do petroleo ou o rei do estanho. E por fim, n'um borborinho confuso, o cortejo de padiolas, com restos que se não teem em pé, embebidos em perfumes e atufados em rendas, antigas dançarinas da Opera, antigos imperadores fora d'uso, paralitico-geraes — e cadeirinhas, seges, padiolas, correndo, despejando todas as velhices, todas as impotencias, todas as inutilidades, no mesmo grito ancioso, furioso, clamoroso:

— A vida! a vida! a vida!

Sua magestade imperial, que vivia num mundo de impassibilidade, e a D. Perpetua de Meirelles, perdem ambos a linha. Ouvem o grito os moribundos nos sumptuosos leitos de parada, já ungidos e tingidos, já com a ultima camisa preparada, já com os ultimos sapatos de baile preparados e o mestre escama preparado para a ultima escanhoadela nos queixos côr de cera; ouvem o grito nas mansardas as agonias de todas as horas,

e os moribundos põem-se de pé n'um rapido assomo; reteem-se no ultimo arranco as resignações que tanto geito e cuspo custaram, suspendem-se no mesmo instante e convertem-se em desespero e esperança, em furia e clamor, em berros e tropel, arrastando comsigo farrapos de lençol e muletas de paralisia. — A vida! a vida! a vida! — Estremecem os extinctos, retezos nas eças negro e oiro, nos pomposos catafalcos alumiados por filas de cirios; cuidoo que o ouvem ainda os cadaveres sellados e chumbados na ultima estancia, cuidoo que se abalam os jazigos ao mesmo grito que trespassa o mundo:

— A vida! a vida! a vida!

A vida é o murmurio de agua que me ficou nos ouvidos, é esta tinta, que se me pegou nas mãos e me escorre das mãos, é esta tenue consciencia do universo, que dura un segundo e me mergulha atonito no nada. É sonho e desespero — e não tem importancia nenhuma. É uma volupia, com todas as tintas, até as do enxurro. Sabe a tudo — e não vale nada. É inutil — e todas as boccas á uma a reclamam:

— A vida! a vida! a vida!

Cada vez o grito sobe mais alto, o clamor é mais intenso, o uivo mais desesperado. De cada vez elle ascende de profundidades maiores e tem retumbancias mais largas.

Esqueceu-se tudo: os velhos dogmas, as velhas Imitações de Christo, e a voz que nos diz — Espera — quando a outra sustenta — É inevitavel. — Esqueceram-se as velhas elucubrações, as velhas theorias que nos preparam para a morte, e as palavras que os padres pronunciam ao ouvido, e que os proprios padres esqueceram, as resignações sedições, os pensamentos subtis, as formulas profundas que nos ajudam á sujeição e á inercia. Esqueceu-se o que dizem os velhos livros, que enchem velhas bibliothecas, e os grandes symbolos de prestigio, a pragmatica e a regra. D'alto a baixo desabaram os grandes systemas e as analyses philosophicas, que só servem para quem não tem dentes, e, sem olhar para o lado, vociferando o mesmo grito, largaram no mesmo arranco. Esqueceram-se os adeuses celebres — para piano — as promessas de outro mundo melhor e doutra vida futura, as cerimonias emolientes, a piedade, a renuncia, a morte e o terror da morte. E todo o cortejo deixou o tom compassado, que demanda orchestra, todas as seges, com doirados e emblemas, o rythmo, e largaram a galope para o mesmo destino. Cabido, tropa, comedia, drama, e até tu, até tu farçante — anh?... — puzeste o ouvido á escuta n'um curto estremeção, suspendeste a discussão interminavel contigo mesmo, deixaste em meio a palavra que

começas a pronunciar, e soltaste o mesmo grito ancioso. Estava a roda de figuras d'aparato, repetindo as suas cortezias; estava o padre ao meio do inissal, e a velha Fructuoso no começo da agonia (que tinha de ser celebrada nos jornaes), o testamenteiro e os herdeiros, com o lenço preparado para as lagrimas, e no mesmo baque, com o mesmo desespero, correram para o mesmo fim. Eu já tinha chorado sobre mim e sobre ti; já tinha gravado na pedra do jazigo a phrase lapidar; já tinha feito as ultimas despedidas, e, com a mão tremula agarrada á tua mão, acabava de murmurar enfim as ultimas palavras para a historia: «—Mais luz! que farça! a vida é sonho! lá te espero!» etc. —quando tudo foi revolvido e inutilisado, e ajuntei o meu galope ao teu galope, a minha voz ás outras vozes:—A vida! a vida!—O procurador firmava, com a saliva da lei, e o sello da lei o documento da lei—lamentavamos os desmandos da mocidade, com o olho na mocidade,—a velha remexia as cinzas frias do passado,—o janota inteiriçava a perna, com reumathico e o antegosto do frio sepulchral—e todo o scenario era scenario, toda a regra regra, todas as cerimoniaes que nos ensinam, se conservavam ainda de pé, quando o mesmo furacão revolveu, arrastou tudo e levou tudo adiante de si. Tudo se varreu no mesmo instante, todos largamos a scena no mesmo

instante esquecendo o papel, todos sentimos o mesmo baque e abalamos na mesma vertigem. Suspenderam-se os negócios, o amor, o vicio e a colera, e atraz de novos vicios, de novas infamias, de nova mocidade e de peores erros e maiores volupias, rugimos a mesma palavra: — A vida! a vida! a vida!

O grito foi acordar toda a peste, sobresaltar toda a peste, todo o ferro velho, toda a mania resignada á força, comprimida á força, levada á força para a velhice e para a morte. Todas as velhas se ergueram, impelidas pela mesma mola. Todos os janotas, que caminham para o nada com uma flôr na botoeira e um sorriso na bocca murcha, perderam o aprumo no mesmo instante. Todas as rainhas sepultadas nos fundos dos paços, maniacas, e guardadas por medicos maniacos, por côrtes maniacas, por alabardeiros maniacos, tomaram á pressa o primeiro comboio, esquecendo para sempre o cerimonial. Todos, com velha baba a escorrer, com velhos tumores abertos, com velhas dentaduras postiças, se pozeram logo a caminho. Todo o mistiforio, toda a obscuridade, reclamou a mesma vida nos mesmos gritos. Vem os philosophos e os poetas, a opera maquinada, com os seus personagens principaes e os seus figurantes secundarios. Vem o pó inutil que largaste pelo caminho até chegar á velhice, a vida consciente

e o vagalume, a velha Eulalia, cuja vida é um subterraneo, a velha Eulalia, que mal sabe falar, alma em embrião, e o genio egoista, calcando tudo para chegar mais depressa.

Todas as velhas santas já quasi canonisadas, todas as velhas catholicas, apostolicas romanas, preparadas para a inercia e para o verme, largaram a correr com o mesmo destino e para o mesmo assalto. Todo o velho lixo, os velhos restos fedorentos, as velhas bocceas amargas, as velhas reminiscencias, os velhos suspiros abafados cada noite e cada dia, se remiraram em novas bocceas frescas, em nova carne anciosa d'amor, em nova vida phrenetica de luxuria. Na velha burandanga, nas velhas, que passaram os ultimos dias da vida moidas de saudade, e que já não teem mais nada que pintar; na carne pôdre que não aguenta verniz; na carne que exige terra, o mesmo alvoroço, o mesmo grito, o mesmo impeto... Galvanisaram-se eadaveres e mais outros restos ainda. Todo o pó morto acorda e sonha. Tudo que deixamos pela vida fóra, toda a serie de figuras que ficou para traz, toda a serie de gestos, de esboços, toda a poeira impalpavel, tudo que foi ancia, realidade ou irreabilidade, desejo, vagalume ou duvida — tudo se arrasta e revolve no mesmo turbilhão magnetico. Tudo o que parecia morto e sepultado, desejos e rancores, inutilidades e gran-

dezas de que é feita a vida, tudo tornou á superficie. Velhas invejas enferrujadas e a sombra da sombra, tudo reapareceu vivo como na primeira hora. Vem uma golphada de fel e de despeito que reclama a vida — e que é a vida. Vem uma golphada de ternura, que nunca pode encarar sem espanto e sem terror, que nunca quiz olhar de frente, inventando mil e um pretextos para a rodear — e que é a vida. Vem o temor, veem as figuras comieas — e não ha comieo sem sonho, a exigir a vida; as figuras tragicas a reclamar a mesma vida inutil, a mesma vida phrenetica. Veem agora as velhas que nunca esqueeram as velhas luxurias, os velhos pecados moídos e remoídos com desespero e saudade, os velhas tranquibernias, levadas pelo mesmo impulso, sobresaltadas pelo mesmo eheiro que turva as feras nas eamas de folhas aprobeidas. Cheira-lhes a vida, e esqueeram tudo, as controversias, as explicações, as transcendencias. Tudo, toda a aspiração, todo o pó historico, toda a desgraça, todo o pó sem nome, todo o fremito, toda a lama exige a vida. O grito irrompe das profundas, vem do pó do pó, vem da vida e da morte. Vem das boecas dispersas e dos gorgomilos que já não existem. E vem de mais fundo ainda . . .

— A vida! a vida! a vida!

São as velhas sordidas agora. É a vez da

D. Herminia, da D. Penaricia, da D. Eulalia. É a inveja sobre a inveja, a paciencia sobre a paciencia, o ridiculo sobre o ridiculo. É a langonha requentada. São os annos atraz d'annos de inutilidade, os antigos cabelos postiços, os antigos dentes postiços, as antigas affições sediças. É a dôr minuscula de que toda a gente se ri, é o grotesco que custa tantas lagrimas como as grandes paixões, é a verde melancolia, as horas inermes e monstruosas — é a vida que d'alto a baixo exige a vida. E por traz ainda mais multidões se preparam, mais tinta se move na tinta, mais negrume revolve o negrume. É o velho pó esquecido, o pó subterraneo, o pó de que não resta memoria. São os mortos que se põem de pé. Não só estes mortos — todos os outros mortos. Os vivos e os mortos. Todos. A poeira da poeira que implora no mesimo grito:

— A vida! a vida! a vida!

A cidade é odiosa. Por toda a parte hotéis, palacios, entulho, chalets, casernas, avenidas novas. Por toda a parte tine o oiro, jorra a luz dos reflectores e declamam charlatães como palhaços de feira. Nota curiosa: no outro dia foram encontradas n'um banco do jardim duas velhas de setenta annos, que declararam ser filhas de principes na miseria, e que ningnem quiz

reconhecer, ninguém quiz atender. . . Por toda a parte theatros, palacios monumentaes, avenidas de cartão e pasta, monumentos de cimento e ripas, scenario, lixo e afronta. Um edificio esmaga e domina toda a casaria, o casino insolente, com a obscena cupula de vidro. Todo o dia, toda a noite, as orquestras tocam, e os remoçados apressam-se a gosar, as mulheres a destingir amarelo, as opulentas creaturas soberbas de luxo, outra vez moças e sofregas de vida. Entre as pazadas de oiro, resoam as marteladas das construções, que se erguem no espaço d'uma semana, novos hoteis, novas avenidas, theatros novos. E duas interminaveis filas, a dos doentes e exhaustos, a dos remoçados, não descontinuum de gritar:—a vida! a vida! a vida!—o goso! o goso! o goso!—Uma entra no Palacio, a outra sae do Palacio; elles de negro vestidos, ellas adornadas para um baile, de branco como noivas. Remoçados e uma seccura de inferno, —outra vez novos e na bocca um sabor a pó. Que extranho cortejo, brilhante de pedrarias, com as ulceras transformadas em sorriso! Elles sorriem, ellas sorriem. Incide sobre a bicha o jôrro dos reflectores. E n'esta alegria, uma solidão de jazigo. Alguma coisa morreu. Nem todos os fachos electricos, nem todos os risos, espancam as sombras que os envolvem — nem todos os perfumes o cheiro a cova — nem

todas as joias as chagas, a luxuria, as almas d'aço. Cada homem de negro, cada mulher de branco, leva consigo um cadaver.

30 DE JUNHO.

Noite luxuriosa e infame. Mixto que se não exprime d'absurdo, de irreal e de vida furiosa. O mesmo grito de dôr—o mesmo grito de prazer:—A vida! a vida! a vida!—O goso! o goso! o goso!—A tempestade electrica accumula no espaço grossas nuvens violaceas, borrões sobre borrões, que o relampago funde, destingindo phosphorescencias sobre a cidade. Outro trovão, outra faisca, e todo o scenario espectral irrompe do negrume, tragado logo pelo negrume, que vomita sem cessar mais multidões, mais cohortes, que juntam o seu desespero aos outros desesperos, os seus clamores aos outros clamores. As orchestras não cessam de tocar no casino iluminado, e as multidões de crescer, convergindo de todos os pontos da terra para o mesmo ponto da terra. Oh que prazer recommençar uma existencia nova, poder dirigil-a á vontade, regressar aos vinte annos sem escrupulos! As orchestras redobram de furia—e a tempestade redobra de furia—revoluteiam os pares, elles de negro, ellas de branco, os remoçados, as velhas outra vez de ca-

belos loiros, com outro seio e outra pelle doirada, os tabéticos furiosos da vida, os milionarios, as cocotes cobertas de joias sobre o marmore novo de carne, só mocidade, voluptia e experiencia da vida, moças por fora e velhas por dentro; os principes sêceos como pedras — mandar e gosar! mandar e gosar! — outra vez cem annos para mandar e gosar; os banqueiros — oiro, mais oiro para edificar e corromper — para dominar o mundo. E o trovão echoa, o relampago ilumina podridões fundas da cidade construida d'um dia para o outro, trevas acasteladas, esqueletos hirtos de construções, avenidas de legua, por onde avança o mesmo povo humano para o jogo, para o oiro, para o prazer. No fundo as casernas redobram de tamanho e de negrume; no fundo adivinham-se torres babilonicas, que os olhos não sabem distinguir se pertencem á realidade, se á noite, aos carvões do temporal ou ás escorrencias do relampago; no fundo braços de guindastes, n'um trabalho methodico, parecem apanhar farrapos da multidão, colhel-os em silencio, cumprir sem ruido uma ordem mysteriosa... Retine o oiro, redobra o vacarme das orchestras, enlaçam-se os pares, ellas esplendidas de luxuria, elles acção, força o impeto. A tempestade aproxima-se. N'um redemoinho sorve as grossas nuvens negras e esgarça-as pelo céo...

A esplanada do casino debruça-se sôbre a cidade tumultuaria, onde a vida nocturna intensificada atinge o auge. Crescem os clamores e os redemoinhos desordenados, avançando sempre para o mesmo fim. Quatro avenidas abertas em leque partem da rotunda monumental; alli se erguem, d'um lado o Palacio da Saude, do outro o casino insolente, que concentra a vida de luxo, de goso e de prazer. Os rasgões iluminados das avenidas prolongam-se até ao infinito negrume, que gera sempre as mesmas multidões sofregas, atrahidas pelos theatros, iluminados com uma luz mais clara que a do sol, pelas casas de jogo, cujos reflectores incidem sobre a bicha interminavel, pelas casas de prazer escañcaradas.

Nas salas branco e oiro do casino joga-se sempre. Incide o jorro electrico e illumina e deforma as physionomias: mostra-as sob aspectos caricaturas e asperos—dolorosos—de bichos chimericos. Só dureza agora—só ventres obscenos—só infamia. As mãos transformaram-se em garras, as mulheres gordas, nutridas a vicio no fundo das alcovas, com joias claras sobre a pelle coberta de suor frio, parecem deformadas; aos velhos diplomatas cahiu-lhes o verniz, e, seccos, lê-se-lhe nos olhos secura até ao amago. Entre as manchas de velludo e o oiro que retine, as risadas sobem mais alto, nas boccas asperas e

nos focinhos tragicos. Basta olhar para elles para saber que não ha a esperar piedade. Até nos risos das mulheres mais bellas se adivinha uma certeza feroz.

Todos assentaram a pata. A bocca desta creatura loura, com uma carnação de inarmore (era aquella velha archiqueza cachetica...) ressuma uma sensualidade de fera. As mãos deste homem, de dedos afiados, fazem tremer e scismar: são mãos que esganam no silencio com requintes de vagar e crueldade—com medo tambem... Todos os que se dobram sobre o panno verde teem não sei que de bichos monstruosos, creados ou por crear, com focinhos de paca, carapaças de clamydophoros, pellos de otaria, beiços salientes de dugong. Ha faces que pertencem a dois bichos, ha faces impassiveis, que, apezar da regularidade, são de animaes estranhos, impiedosos e gelados. No olhar azul desta mulher soberana, perpassa o olhar d'um animal já perdido nos tempos—e n'este ser glabro, encostado á hombra d'uma porta, o mysterio do sapo e a obscenidade do gorilha. Os risos têm outro som; os dentes novos, que uma saliva nova faz rebrilhar de saude, substituiram os dentes podres. Este ser astral e loiro, fino e loiro, que se torce como uma cobra, misturando sempre candura ao sorriso infame, foi a D. Telles das Reles, engelhada e secca,

somitica e aspera. Reparem no pudor da D. Eulalia que consegue ainda — é a sua especialidade — chamar á face onde ha tintas inemitaveis e verdadeiras, um rubor de virgem assustada e submissa, perante as repetidas infamias galantes que lho diz ao ouvido, apertando-a docemente nos braços, este diplomata com focinho de cão, que ainda a semana passada gosava n'uma cadeira de rodas as delicias da idiotia, e agora ro-dopia phrenetico a sua decina valsa.

Estão aqui outras vidas, outros sonhos, outra ferocidade. E está aqui tambem presente a floresta apodrecida... As arvores não se voem, mas estão tambem aqui... Está aqui a floresta apodrecida, e com ella as fórmãs de sonho e as fórmãs de dor mutilada que vagueiam na profundidade das profundidades, os contactos viscosos, as mãos geladas ainda em esboço, os sêres cegos e com gritos, porque não sabem ainda viver, as fórmãs hesitantes do pezadelo...

Nas salas de jogo todos remexem no oiro com um prazer que se adivinha, fazem correr o oiro entre os dedos, telintar o oiro sobre o panno da meza. E um homem, correcto e de negro, rapa o oiro, espalha o oiro, distribue o oiro, emquanto nos salões, ellas de branco e langorosas, elles, de novo romanticos e por dentro seccura e lascivia — velhos remoçados, velhas remoçadas — se prepa-

ram para novas valsas que não conseguem fatigá-las, fingindo novos ais, novos pudores, novos arrebatamentos, outra expressão, outra luz que nenhum dinheiro paga, outros sorrisos postiços que valem mortes e imperios. Arfam globos brancos e elasticos, cheios de promessas, que se fingem esconder n'um farrapo de renda — onde só existiam seios murchos — rebrilham carnações esplendidas, que substituíram a pelle repugnante, presentem-se e sonham-se noites de amor — com um bocado de lua — em vez de fistulas, amargores, suspiros e reumathico. O geito rythmico em que se abana a D. Possidonia, vale todos os poemas de amor e noites infinitas de gritos na floresta apodrecida... Tudo, n'ellas e n'elles, é sedução e secura, promessas ingenuas e lascivia de bichos em recantos ignorados do deserto, denguices executadas com maestria e arrebatamentos ingenuos com setenta annos de exercicio. Ha alli velhos do tempo passado, com a espinha fundida de novo e a pratica de universo; velhas mumias remoçadas, que gastaram os ultimos annos a arrepender-se e a suspirar, a arrepender-se e a desejar, a afastar a luxuria e a pensar no inferno, a scismar nas torturas do inferno e a sonhar em novas luxurias. Ha alli decotes em que o seio suspira pelo passado e pelo futuro, e donas sentimentaes, cujo olho de miosotis possui todo o

magnetismo da mocidade e cem annos de repetidas experiencias.

Pelas avenidas sem fim convergem ainda mais multidões e no céu tempestuoso fuzilam mais relampagos... O clarão ilumina a cidade tetrica, que logo a noite absorve—e logo os dois braços monstruosos começam a cumprir a sua tarefa methodica. A tempestade aproxima-se. É o momento em que a descarga mais proxima desaba sobre o casino e espedaça o lustre monumental, como se estilhaçasse ao mesmo tempo todos os vidros da cidade; é o momento em que os pares, sob o prazer e sob o choque, com medo á morte, se agarram como ventosas, mordendo-se na bocca, ellas outra vez moças, com gritos em que o terror se mistura á volupia, elles como conquistadores que violam e saqueiam uma cidade. Parou a orchestra; nem uma luz na escuridão: só ao grito de terror e de bestialidade se mistura outro, sempre mais alto, sempre mais intenso, das multidões sofregas, que avançam e exigem no mesmo rugido, no mesmo uivo, no mesmo clamor:

— A vida! a vida! a vida!

A ARVORE

15 DE SETEMBRO.

PRECISO aqui duma arvore...

É filha de cavadores e neta de pedreiros: obstina-se e por fim afaz-se.

A dôr afeiçoa-a. Aceita tudo: a vida e a morte com a mesma resignação. E depois desta vida aceita ainda outra com o purgatorio e o inferno.

Pouco e pouco a ternura torna á supuração. A filha fugiu-lhe. Sabe que a D. Hermengarda, pobre e cachetica, pára n'um hospicio, e vae lá buscal-a. Caso extraordinario: vê mais naturalmente a desgraça da filha do que a pobreza da D. Hermengarda. É a sua senhora. Limpa-lhe a baba e cata-lhe o piolho; bezunta-a de pomada,

e nos seus olhos de cão ha uma inexprimivel serenidade. A D. Hermengarda ainda tem exigencias. Manda e a Joanna obedece. Melhor: trabalha para lhe dar de comer. Está afeita. De dia carrega bahu—seis vintens... doze vintens...— á noite o quadro é este: a veneravel D. Hermengarda n'uma cadeira de rodas, com um resto de quico na cabeça, e a Joanna extactica a satisfazer-lhe as impertinencias.

Não ouve, creio mesmo que não pensa. Os seus gestos são conduzidos por outras mãos, atraz d'ella ha outras figuras até á raiz da vida, que embalaram berços, choraram sobre a desgraça e tomaram para si o quinhão mais pesado. Até já nem é Joanna que fala, mesmo para contar a sua historia. Ou só, ou quando encontra alguém, a Joanna divaga:

— E vae eu disse-lhe... Fui ter com a filha e vae eu disse-lhe:— Deita-me ahi pão quente n'uma malga com meio quartilho de vinho.— E vae ella disse-me:— Tenho ahi pão velho, não enxerto o outro.— E vae eu disse-lhe:— As bagadas que tenho chorado caiam sobre ti.

Não sabe mais que dizer. Aquella fastidiosa prelenga ouviu-a a outras velhas e vem do principio do mundo: applica-a para exprimir a sua dôr.

O trabalho da vida é persistente e occulto. Gasta, desgasta, como uma pedra sobre outra pedra. Não é só por fóra que creamos rugas: por dentro a usura é immensa. Só a Joanna conserva a ternura intacta. O que havia a dizer era como se formou esta alma e eu não sei dizel-o. Por fóra farrapos, por dentro vida. O tojo mais bravio deita mais flôr. Um fio d'agua que reluz prende-me horas e transforma as pedras. A ternura da Joanna modifica-lhe a fealdade, pega-se-lhe ás mãos e aos trapos que a vestem. O que eu não dou é a expressão, o que eu não dou é a luz. Afundo-a, amolgo-a. E no entanto a figura impõe-se-me pela expressão maxima da dôr. A Joanna debruça-se sobre uma grandeza com que não posso arcar. Resiste, lucta e atreve-se. Augmenta. E tambem só ella no mundo não se importa de morrer.

Talvez a morte seja para ella a vida.

Esta luzinha viaja ha muitos milhares d'annos. É como a faúlha d'uma estrella, perdida na immensidão, que lhe custa a chegar á terra. E caminha sempre, humilde e obstinada, atravez do infinito — sempre. Por isso ella teimava: — O menino está vivo!... — Por vezes parece que se apaga. Reapparece atravez da obscuridade espessa accumulada ha seculos. Talvez toda a grandeza

d'esta mulher esteja n'isto: é que ella é conduzida por uma mão enorme. A sua ternura é instinctiva, a sua humildade é instinctiva...

— Pare. Pare a desgraça. Cria. É a velha que tira a codea á bocea para a dar aos netos. É a velha que encontraste lá boçado no caminho, de olhos aguados. Cada vez é maior. Traz este carreto á cabeça desde o principio do mundo e ainda o não poudes pousar. Embala os berços. Pega nas creanças ao collo. Desde o principio do mundo que estas mãos asperas amparam as creanças. Não é uma figura — é uma serie de figuras...

16 DE SETEMBRO.

O desabar da chuva lá fóra dil-o-hieis não exterior, mas ligado ao teu proprio sêr: são lagrimas que tenho ainda para ehorar. Da escuridão opaca resurgem e rodeiam-me os mortos: o montante que rachou a alvenaria e os cavadores que lavraram a mesma terra e eurtiram a mesma dôr. Este cheiro a pobre, estes traços corroídos pelas lagrimas, estes typos amolgados pela desgraça, povoam-me a noite toda e dizem bem com o desabar ininterrupto de lagrimas lá fóra. Outra coisa exprimem as figuras denegridas que vão appareendo por traz da figura da Joanna...

Some-se a mulher da esfrega e primeiro vem um velho que móe e remóe obstinado uma codea de pão. O pae de Joanna tinha oitenta anos quando morreu. Deram com elle cahido sobre o lar, levaram-n'o em braços para a enxerga. Quatro paredes, duas caixas de castanho, e junto ao catre, junto ao peito, a pedra secca, o granito. Uma mulher desata aos gritos debruçada sobre o catre:

— Vocemecê conhece-me? vocemecê conhece-me?

Os olhos não se lhe despegam da areia. Ao fim da vida tem de seu o alvião, a enxada e a manta no fio. A cabeça branca mirrou, a pelle é como a crosta que calcamos.

Tem não sei quê de raiz, tem não sei quê de tronco, afóra os cabelos brancos que o tornam humano, e o tempo revestiu-o da mesma côr dos montes. Deshabitou-se de falar, e pela grandeza e pelo silencio só o comparo á pedra. Tudo isto foi pedra. Elle e os seus, a poder d'annos, moeram-n'a. Creou-a. Sua vida está ligada á vida da terra. Á terra só falta comel-o.

Terra, terra negra e ingrata, terra de detricos de rocha e mortos, poeira d'arvores, suor de pobres, terra que tudo gastas e consumes, ha muito

que o fizeste teu equal. Nem sei distinguir-vos, mãos como pedras, pelle como a tua pelle.

A terra come e desgasta. A terra apega-se e encarde. Deforma-o. De revolvêr a terra, criou cascão e um olhar profundo. Só o comparo a Christo, a um Christo que tivesse vindo até á velhice, de desilusão em desilusão e de desamparo em desamparo.

Na noite negra desfilam outras figuras. Um chega e diz:— O corpo pede-me terra.—A pobre, com um sacco de estopa ás costas, espera a esmola e reza.

Agora este... Este resequiou como os morros de pedra, como a lage compacta. A pedra pega pedra. As mãos teem terra nas rugas desde que lidaram com terra. Curtiu annos de fome e de terra entranhada na pelle, entranhada na alma.

O casebre é de pedra, é de pedra o lar, e arri-ma-se d'um lado ao coração do monte. Por tecto uma trave e colmo, por chão terra batida. A casa tambem entra aqui. Pedras, ternura, afflicção, tudo no mundo deita as mesmas raizes. Uma casa não é só alvenaria: é dôr, vida e morte. A arvore tambem aqui entra: a arvore é uma construcção viva.

A mãe ficou prenhe. Eram tão pobres que, para o que havia de nascer, só amanharam um panninho, duas camisas e um lenço. Vieram as dôres e nasceram dois gemeos. Repartiu as camisas, rasgou o lenço e o panno ao meio, e, no casebre perdido, entre a natureza bruta, a mulher poz-se a chorar dando um seio a cada um.

Mais outras figuras se destacam ainda da noite. São de terra e pedra, são figuras deshumanas. Remóem o pão devagar e o fumo sobe pela parede e enegrece-a, camada atraz de camada. Aquecem-se ao lar. A pedra é um calháo arrumado á parede, uma lasca negra e resequida. E agora, noite funda, todos os mortos estão alli presentes e atendem... A pedra tosca do lar, a pedra salitrosa á volta da qual se juntam, é muito mais que um calháo. A pedra é sagrada.

Estão alli o avô, os avós, os jornaleiros. A um, tão entranhado de terra, mal o descortino. E atraz d'estes, ainda outros, mudos e disformes — outros como terra — outros como arvores decepadas — outros como fome e que mal sabem exprimir-se — outros a quem só se vêem as mãos nodosas — e a serie sumida de mulheres, bronco e dôr, que a vida consumiu, e que procuram debruçar-se para ouvir...

Está alli o montante que acometeu a pedra do monte dura como aço, e dias após dias curvou-se sobre a fraga e meteu-lhe o ferro até á raiz.

Um delles cavou e escavou o sobrado e dorme com a cabeça encostada ao granito. A terra desgasta-o, a terra imprime-lhe relevo e caracter. Cerra-se-lhe a bocca, greta-se-lhe a pelle. Elle e o monte suportam a mesma dôr, que não sabem exprimir.

A côr é a côr da fome, o frio o da pobreza. Gasta-os e desgasta-os o uso da vida e terra entranhada.

É o cavador... Tudo que era exterior puiu-o no cavador a terra, na mulher as lagrimas. Ficou só a expressão descarnada, como nos montes, como na propria casa onde as coisas são simples e eternas. Pariu-lhe alli a mulher, entrou-lhe lá dentro a morte. E as palavras reduziram-se tambem a esqueleto e teem o mesmo emprego sobrio: nem o cavador nem a femcea teem que dizer um ao outro. Só o môrro consegue deitar um fio d'agua, que lima alguns palmos d'herya. Concentrou-se em muda aflicção para produzir essas gotas geladas e um lameiro verde.

O eseuro gera uma serie infinita de mulheres . . . Ha em todas um momento de ternura antes da terra se lhes entranhar. Aos trinta annos a femea encardida está velha. Está velha de fome. Está velha de trabalho. Ella earrega. Ella levanta-se de noite para coser a fornada ou para ir á villa. Ella quando tem um dia de folga vae ganhar seis vintens de jornal. Ella pesa o pão e reparte-o, ficando com o quinhão mais pequeno. Com isto gasta-se. Nasceu eom a pobreza, dormiu eom a desgraça, e eom os annos uma figura se foi sobrepondo a outra figura. Apagam-se linhas, salientam-se traços, e a mesma côr humilde reveste a mulher e a alvenaria. Ella e a pobreza, ella e o dia d'hoje, o dia d'hontem e o dia d'amanhã; ella e os filhos para crear, os carretos para fazer; ella e a vida, todos os dias se vão amalgamando, luetando, empurrando eom desespero, até se crear esta figura e se apagar a outra, gasta pelo uso da dôr e pelo uso das lagrimas.

Sosinhas luetam, sorriem, amparam. Velhas e exhaustas espalham ainda ternura. Curvam-se sobre os berços, vão pedir pelos homens. E sobre isto ignoram-se.

— Mãe — pergunta a filha mais moça — mãe que coisa é casar?

E ella responde como sua mãe lhe respondera:

— Filha, é fiar, parir e chorar.

A vida é uma coisa séria e por isso emudecem. Guardam para si o bocado mais amargo, a tarefa peor de fazer. Se choram, choram baixinho para que as não ouçam chorar, alli nas quatro paredes de alvenaria, alli onde as trouxeram pela mão, entre as coisas familiares, o fôrno, o lar, os potes, a enxerga... Na enxerga onde morreu a mãe, nasceram tambem os filhos.

Ha seculos que a mesma serie de figuras repete os mesmos gestos. Ha seculos que a mesma mulher esfarrapada pare e o mesmo cavador revolve a terra. Ha seculos que comem o mesmo pão e a mesma usura os leva até á cova. Ha seculos que se choram as mesmas lagrimas e o monte deita a mesma agua. As mulheres trazem os pequenos ao collo e falam-lhes como lhes falaram a ellas. O que se gasta, o que a dôr e a vida consomem, é a parte externa: as lagrimas renovam-se sempre. As leiras dão sempre o mesmo pão escasso, no monte não se estanca o fio d'agua, que, como o fio de ternura reproduz a vida, remoça sempre quatro palmos d'herva. A mullier, esta ou outra, chora debruçada sobre a maceira, pare com dôr no mesmo catre, morre com dôr na mesma enxerga.

E no fim de todas, apagada e sumida, surge outra, a serva. Do escuro saem gemidos. A casa desapareceu: só correm lagrimas. Sinto uma mão que procura a minha mão, e uma voz que me diz ao ouvido:

— Escuita! escuita!

É a creada que serve o cavador desde pequena, a pobre que só tem de seu a saia que traz vestida, que mistura lagrimas ás minhas lagrimas.

— Escuita! escuita!

E aquece-me as mãos com bafo.

E se remexo o brazeiro — vejo outras figuras, outras ainda, até ao inicio da vida. Tão longe! tão longe! . . . Mal descortino já a luz tão pequenina e humilde, mal distingo a vida na treva condensada — uma luzinha de candeia, que ha seculos vem de mão de mulher em mão de mulher . . . Tudo volta á cinza. Diante de mim está sosinha a Joanna, que me mostra as mãos roídas, as mãos enormes, as mãos só dôr . . .

O mundo é feito de dôr — a vida é feita de ternura.

28 DE SETEMBRO.

Deante do universo é menos que um caco, é um pobre coração usado pela dôr. O ultimo gesto que a Joanna faz, é o seu primeiro gesto, mas esboçado apenas, como quem segue um fio já muito tenue de sonho, que não tem força para levar até ao fim, o de aconchegar uma creança ao peito — gesto que vem de seculos em seculos, desde o inicio do mundo, repetido pelas successivas imagens de mulheres já desfeitas em pó, repetido no futuro por milhares de sêres incriados.

Não soube nada na vida, não foi nada na vida, não percebeu nada da vida. Oh vida denegrida, monotona e sem sabor, de louça para lavar, de carros para fazer, afundaste-a, esfarrapaste-a, amarfanhaste-a, engrandeceste-a!...

Preciso aqui d'uma arvore. Uma arvore que dê sombra e ternura — uma velha arvore carcomida. Nunca pude passar sem essa sombra innocente. Meio morto de cansaço e de mentira deito-me ao pé d'ella e renasço. Todos a aproveitam — para o lume — para traves — para o caixão.

PAPEIS DO GABIRU

20 DE NOVEMBRO.

CHOVE um dia, outro dia, sempre. Amanhece um dia nublado, outro dia alvorece aspero e negro. O vento abala a pedra sobre que é construido o casebre. O inverno tem a sua voz propria, a sua côr, o seu vestido em farrapos com que agasalha os montes deixando-lhe os ossos de fóra. Mas o inverno é sonho. Só agora o comprehendo. É sonho concentrado: sob esta casca resequida está uma primavera intacta. Esta voz clamorosa é a voz dos mortos. Uma pausa, a prostração da tempestade, e depois redobra o clamor... Andam aqui as suas lagrimas... Na sufocação reconheço esta voz que me chama. E depois a tempestade, novos gritos, a escuridão profunda...

Lá andaremos todos não tarda! lá andaremos todos não tarda!

« Que frio o outro mundo! Que impassibilidade a do outro mundo!

Saudade, saudade de tudo, até do fêl, saudade de te não sentir ao pé de mim. Tenho saudade da vida. Só poder aquecer-me ao lume, só sentir o lume n'este inverno sem limites, n'este frio de morte — sem outra primavera! O que a vulgaridade sabe bem! o que a materia sabe bem!

Não vejo. Ceguei.

Disperso-me, e por mais esforços que faça, sinto-me desagregar: perco pouco e pouco a consciencia de mim mesma. Sou ainda ternura e pouco mais. Já não tenho lagrimas.

Quem me dera a desgraça!

E uma pena da vida! uma saudade da vida! uma tristeza de não poder misturar-me á vida! A vida — e um cantinho do lume, a vida banal, a vida comesinha... Tenho saudades do muro a que costumava queixar-me.

Vive devagarinho. Aquece-te á restea do sol como quem nunca mais tornará a aquecer-se; perde todas as horas a trespassar-te da vida.

Deixa que sobre ti caia o pó d'oiro. Vive-a.

Tu és a nuvem, tu és a arvore. Enche a consciencia de todas estas coisas, porque não tardarás a perdcl-a.

Vive— não tornas a viver. Põe d'acordo a tua alma com a pedra, extrahe encanto do céo e da miseria. Pudesse eu gritar! pudesse eu ter fome!

Só agora dou pelo sabor das lagrimas.

Sorri, esquece, dorme, sonha . . . »

21 DE NOVEMBRO.

Não me comprehendo nem comprehendo os outros. Não sei quem sou e vou morrer. Tudo me parece inutil e agarro-me com desespero a um fio de vida, como um naufrago a um pedaço de taboa.

Nem sei o que é a vida. Chamo vida ao espanto. Chamo vida a esta saudade, a esta dôr; chamo vida e morto a este cataclismo. É a immensidade e um nada que me absorve; é uma queda immensa e infinita, onde disponho d'um unico momento.

Talvez o mundo não exista, talvez tudo no mundo sejam expressões da minha propria alma. Faço parte duma coisa dolorosa, que totalmente desconheço, e que tem nervos ligados aos meus nervos, dôr ligada á minha dôr, consciencia ligada á minha consciencia.

Estou até convencido que nenhum d'estes sê-res existe. Este fel é o meu fel, este sonho grotesco o meu sonho. Estou convencido que tudo isto são apenas expressões de dôr — e mais nada.

Nós não vemos a vida — vemos um instante da vida. Atraz de nós a vida é infinita, adiante de nós a vida é infinita. A primavera está aqui, mas atraz d'este ramo em flôr houve camadas de primaveras d'oiro, immensas primaveras extasiadas, e flôres desmedidas por traz d'esta flôr minúscula. O tempo não existe. O que eu chamo a vida é um elo, e o que ahi vem um tropel, um sonho desmedido que ha-de realisar-se. E nenhum grito é inutil, para que o sonho vivo ande pelo seu pé. A alma que vae desesperada á procura de Deus, que erra no universo, ensanguentada e dorida, a cada grito se aproxima de Deus. Lá vamos todos a Deus, os vivos e os mortos.

O mundo é um grito. Onde encontrar a harmonia e a calma n'este turbilhão infinito e perpetuo, n'este movimento atroz? O mundo é um sonho sem um segundo de paz. A dôr gera dôr n'um desespero sem limites.

Eu não sou nada. Sou o minuto e a eternidade. Sou os mortos. Não me desligo disto — nem do crime, nem da pedra, nem da voragem. Sou o espanto aos gritos.

O sonho completo é o universo realizado.

Cada vez fujo mais de olhar para dentro de mim mesmo. Sinto-me nas mãos d'uma coisa desconforme. Sinto-me nas mãos d'uma coisa embravecida pela eternidade das eternidades. Sinto-me nas mãos d'uma coisa imensa e cega — d'uma tempestade viva.

Não só a sensibilidade é universal — a intelligencia é exterior e universal.

O universo é uma vibração. A vida é uma vibração na vibração.

Toda a theoria mechanica do universo é absurda. D'aqui a alguns annos todos os systemas serão ridiculos — até o systema planetario.

23 DE NOVEMBRO.

Ha dias em que me sinto envolvido pela morte e nas mãos da morte. Ha dias em que não distingo a vida da morte, e agarro-me como um naufrago a este sonho...

...Cheguei ao ponto, Morte. Cheguei onde queria. Tu és o meu sonho phrenetico. Não ha outro maior. Cheguei ao ponto em que te não distingo da vida. Tu és a vida maior. Por vezes vejo o grande mar, onde a lua deixa o seu rasto, caninhar direito a mim. Vagueia a floresta adormecida e avança desenraizada para mim... Cheguei ao ponto, Morte, em que não me metes medo. Aceito-te. De ti me vem a vida. Absorve-me. Só tu agora me prendes os olhos e de ti não posso arrancar-os. És o unico misterio que me interessa. Confio em ti. Cheguei ao ponto, Morte, eu que só de ti espero. Só tu resolves e explicas. Só tu acalmas. Aceito-te mas intimote. Toma a forina que quizeres, mais negra, mais tragica, mais torpe—bem funda é a noite e está cheia de luzeiros:—recebo-te, mas como um passo a mais para outra iniciação, para outro assombro, e até para outra dôr se quizeres, porque da dôr extraio mais belleza, mais vida e mais sonho.

...E contudo esta resignação é fictícia... Não, nunca acordei sem espanto nem me deitei sem terror. Ainda bem que o digo!

Siga a vida seu curso esplendido. Sabe a sonho e a ferro. É ternura, desgraça e desespero. Leva-nos, arrasta-nos, impele-nos, enche-nos de ilusão, dispersa-nos pelos quatro cantos do globo. Amolga-nos. Levanta-nos. Aturde-nos. Ampara-nos. Encharca-nos no mesmo turbilhão do lodo. Mata-nos. Mas um momento só que seja obriga-nos a olhar para o alto e até ao fim ficamos com os olhos estonteados. Eu creio em Deus.

The first part of the document
 describes the general principles
 of the system and the
 various methods of
 application. It is
 intended to be a
 practical guide for
 the use of the
 system in the
 field. The second
 part of the document
 contains a list of
 the various
 methods of
 application and
 the results of
 the experiments
 conducted. The
 third part of the
 document contains
 a list of the
 various methods
 of application
 and the results
 of the experiments
 conducted. The
 fourth part of
 the document
 contains a list
 of the various
 methods of
 application and
 the results of
 the experiments
 conducted.

A OUTRA COISA

25 DE NOVEMBRO.

HA no mundo uma falha. Os poentes são labaredas rôxas: resquícios de escarlata, dois, tres grandes jactos violetas que se estendem pelo céo — uma maravilha chimerica. A primavera prolonga-se: superabundancia de flôres nas arvores, espiritualidade na materia, como se as arvores fossem morrer. Mais flôres, mais poentes onde o oiro e o rôxo predominam, mais gritos no mundo, mais vulcões de côres, que presagiam catastrophes, e um ruido apagado, esquisito, insuportavel dentro de nós proprios, que só comparo ao som d'uma borboleta esvoaçando contra as paredes d'um vaso.

É a morte que faz falta á vida.

Paira sobre o mundo uma alma monstruosa, um fluido magnetico, onde se mesclam todas as coleras, todos os interesses e todas as paixões, e essa alma envolve, penetra e reclama dôr. Formam-se tempestades e terrores electricos. Anda ávida, desencadeia catastrophes, desaba desgrehada, com uivos nocturnos de desespero. Cala-se — é peor: ninguem lhe suporta o peso. Produz jactos d'ouro, auroras boreaes, grandes incendios no céu como se o globo ardesse. Despenha-se em montanhas de côr, em abismos rôxos, paira em campos ethereos de uma serenidade elysea. São talvez os mortos que reclamam mortos. É talvez a vida universal perturbada. São outras gerações esquecidas, camadas informes de que ninguem suspeita o nome, legiões sobre legiões incognitas — é a vida embrionaria que reclama a sua entrada na vida.

E, no fundo, sob este subterraneo, ha outro subterraneo: ouço passos a as vozes de mais outros ainda que sobem para a superficie. Todos os mortos se misturam aos vivos. Arrombaram de vez os sepulchros. Tu que não viveste queres agora por força viver; tu que não mataste queres agora por força matar. Mais mortos desde o inicio — maior mixordia. Todo o esforço era para virem á supuração. Atraz d'uma camada havia

outra camada. Ha seculos que carregamos nas tampas dos sepulchros para os não deixarmos sahir. Na realidade nunca se jogou o gamão nem se disseram palavras vulgares. Atraz d'essa apparencia estava intacta uma coisa desconforme, e ás vezes por uma fresta irrompia a claridade do inferno... Agora a terra desfaz-se em mortos, como uma acha se desfaz em fumo.

O que era vida irreal, é agora realidade, o que era vergonha, ninharia e ridiculo, é a vida agora. O que toma pé são os sonhos, o que se agita são as paixões desregradas. Não ha limites nem peias. Vêem-nos como eu te vejo a ti. Tenho deante de mim este espectáculo, como se fosse possivel aes homens desdobrarem-se e tomarem corpo, ideias e paixões. Elles são aquillo que occultamente desejavam ser, são o que não se atreviam a ser. Sob um mundo de verdade ha outro mundo de verdade. É esse mundo invisivel e profundo que passa a ser o mundo visivel. É esse. Todo o homem é uma serie de phantasmas e passa a vida a arredal-os. Chegou a vez dos phantasmas. As nossas ideias e paixões é que formam as figuras que actuam na vida.

Segunda noite de luar. O perfume estonteia.
Segunda noite de luar branco, indifferente, coa-

lhado, segunda noite de espanto. Redemoinhos de figuras e d'acção até aos confins dos seculos. Outr'ora, n'uma vida monotona e incerta, só se realisavam duas ou tres horas de exaltação. A vida agora é uma exaltação perpetua.

Tudo mudou: a arvore não existe como a pedra não existe. O unico mundo real é o mundo irreal. Todos nós andamos a crear um mundo que é o unico verdadeiro — os vivos e os mortos. Todos trabalhamos com o mesmo afan para o mesmo fim. Já a materia se adelgaçava... O mundo ideal é o mundo da dôr, do sonho, é o universo reconstruido. A vida quotidiana é o maior dos dramas — com a vida oculta ao lado — e cada dia tem o peso d'um seculo.

Ri-te agora se podes da D. Leocadia, que rumiça como lady Machebeth as peores ruinas. Esta vida é feita de todos os nossos esforços e dos esforços do fundo. Somos apenas um reflexo dos mortos, e agora que tu queres falar com a tua voz, é que as ordens são mais catheticas e o conflicto monstruoso. Segunda noite de luar, branco, estranho, infavel. Toda a noite o rouxinol cantou. Duas, tres horas, e canta ainda apaixonado e phrenetico... Debalde quero libertar-me dos phantasmas, debalde quero viver da minha propria vida!...

É que a vida não és tu nem eu, a vida é uma

massa confusa e heterogenea, um pesadelo, uma nuvem negra ou uma nuvem d'oiro, uma tempestade electrica, com boccas abertas para risos e boccas abertas para gritos. Não é um detalhe— é um panorama. É um immonso farrapo dorido. Anda aqui a alma de Joanna e a seccura das velhas mesquinhas. É tão necessaria a este fluido a dôr muda do cavador como o sonho desconexo do Gabiru. Anda aqui a primavera, as lagrimas que tenho chorado e as que tenho ainda para chorar. Anda aqui a tragedia, a pedra, a arvore, a tua innocencia e a minha desventura. Tudo isto se congrega, e esta alma não vive sem a tua alma, este grotesco sem o teu genio, esta vida sem a tua morte. Andam aqui os mortos e os vivos, a arvore que ha-de ser arvore o o tronco que se desfez em luz. É um sêr immenso a que não vejo senão partes. Anda aqui a luz o a sombra, e a luz não se distingue da sombra nem a vida da morto. A vida está tão feita adeante de nós como atraz do nós. Está tão feita no passado como no futuro. Se o futuro ainda não existe, o passado já não existe. E tudo isto se congrega. A vida absorve-me e ponho-a em acção. Impregna-me o faço-a caminhar. Pertence-me o pertence-lhe. É o passado e o futuro — Jesus Christo vivo, Jesus Christo morto, e Jesus Christo resuscitado.

26 DE NOVEMBRO.

Estamos á superficie d'esse oceano embravecido, e o impulso vem das camadas mais profundas, das camadas informes. São todos. São até os que nunca tiveram olhos para vêr, os sêres esboçados, com mãos rudimentares, apparencias d'arvores e de figuras mutiladas. É a terra viva.

É só sonho, é sonho estreme e dôr estreme. Cada um assiste á projecção da sua propria figura monstruosa no passado e no futuro, cada figura tem omfim as dimensões de dôr, que as palavras, as regras e os habitos lhe não deixavam ter. Cada alma é desmedida e tragica e vem desde os confins da vida até ao infinito da vida. Cada um na floresta entontecida representa o maximo de sonho e o maximo de ternura. Cada sêr é omfim um sêr completo e doirado, atinge a belleza e Deus.

As florestas já mortas, a luz das estrellas desaparecidas no cahos — tudo aqui está presente. O esforço dos mortos, o sonho dos mortos, o desespero dos mortos sobre mortos, o reflexo de ternura, a mão que amparou, a bocca que sorriu, levadas pelo vento que soprou ha dez mil annos, aqui estão vivos. Aqui está vivo o sonho que sonhamos todos, o primitivo sonho humilde e o

sonho repercutido de seculo em seculo, assim como a tua voz compadecida. O sonho sepultado nas profundidades da terra, o primeiro resquicido, o nada e o sonho phrenetico, tudo aqui está na floresta embravecida. E, com ou sem bocca, com ou sem consciencia, nunca mais deixarei de andar n'isto, disperso, amalgamado, confundido, de fazer parte d'este drama, queira ou não queira, proteste ou não proteste. Tudo é inutil, todo o esforço inutil, todas as palavras inuteis. Reconheço-o. Mas não me canso de prégar, não posso deixar de prégar, até cahir vencido e exausto dominado e deslumbrado. Na floresta embravecida, em que todos participam do mesmo sêr, até a mulher da esfrega encontra emfim Jesus:

—Será vocmecê o José do Telhado que o tira aos pobres para o dar aos ricos?

—Sou um pobre de pedir.

—Será vocmecê Nosso Senhor Jesus Christo que veio ao inundo para nos salvar?

30 DE NOVEMBRO.

Chega o momento em que me perco, em que tenho inedo de mim mesmo, em que me atemorisa o som da minha propria voz. Quem sou eu? Os outros? Sou os outros? São elles que falam, que ordenam, que me impelem? Eu sou os mor-

tos! eu sou os mortos! Eu sou uma serie de phantasmas, que se açulam entre mim e mim. Reconheço-os. O gesto esboçado ha milhares d'annos, e perdido, consumido, consegue hoje realisar-se, o gesto que a morte calou n'uma bocca ignorada, faz echo no mundo. Todos os sonhos são realidades, os mais altos, os mais humildes, os mais bellos e os mais grotescos. Só os sonhos são realidade n'esta noite quieta e caiada, com uma mancha vermelha de polo a polo.

Aqui está agora isto a que se chama noite de luar, branca, inerte, passiva, com a lua espargindo luz sobre o doirado. Aqui está a arvore, e era a isto que se chamava a arvore! Aqui está a pedra e era a isto que se chamava a pedra! Aqui está o céo e era a isto que se chamava o céo! Reconheço-vos.

A morte encontra-se só — cortaram a arvore pelo meio. Anda pelo céo como um cometa que desatasse aos tombos e aos gritos — de desvario em desvario. A cada grito empallidece, esbrazeia, muda de côr, abre a cauda de oiro, de trambulhão em trambulhão . . .

A morte faz estremecer o mundo até á raiz. A morte já não tem a mesma significação. A

morte é agora inutil e anda á solta no infinito, desgrenhada, dorida e doirada. Desespera-se. Tenho medo de lhe tocar. O drama que se passa em cima é maior que o que se passa em baixo. É peor este tumulto de inferno, este elamor de que me não chegam as vozes, esta força incoherente de pé — todas as forças de pé — posta a caminho para o desconhecido. É peor. E a cada grito em baixo corresponde um grito em cima.

Reconheço o grito que sae da noite. São os vivos e os mortos. . . Mas então que significação tem isto no universo, a dizer palavras inuteis no meio d'esta balburdia, d'esta escuridão eerrada, d'este doirado feroz, d'este redemoinho sem nome? Para que é que eu existo e tu existes? Para que é que eu grito e tu gritas? Isto não és tu! isto não sou eu! Isto é a vida temerosa, de que não representas senão uma insignificante partieula. Tu não és nada, a vida é tudo. O combate é incessante entre os vivos e os mortos, entre os mortos e os vivos. Todos gritam ao mesmo tempo, todos caminham ao mesmo tempo para o mesmo fim esplendido.— Oh eu quero crêr!— Porque é que gritas?— Fecha os olhos! fecha os olhos!— Agora sou eu quem falo! Agora são elles que falam!...

Oh minha alma pois eras tu! Agora te reco-

nheço! Capaz de tudo, capaz de baixezas e capaz de sacrificios. Tão pequena! tão tranzida! Não vales nada e pudeste tanto! Oh minha alma, pois eras tu, eras tu! Pudeste arcar com o universo, olhar Deus, construir Deus. Devo-te tudo: a ilusão, a tinta do céu, o sonho erratico das vastas florestas. Eras tu! eras tu!... Tem-me custado a dar contigo, tão mesquinha e capaz de povoares e céu de estrellas e o mundo de sonho. Atreveste-te a tudo. Afirmaste. Negaste. Eras tu, sempre dorida, sempre anciosa, nunca satisfeita, e coubeste dentro de quatro paredes. Tornaste-me a vida amarga. Encheste-me de ridiculo. Atiraste-me aos encontrões contra a massa cega e compacta, levaste-me como restos de folhas n'esta procella de sonho. Fôste a melhor e a peor parte do meu sér.

Eras tu! E pude com esta enxurrada de côres, de tintas, de impulsos, a instigar-me e a deslumbrar-me! E pude ao mesmo tempo com a dôr! Fiz parte da dôr. A desgraça viveu comigo e o sonho viveu comigo. E pude com a vida! Atravessei este mar monstruoso, servindo-me de meia duzia de palavras. Que importa ser ridiculo? Que importa ser a D. Idalina ou a D. Ingracia? Suportei a vida — suportei tudo. Que im-

porta a tua mentira, se atravessaste a labareda e ainda conservas o chale tisonado?

Para onde vamos aos gritos? para onde vamos aos gritos?

O pezo da vida e o pezo dos mortos sente-se cada vez mais. Todos clamam ao mesmo tempo de pé para essa coisa immensa e doirada, n'um deslumbramento. Os mortos que nos pareciam mortos, camada sobre camada, estão aqui de pé ao nosso lado.

E o pezo é cada vez maior. Até agora viviamos com elles, respiravamos com elles, mas não sentiamos o pezo d'essa poeira viva que é a sombra e a luz. Agora não podemos com elles...

E o lamento, o uivo sobe cada vez mais alto. Debalde tapamos os ouvidos: o uivo penetra nas almas. E a um grito em baixo corresponde logo um grito em cima.

E as mulheres das viellas põem-se a chorar, os ladrões das estradas desatam a chorar...

O uivo não cessa. Irrita. Enche o mundo todo. Quem grita? Nós propios? O homem que range

por não poder suportar a vida? O grito domina tudo, trespassa o globo e echôa no mundo.

E outra coisa monstruosa tomou o lugar da morte, outra sombra se entranhou de salto na vida, outro turbilhão arrasta os homens. Modificaram-se as estrellas com os sentimentos. Cada sêr augmenta como se encerrasse em si a vida até aos confins dos seculos. O passado não existe, o futuro redobra de proporções. Perdeu-se a noção da desgraça e a noção do tempo, e a Via-Lactea, onde se concentra toda a sensibilidade do mundo, alastra entre os astros, de lez a lez, n'uma enorme mancha de sangue.

Ouves o grito? ouvel-o?... — É preciso matar segunda vez os mortos.

VÊM AHI OS DESGRAÇADOS...

5 DE DEZEMBRO.

VENEZA tornou ao pantano, Florença e os seus Offici ardem: outro Savanarola queima em plena praça os quadros, as tapeçarias e as barbas postiças. Roma é uma ruina a juntar a outra ruina. Do Vaticano nem os ossos ficam: só o insaciavel Colyseu continua de bocca aberta a reclamar mais victimas. Alguma cinza resta das bibliothecas de Londres, de Paris e de Berlim. Pezames ao caruncho. Acabaram as literaturas, e os genios, reduzidos á imbecilidade, ruminam como o grande Chateaubriand, com um fio de baba:

Les petits cochons mangent de...

Et nous mangeons les petits cochons.

Destacam-se para a fronteira dois corpos de exercito. Já a plebe, segundo a Havas, se deitou

a caminho dos confins do universo, em massas que a humanidade se deshabitnara a vêr desde as primeiras cruzadas. A vida oscila, pára, e quem põe o ouvido á escuta sente o rumor da marcha iniciada... As creanças e os passaros enudeceram, o que produz na terra um silencio atroz. Os olhos encheram-se-lhes d'uma tristeza irreflectida, innocencia e extracto de vida, sentimentos que se não coadunam. Tenho vontade de fugir, de me meter n'um buraco onde não ouça rumor... Avança direita a mim a marcha de pezadello. Mais perto! mais perto! O circulo estreita-se, o negrume povôa-se d'olhos aguados. Redobra, arfa, estende-se. São os pobres. É preciso inatal-os. Não cabemos todos — não se cabe na terra. É necessario convencel-os de que a morte liberta e ignala... Até aqui a desigualdade terminava deante da morte. Agora o rico corrompe-a com um punhado d'oiro. E ha pobres de mais. Ser pobre é a peor das desgraças; é agora ser duas vezes pobre.

Debalde tapo os ouvidos: o rumor sobe cada vez mais alto. Ouço um grito como se eu proprio gritasse. Do escuro avançam multidões confusas, que se despegam da penumbra como se o negrume as criasse, para arrancarem, léva atraz de léva, na mesma direcção e no mesino impeto. Morrem de fome, dizimam-nas á bala. Já a sombra vomita outras multidões desesperadas. Não

ha quem as detenha. Marcham sempre. E ao fundo agitam-se novas forças empurradas pela mesma força...

Na França, na Italia, na Russia, o exereito bandeia-se com a plebe. Na barafunda da Europa ardem aqui e alli cidades inteiras. Um brazido e gritos... E os ultimos telegrammas denunciam cohorts sobre cohorts de povos afastados marchando tambem no mesmo sentido. Mais gente, multidões de sonho. Redobram as passadas monstruosas... Paris arde, em Londres não fica pedra sobre pedra. A massa converge e dirige-se, como nas cruzadas, para o mesmo ponto magnetico da terra. E já nos confins da Asia, na China e na India, se podem seguir no mappa identicos redemoinhos e se aprestam caravanas para o mesmo destino. Os pobres não querem morrer. Caminham, e por vezes tomam uma cidade d'assalto, e deteem-se minutos ou dias violando mulheres, arrasando bancos e arrastando na lama farrapos inuteis on eoroas de reis. A soldadesca aeaba-os á baioneta como rebanhos amedrontados, mas outra massa inesperada resurge, outra multidão mais espessa com gritos e coleras. Em Berlim saqueado, o exercito cerca a cidade e extermina-os até á ultima, mas Berlim é uma mesela de restos e de muros enfunados onde comanda um general. Em Paris, o povo, depois de arrastar pelos *boule-*

wards mulheres nuas, princezas, cantoras ou me-retrizes, encharea de petroleo os museus e deitallhes o fogo. Vienna arde. Por ultimo cessa toda a communicacão telegraphica, e só mais tarde se sabe que, por accordo realisado entre as potencias, um governo central resolveu defender alguns pontos estrategicos, os Pyrineos, os Alpes, os macissos centraes, como ultima tentativa de resistencia. Quem pode, porém, contar com a fidelidade da tropa? A loucura pega-se, e na noite os soldados ouvem gritos dentro de si proprios e atiram fóra as armas, bandeando-se com a plebe.

Outras bases de vida! outras bases de vida! Desaba o scenario de panno e ripas. Não se sabe de que antros irrompe esta casta, que ninguem viu até hoje e que destroe tudo. Depois dos pobres, vêm outros mais pobres ainda; depois dos desgraçados, vêm outros mais desgraçados ainda, e arrasam as ruinas que os primeiros deixaram de pé. Debalde contra a força desabalada manobram os pequenos exercitos coligados — varios milhões d'homens. Atraz da massa impenetravel, resiste outra massa impenetravel. Ceifada a horda, outra horda se aprompta para a morte. De que vale ser rei, senhor d'Aquem e d'Além mar, de thesouros e povos? Tomara eu ser mendigo! Bem dizia o outro: «experimentamos o amor

—experimentemos agora o odio». Os ultimos telegramas dão a situação como desesperada. Surde uma gente de que se não sabe a lingua e que talvez não saiba falar. Liberdade, egualdade, fraternidade, parlamento, questão social, tudo é varrido como lixo. Tudo o que mantinha o pobre na pobreza e o rico no goso, desapareceu de vez. Escacou-se a vidraça por traz da qual a plebe observava a vida, sem se atrever a partil-a.—Defendam-se! defendam-se! Não ha a esperar piedade!—D'onde saem agora estes homens semi-nus?... A Inglaterra cahiu nas mãos dos mineiros, e nem resquicios existem dos jardins verdes e imoveis, simulacros da natureza, onde nem o vento se atrevia a perpassar, nem da hypocrisia, nem da flor branco e oiro do patriciado. Resta a populaça cheia d'alcool, aquecendo-se ao lume de Westminster. Reduziram a cacos as machinas, e os bancos escorrem oiro como os vivos escorrem sangue. Os homens amarelos, de chapu de côco e rabicho, pegaram fogo a Peking. Crepita a magestosa avenida, que conduz ao Palacio Imperial, por entre monumentos seculares e balaustradas de marmore. Paris é uma fogueira, mas em Montmartre ainda se canta: não ha dor que cale aquella voz esganiçada. Um velho actor coroa-se imperador da Galia, logo varrido com a sua côrte de opereta.—Eu sou

deus! eu sou deus! — clama outro. E outro préga: — Eu sou o propheta Elias! — Histriões conseguem arrastar bandos fanatisados. Reclamam o dizimo e agregam alguns hypocondriacos com realejos e discursos. — Eu sou deus! eu sou deus! — Mas o mundo já não suporta facecias... Resta a fome, o egoismo, a dôr — o homem em frente do homem. Anda o horror á solta e na obscuridade só se ouvem gritos. De todos os buracos do globo surgem mais seres estranhos dirigidos por hordas chimericas. Contra elles manobra a cavallaria cujo galope abala a terra. É quando se extingue de todo a piedade e se realisam as palavras da Escriptura: «Entre os humanos não ha fé nem lei...»

O primeiro bando que corre as ruas da capital é facilmente disperso, mas á noite a esquadra sublevada bombardcia o arsenal e novos grupos armados assaltam os quartéis. A rainha mãe exige que o filho carregue á frente das tropas, mas o moço principe abandona o palacio e encerra-se na cidadela com alguns batalhões ficis e meia duzia de officiaes chamuscados. Na rua comanda o povo um homem colerico, com dragonas de museu e a espada tinta de sangue na mão crispada.

Arrombam as repartições e os cofres. Atiram

para a rua bagatelas, moveis, e um politico de barriga balofa, lunetas cahidas e olhos esboga-
lhados de terror. Ao lado espetam um letreiro:
— Basta de discursos!—E o cadaver, ao fim de
uma vida de crapula, rethorica e charutos, adquire
não sei que de ficticio, de palhaço irreal, que á
custa d'abjecção se fez trapo e cabe bem no en-
xurro.— Mata! mata!— Alguns refugiam-se de-
baixo das camas. Lá os rebuscam mãos colericas.
Quebram tudo, que não comprehendem e os
irrita: moveis, estatuas, quadros. N'um arranco,
que vem da inconsciencia, despedaçam os homens
imponentes, as mulheres decorativas e os palacios
inuteis:— Deitem tudo abaixo! deitem tudo abai-
xo! N'este mundo os mais honrados são os que
estão na cadeia. Queimem tudo! Queimem tudo!
Queimem os papeis, queimem os jornaes, quei-
mem todas as ninharias, todas as mentiras e todo
o grotesco contemporaneo. Ai de ti se és pobre!
A pobreza é a unica chaga e a unica infamia. Ai
de ti se és pobre que és escarnecido e ladibriado.
Deitem tudo abaixo, os albergues e os asylos.
Deitem os hospitaes abaixo! Peguem fogo a tudo!

O ribombo da artilheria mistura-se ao uivo
da besta luxuriosa, aos gritos de terror e de lou-
cura, ao rugido da infamia e ao vomito dos be-
bados. Ao longe não cessa o crepitar das metra-
lhadoras. Ás esquinas estaeam bandos com olhos

atonitos de quem vê pela primeira vez realizados os seus sonhos. Aqui e alli a cidade deita as tripas á rua — um velho canapé servido, um canapé suspeito, com nodoas e a crina de fora ao lado de farrapos e restos. Um homem, dois homens esburacam um muro, indiferentes aos gritos da população, absortos na sua obra: a parede d'um banco, ou uma vingança a satisfazer. N'um recanto rodeiam um cadaver semi-nu algumas raparigas com uma curiosidade perversa. Mais bandos de phantasia e sonho, bandos de crime, guarda-roupa de theatro, guarda-roupa de palacios, guarda-roupa da realeza. Os soldados atiram á bala rasa sobre os insurrectos. Meia cidade arde. Erguem-se novas barricadas. Vagueiam nas avenidas, sem chefes e sem norte, regimentos despedaçados, e os cavalos abalam n'um galope de dôr com as tripas a rasto. O grande general, refugiado no quartel, arvora a toda a pressa, perante a plebe ameaçadora, a fralda da amante na ponta d'uma espada. Alguns destroços conseguem retirar em ordem para a cidadela, onde a rainha mãe, com um chapéu de plumas e um chicote na mão, remoçada e loira, aponta os canhões e dispara-os, á duqueza de Montpensier.

N'essa noite a loucura atinge o auge: sac tudo para a rua, velhos e doentes fugidos ao hospital,

trapos como nunca se viram trapos, figuras como nunca se sonharam figuras. Um com uma arma inutil, outro com um calhão. Riem de desespero porque vão matar. Vem tudo: vem o pobre, os empregados a quem a submissão curvou, com um odio entranhado aos papeis, aos cadastros, ás bibliothecas e aos archivos que tresandam a bafio, as mulheres e os doidos. Destroem tudo: os museus d'arte que a multidão não comprehende, e o mundo de artificio que só foi possível á custa da sua dôr. Ardem os asylos, os hospitaes e os quarteis, as casas de luxuria, as convenções, o bem e o bello, arde tudo, tudo regado a excelente petroleo flameja e crepita por essa Europa fóra. É o secreto instincto da besta que não quer sofrer mais, que não quer pensar mais, e que se traduz por este grito supremo:— Regressemos ao Paraizo, regressemos á animalidade. Só o homem morre, porque sabe que morre.— Por toda a parte desesperos, lagrimas inuteis, urros de besta saciada, por toda a parte sangue, alcool, clarões de incendio. O homem regressa á caverna e aniquila a intelligencia, a dôr e a duvida...—Nunca a noite me pareceu mais bella nem o ar mais puro. O coração bate-me com um largo rithmo deante d'este espectaculo, e aspiro violentamente o cheiro amargo a eucalipto e a sangue como quem aspira um perfume...

Entre as alas da multidão que se comprime começa o desfile dos prisioneiros de guerra. Vem primeiro os ministros, depois as prostitutas, depois actrizes representando as ultimas revistas, depois diplomatas representando os ultimos papeis, depois a finança e os bancos, depois musicas. Segue a Egreja e os seus grandes prelados, e o genio que não serviu senão a sua vaidade e o seu egoismo; a arte e os seus grandes ouropéis; os juizes, a magistratura, a complicação para ganhar dinheiro e um catafalco monstruoso, um catafalco complicado e inutil. Toda a gente assiste sem um grito, sem uma exclamação, sem uma palavra. Seguem o prestito meninas com azas e mantos azues, meninas com legendas, musicas esbaforidas, e um homem convencido, que solta pombas brancas sobre a multidão. Acompanham-no outros com disticos de papelão dizendo: *Felicidade universal — Paz, união e progresso — Moralidade — Fraternidade! Fraternidade!* A passo avançam servos com algumas cabeças degoladas em pratos de cobre, alguns reis a dançar como o propheta David, o corpo de baile do theatro da Opera, dôr, mistiforio, absurdo e chufas. Gente ás gargalhadas e uma mulher palida, com olhos de espanto e as mãos torcidas de desespero. Alguns cadaveres arrastados pela lama, algumas meretrizes nuas, alguns homens nota-

veis de grandes barbas postiças. Damas vaporosas, a mulher de cabellos pintados, bella como um animal, adorada como nunca o foi pela bestialidade e pelo instincto, e com ella hymalaías de farrapos, do chapeus, de rendas reduzidas a cisco, que se onredam nas pernas, voam ao vento, e se amontoam nas ruas. Segue o respeitavel corpo medico, e depois as gerações superiores que tiram da vida o maximo rendimento que a vida pode dar, sabondo manejar os homens e fazendo á noite o calculo do seu dia, e atraz a mudança tragica d'uma velha casa sem serventia, com coisas imprevistas de grotesco, trapos, velhos retratos de comendadores, moveis suspeitos, lixo, e a D. Idalina n'um coche atirando beijos á multidão . . . E com isto dôr. Um intervalo e começam a desfilar figuras conhecidas — o conego Firmino do oculos d'ouro, que escrevia sonetos á Virgem, falava do libérdado, ordem e Igreja e preparava-so para bispo, e, perdido no tumulto do cortejo, o grandio Telles Militão, chefe de partido, com a mão no peito, repetindo mechanicamente as grandes phrasos dos seus grandes discursos, o Mello, o Sampaio, o intrujão politico, o janota, o pelotiqueiro, o que faz recados ao ultimo conselheiro, e outras figuras insignificantes e burlescas, tudo confundido e disperso na mesma lama, atraz do andor do Senhor dos Passos da

Graça. A côrte, bambinellas, um estandarte, homens desvairados, desfechando as clavinhas, um côro de revista, cartazes de theatro annunciando as ultimas representações, um redemoinho, uma pausa, um grito de terror, um alucinado que se desespera por falar e não consegue falar, mais restos, um quadro de papelão inexplicavel e confuso, acarretado por homens solemnes, um longo intervalo, mascaras um silencio atroz, e depois Jesus arrastando uma cruz immensa, no esforço de quem carrega o mundo. É um Jesus com seculos de existencia. Cae, ergue-se, e quando se ergue e nos encara, vê-se-lhe a face ignobil, (*S. Cyrillo*) onde se estampam todas as nossas duvidas e todos os nossos crimes. Um hiato, outro redemoinho, e apercebem-se ao fundo, entre a confusão, o terror e o espanto, prisioneiros com as mãos decepadas. Vem ahi a dôr, a mixordia, e uma procissão com uma serie de andores complicados, seguidos por homens que tomam a serio o seu papel. Acompanha-os um doido, que, de quando em quando, bate com a cabeça no chão e exclama: — Fui eu que os criei! fui eu que os criei! — Um rugido de gente desvairada: — Não queremos sofrer mais! não queremos sofrer mais! — E, lá para a obscuridade, não sei que engrenagem se arrasta. que avantesma se desloca a custo, no silencio cada vez mais profundo, entre o terror, a cruel-

dade e o remorso, e mais sombras temerosas que se agitam na sombra, mais multidões confusas, mais risadas e supplicas — e o soluço de quem não quer morrer, de quem lhe custa a morrer. Por ultimo o cahos. Por ultimo a sombra opaca.

Ao quarto dia a situação modifica-se. A tropa fiel concentra-se em volta da cidadela e a rainha passa-lhe revista a cavallo, sob o fogo da população. O telegrapho volta ás mãos do governo. Meia duzia de officiaes novos, substituem os politicos espavoridos. Na Europa a situação tambem melhora, e alguns emissarios do estrangeiro estão reunidos em Palacio...

20 DE DEZEMBRO.

Salão enorme com o tecto arrombado pelas granadas: no alto um pedaço de céu côr de fogo. Atirados para um canto dois cadaveres de soldados, como dois manequins. Grande mesa, cadeiras empertigadas, com coroas a oiro no alto dos espaldares, que só se encontram nos guarda-roupas dos theatros ou nas salas dos conselhos de estado. Pesados reposteiros cahidos e rotos, espelhos, mesas com lacinhos doirados e festões, estilo d'isto, estilo d'aquillo, pompas, farrapos que não tornam a servir, e que parecem mais

*

grotescos com a revolta ao fundo. Á roda da mesa, com tinteiros de metal amarelo e papeis alinhados, alguns homens dispersos ou reunidos em grupos, tres officiaes, um banqueiro, um cardeal e um padre, palidos e glabros, dois typos vulgares vestidos de preto—o conselho d'estado. Um homem preside a esses homens com seculos de vida deante de si, figurinha insignificante, miope, de barba rala, animal de sangue frio, impenetravel e correcto.

—D'hoje em deante a humanidade separar-se-ha em duas castas—os super-homens e os outros. Era fatal.

—Mas o progresso...

—Como em todas as grandes epochas historicas voltaremos á dictadura. Organizemo-nos. Não ha tempo a perder.

Vem de fora o rugido da multidão, estampidos longinquos, o tiroteio da fuzilaria—depois o silencio—depois um bramido de colera. O clarão do incendio projecta-se nas vidraças. O céu arde.

—A vida pertencerá á casta, ao resto da humanidade é necessario encurralal-a na escravidão.

—E quem os ha-de conter?

Um official glorioso e chamuscado entra na sala para receber ordens. E o homem duas vezes lhe repete:

—Acima de tudo a ordem.

As idéas de clemencia em que alguns insistem vão-se transformando, á medida que o ruido do canhão se afasta, em violencia e dureza.

—Fuzilam-se?

—Fuzile, fuzile.

Augmenta o tiroteio, domina-o o estrondo do canhão, e a luz do incendio ilumina a sala como um dia d'agosto. Elle explica, sem se alterar, com laivos de espuma ao canto da bocca:

—Massacram-se. É necessario massacrar-os, massacram-se. A sociedade tem de se reconstituir n'outras bases, a humanidade de se vasar n'outros moldes. Continuemos... Mudou tudo no mundo, o mundo transformou-se. A historia do dinheiro é a historia da nossa vida. É preciso extorquil-o ao cobre, ao chumbo, á desgraça. As grandes questões não são hoje as questões moraes — são as questões economicas. As questões maximas a resolver são as questões de tarifas, as dificuldades de transporte, as questões metalurgicas. Rasga-se a Africa, exploram-se os minerios de Orenza. Unem-se os Creuzot, os de Chatillon Commentry, os de Marine Homécourt. Organizam syndicatos os Krupp, os Tryssen, os Gesen Kirckener. Os Carnegie, os Rockefeller, os Morgan, fazem á sua vontade a fome e a fartura. O globo enche-se de altos fornos, de fios telegraficos, de vias ferreas. O mundo mudou. Já tinha

mudado! já tinha mudado! Em cada homem o homem interior era outro. Já havia duas castas, a casta superior e o rebanho. Agora o super-homem não tem escrúpulos. Melhor: já não tropeça com a morte, assenta sobre bases indestructiveis. Aos outros é preciso contel-os na desgraça, reduzil-os á desgraça — se queremos viver. Reparem: cada vez ha mais gente que cruza os braços e espera, que emudece e espera. A inveja e o odio alastraram como corrosivos. Temos de os conter ou estamos perdidos...

De novo o official ergue o pesado reposteiro vermelho, e troca com elle palavras apressadas e breves.

— Sim, sim, cumpra as ordens e não me interrompa outra vez.

— ...

— Todos.

E rapidamente:

— Mulheres e creanças?

— Todos.

Uma descarga lá fóra — um clamor de desespero no espaço — estilhaços prolongados — um silencio atroz.

E no mesmo tom embirrento, inalteravel e monotono, elle continua:

— Vejamos a situação cara a cara. É preciso.

— Mas como explicar depois nas camaras?...

— As camaras acabaram. Tudo que era perigoso e inutil desapareceu para sempre.

— Quem manda então agora?

— Nós, os super-homens. Não me interrompam... N'este momento acaba de ser varrida a multidão. Dei ordens para que o massacre continuasse. É preciso inculcar-lhes terror. Continuará por muitos dias com excesso.

Abre as janellas de par em par. No céu rubro não corre aragem. O rumor do combate afasta-se...

— E a imprensa?

— Temos de manter a ignorancia e de suprimir a imprensa. D'hoje em diante só são permitidos em todos os paizes os *Diarios Officiaes*, com a publicação de leis e decretos. A imprensa é uma força que só pode existir nas mãos do estado. Custou a comprehendel-o. É restabelecida para os livros a Real Mesa Censoria, suprimido o juri e a liberdade de reunião.

Uma voz avançou:

— Vamos com methodo.

— Já se não ouve rumor. Vamos com methodo... É evidente que estabelecida uma casta, cuja vida se prolongará até duzentos, trezentos annos, suprimida a velhice, arredada a morte para confins ilimitados, esses homens adquirirão a omnipotencia.

— É porque não todos os homens?

— É cruel dizê-lo, mas nós estamos aqui para discutir realidades . . . Se todos os homens podessem viver tanto tempo, todos adquiririam a riqueza e o poder. Em meio século de vida normal, só por excepção ou por acaso o homem sahido das classes pobres chegava ás honras e á plenitude da força. E quando chegava — genio, persistencia ou astucia — chegava velho e exausto. Agora não. E com uma existencia duas, tres vezes secular, quem se resignará á miseria, á fome, ao trabalho? Revoltas, exaspero, o saque... Os senhores querem conservar as suas riquezas, o seu prestigio, e transmitil-o aos seus filhos? Eis a questão... Se sim, as phantasias dos philosophos, as palavras de piedade, de liberdade, de egualdade, de justiça, têm de desaparecer de vez. Para sempre. O mundo é nosso.

— É cruel! — exclamou um homem de negro.

— É assim. Não ha, nunca houve outro processo de governar, senão a corrupção e a força. Sempre foi assim. Até aqui a casta dominante tinha de recrutar e corromper os que saham da multidão anonyma. Agora não.

— E como contel-os?

— Pela ignorancia. O sôro é reservado apenas para alguns genios, para os imperadores e principes e para a gente que dominará o mundo pela

riqueza e pela intelligencia. Faremos caminhar o rebanho no caminho do dever, na ignorancia e na dôr. Para nós a vida consciente... A revolução está dominada em toda a terra. — E mostrou o masso de telegramas accumulado sobre a mesa. — E com atrocidades para que o pavor domine por muito tempo no coração dos fracos. Resta-nos este trabalho colossal: assentar n'outras bases as sociedades humanas. Os paizes da Europa com os da America confederam-se em estados-unidos. Reis, imperadores, a casta, dictarão as leis necessarias. Pertencem-nos os grandes generaes, os grandes banqueiros, todos os poderosos da terra. O poder oculto, decisivo e rapido, deve emanar d'uma cidadela rodeada pela força. O resto da humanidade está destinada a servir-nos.

Outra vez o official, rôto e chamuscado, surgiu entre o farrapo do reposteiro:

— Dispersos, dominados, mortos, mas ninguem contém a soldadesca.

— Nem é necessario. Deixe os soldados na sua obra de destruição.

— D'acordo, d'acordo — assentiram todas as vozes.

E um homem secco, que se ergue do extremo da mesa, vae ao fundo de todas as consciencias:

— É preciso contel-os. A questão é de dinheiro, a questão é de interesses. Queremos defendel-o,

queremos transmitil-o aos nossos filhos. Ou elles ou nós!...

—Essa é que é a questão! — exclamou o banqueiro imponente. — Eis a ferida! No fundo de todas as revoluções só havia uma ideia: tirar-nos o dinheiro. Era na verdade a unica revolução que tinha razão de ser. Custou-lhes a resolver-se, mas lá chegaram enfim, á grande, á logica revolução — á do saque. Era isto que metia medo quando se falava de revolução, era isto que no fundo alvoroçava as massas. Lá chegamos, lá chegamos, porque o resto não passava de engodo. Veio o dia em que o pobre se quiz vingar de ser pobre, e o rico teve medo de ser rico. É claro que isto já não cabia dentro d'isto, este mundo novo dentro do mundo antigo. É preciso contel-os! é preciso contel-os! Criemos agora um mundo que nos pertença. Vencemos — vençamos de vez e para muitos seculos. O oiro é nosso e o mundo é nosso.

— Mas como conservar o povo na dôr, na resignação e no dever? perguntou, teimou, a mesma figura mesquinha, rei de qualquer parte ou de qualquer coisa.

— Cegamol-os. Arrancam-se-lhes os olhos e levamol-os para onde quizermos. Acabaram as revoluções. Nunca mais perderão tempo em luctas estereis. E caleulem, se podem, a que prodigios

levaremos essa multidão anonima, sempre prompta a obedecer, passiva e cega, as maravilhas que poderemos arrancar da massa bruta e fiel, dirigida por homens de sciencia, cujo saber se acumulará durante seculos. Que prodigios!

— De que não gosarão . . .

— E quando o gosaram? As coisas bellas da terra pertenceram sempre aos poderosos.

— É certo.

— Dominal-os-heinos pela ignorancia. — E logo com um sorriso (era a primeira vez que sorria) — E para isso contamos com a Igreja.

— A Igreja está na verdade comnosco, afirmou logo essa figura colerica, o Santo.

Do lado, um d'esses sêres de perfil de judeu, mãos curtas como patas, e unhas roídas até ao sabugo, riu com um riso interior, um glu-glu ironico, mal reprimido. Mas logo o Santo, de pé, respondeu:

— Não se ria, senhor, não se ria, nem atribua as minhas palavras a intuitos mesquinhos. Se ha inferno, se ha outra vida, a todos nós está reservado um futuro de desespero. Mas eu sacrifico-me, a Igreja entende que deve sacrificar-se pela Igreja e pelos pobres. Se a vida humana se prolonga para todos até aos quinhentos annos, como será possível desviar os homens do goso e leval-os para a dor? Que ao menos o

reinado da materia pertença ao numero infimo, para que a Igreja se conserve de pé e adquira em grandeza. Maior será o numero de desgraçados, de ignorantes e de cegos, mais inabalavel será a Igreja, pequena para os conter, nos seus fundamentos. Que querem dizer essas palavras de egualdade e liberdade — de liberdade da qual alguém affirmou: «A liberdade só tem significações absurdas em moral, sinistras ou estupidas em politica». Restabelecido o Santo Officio...

— A infame Inquisição outra vez?!

— Cale-se senhor! A Inquisição era idealista.

— E continuou serenamente: — Sim, metam o pobre dentro de dois muros para que possa atravessar a vida; d'um lado e d'outro ergamos uma muralha (quanto mais alta melhor!) para que possa ir desde o berço á cova, na miseria e na desgraça. Não o deixemos levantar os olhos para não se transviar do rebanho. Os grandes prelados, o Papa, pertencerão á casta, dão a sua adhesão com sacrificio. É assim... E depois Deus disse:

« Bemaventurados os que sofrem porque serão consolados »;

« Bemaventurados os pobres de espirito porque d'elles é o reino dos céos ».

Sacrificamo-nos pela salvação da humanidade. Ceguemoz-os.

— É assim — disse o homem — Suprimida a

instrução, mantidos no dever e na ignorancia pela Igreja e pela Força, restam-nos ainda dias gloriosos e tranquillos. Seremos o Cerebro. Os sabios, os diplomatas, os reis, os homens d'estado pensarão por elles. Outra epoca se vae abrir na historia da humanidade.

— Ceguem-nos! ceguem-nos!

Apagou-se o reflexo do incendio: a primeira claridade do dia ilumina agora o salão enorme, a mesa coberta de papeis em desordem, os dois soldados mortos a um canto, e os Homens lividos, resolutos e transfigurados.

— Isto reduz-se afinal a quê? A que até agora iludiam-se os pobres com palavras e fórmulas. Agora não — cegamol-os. Que lhes resta?

— Resta-lhes a religião. Voltarão de novo ao seio da Igreja.

25 DE DEZEMBRO.

Nas avenidas de legua erram alguns cães famintos, e os vastos colyseus, os hoteis para estrangeiros, desfazem-se em cisco. Os quatro mil habitantes da pequena villa, perdem-se entre o scenario, a lona, as pastas que esfarelam, o estuque que desaba, o cimento que esborôa. Por uma parede arrombada, vê-se o papel da sala de visitas de Adelia, as cadeiras de palhinha, dois casti-

çães de prata, uma mesa derrubada a que falta a base, e, entre dois tabiques, a prima Angelica curvada sobre o mesmo pé de meia, que já tem tres leguas de comprido. Da cathedral, de velho granito, existe a porta, e da muralha antiga um unico panno se conserva intacto, sem ameias, como uma fera a que tivessem partido os dentes... Mas a vida persiste, a vida insiste. Já os habitos tornaram á supuração. Na botica deserta dois homens recommçaram uma partida de gamão. Abriu hoje a repartição de fazenda — e da meza de jogo, com o candieiro em cima, de novo se aproximam, pé ante pé, estas velhas figuras puídas, embrulhadas nos chales sem pello...

Estamos aqui todos á espera da morte! estamos aqui todos á espera da morte!

Foz do Douro — 1916.

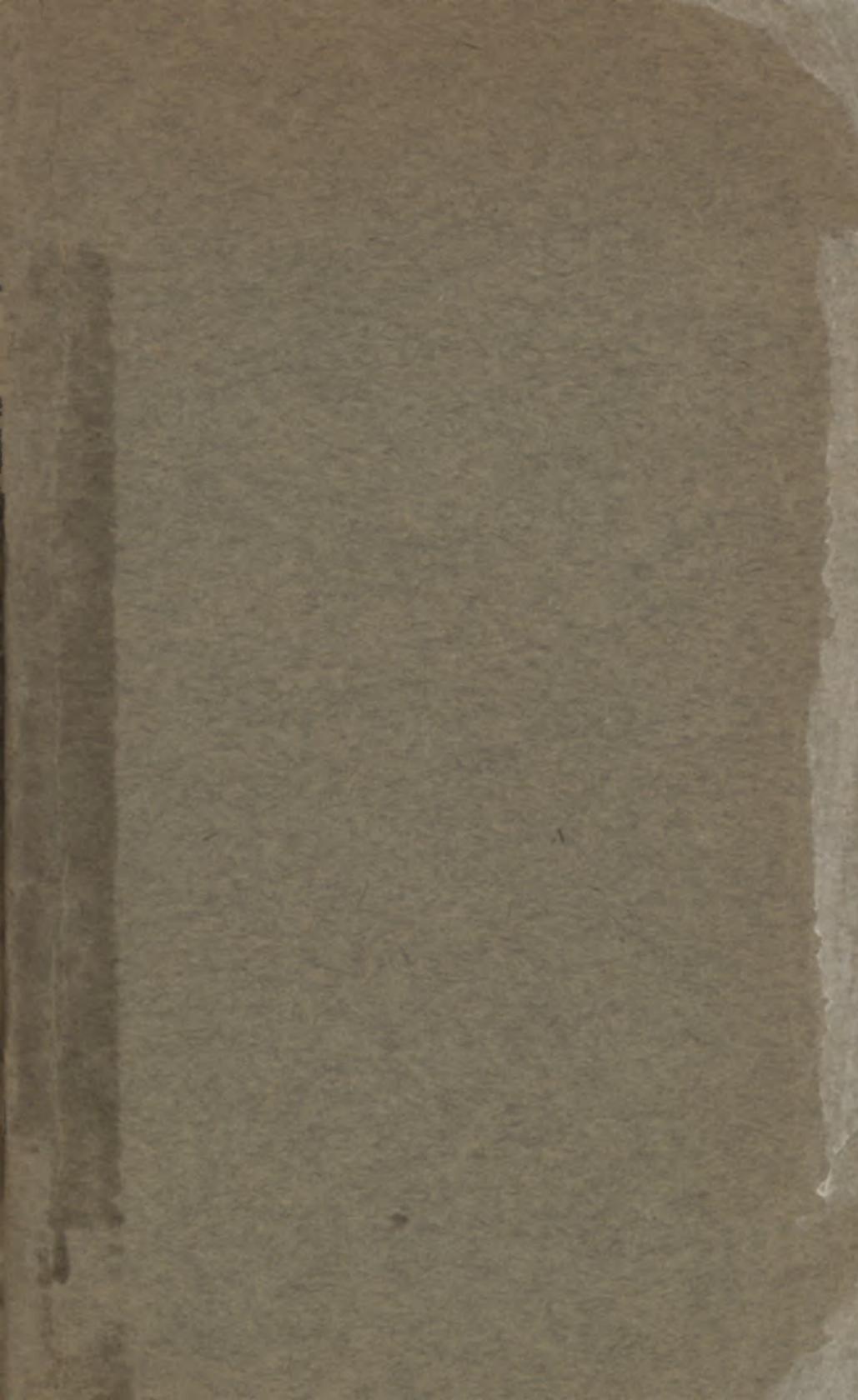
INDICE

	Pag.
1) A villa	9
2) O sonho.	33
3) A villa e o sonho	55
4) Papeis do Gabiru	77
5) Atraz do muro	83
6) O sonho em marcha	95
7) Primavera eterna.	121
8) A mulher da esfrega	137
9) Papeis do Gabiru	159
10) A outra villa	165
11) Deus.	179
12) Noite e desespero	187
13) Novas máximas	219
14) Céu e inferno.	231
15) A vida! a vida! a vida!	259
16) A arvore	279
17) Papeis do Gabiru	291
18) A outra coisa	299
19) Vêm ahí os desgraçados...	311

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 22 DE DEZEMBRO DE 1917.
PORTO



01

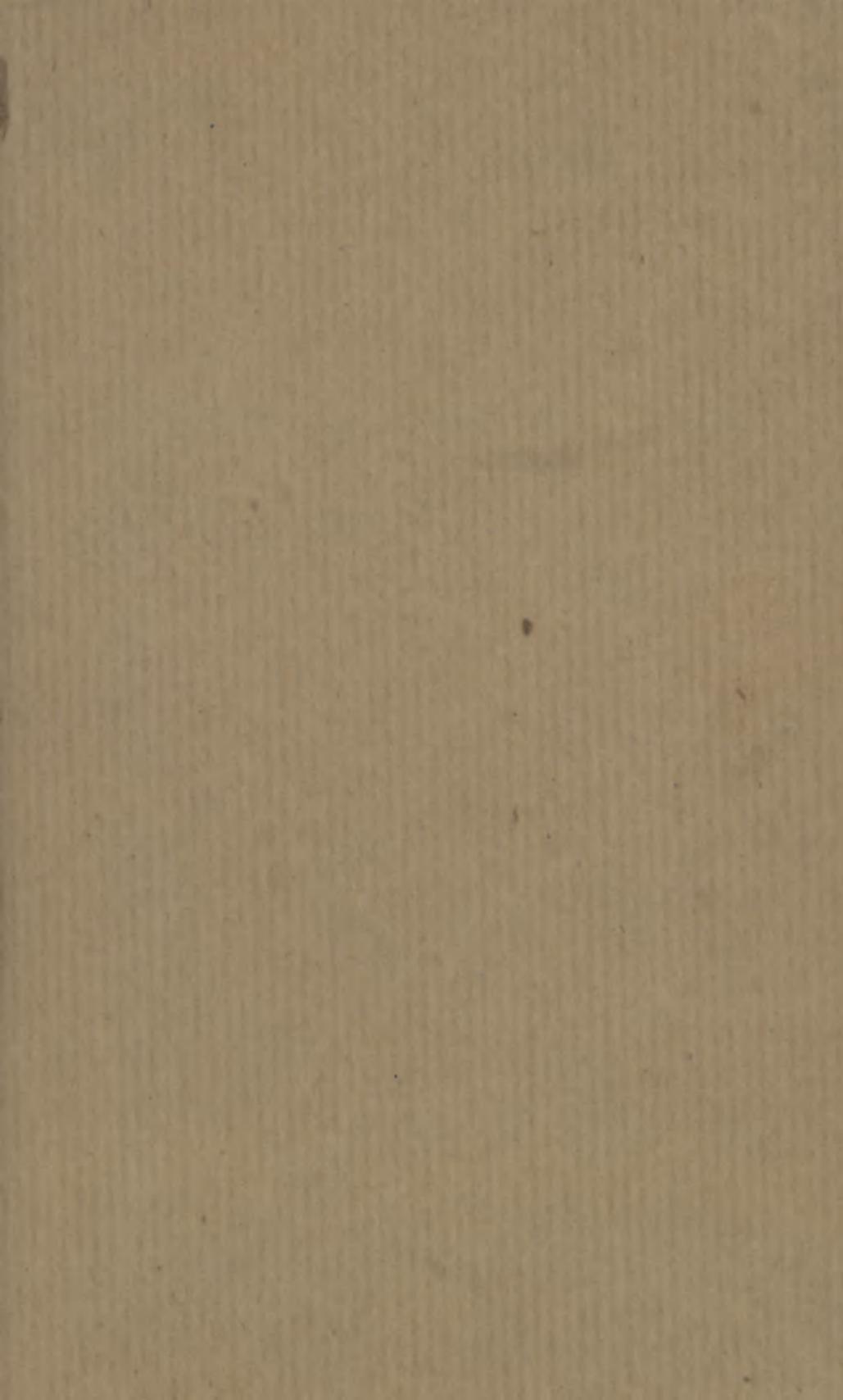


DE RAUL BRANDÃO

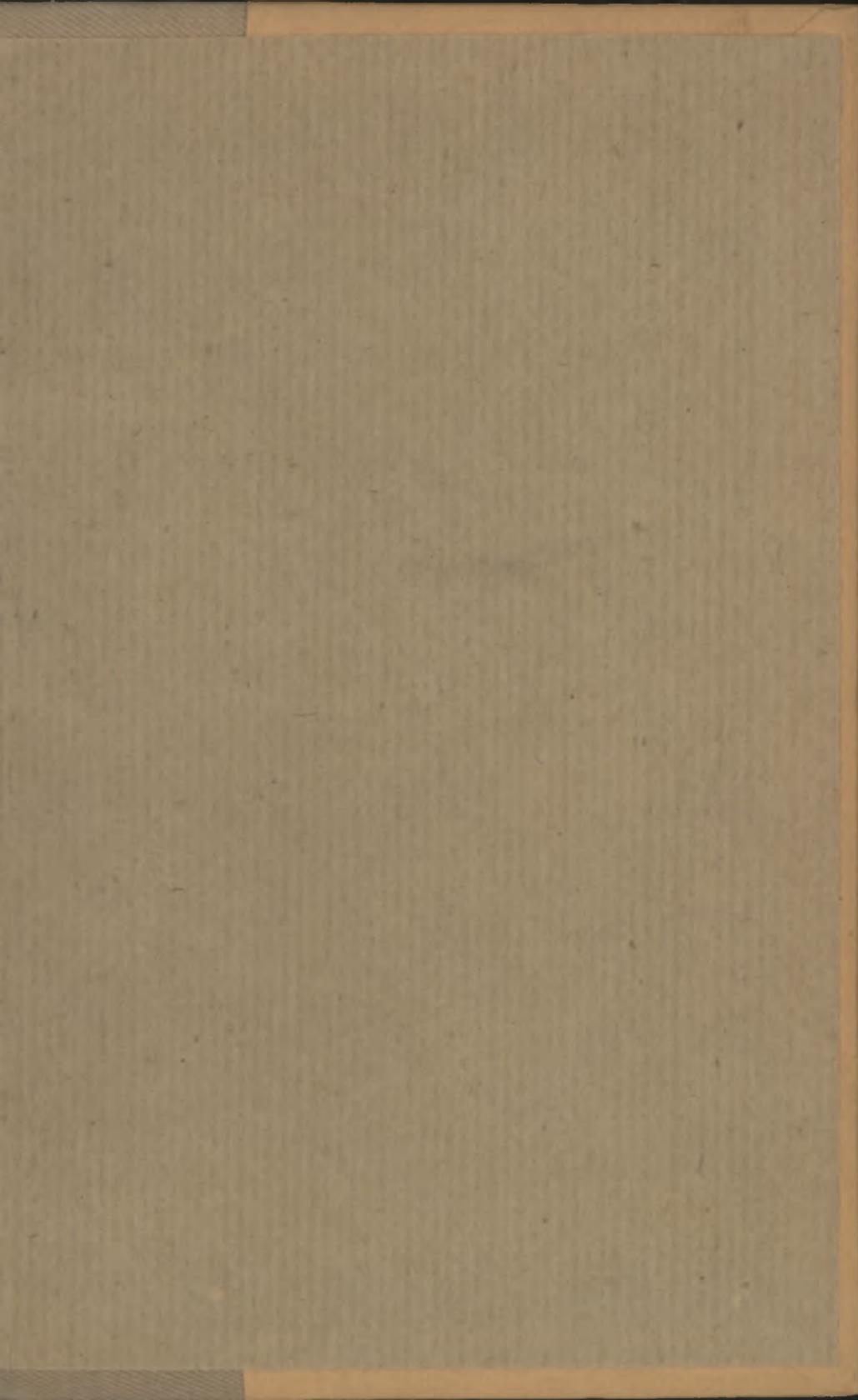
A PUBLICAR-SE

Memorias — 1.º vol.

Theatro cinematographico.









25

25

25

